

INSTITUO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PORTALEGRE

**O Impacto das Novas Tecnologias de Informação e
Comunicação no Adulto**

Dissertação

**Curso de Mestrado Formação de Adultos e
Desenvolvimento Local**

Helena Isabel Ceia Nabais

Orientador: Professor Doutor Carlos Afonso

Portalegre

2010

Glossário de Termos e Abreviaturas

ANEFA – Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos

ANQ – Agência Nacional para a Qualificação

CE – Comunidade Europeia

CENOR – Centro Nacional de Recursos para a Orientação

CIME – Comissão Interministerial para o Emprego

CNQ – Catálogo Nacional de Qualificações

COP's - Conselheiras de Orientação Profissional

EFA – Educação e Formação de Adultos

FSE – Fundo Social Europeu

IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional

IFPA – Instituto de Formação Profissional Acelerada

IOP – Instituto de Orientação Profissional

PNAEBA - Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos

PNE – Plano Nacional de Emprego

POPH – Programa Operacional do Potencial Humano

PRODEP – Programa de Desenvolvimento Educativo para Portugal

RVCC – Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências

TI – Tecnologias de Informação

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

Resumo

Ao longo deste trabalho pretende – se responder às questões ***Qual o impacto das Novas Tecnologias num adulto de baixa qualificação e cujo primeiro contacto com o computador seja feito por meio da frequência de uma acção de formação?*** Uma outra questão que decorre a partir da primeira será: ***Podem as TIC tornar – se algo imprescindível no dia-a-dia do adulto?***

Estas questões são o ponto de partida para a realização deste estudo. Com um carácter mais exploratório tentou - se procurar respostas fazendo uma reflexão sobre a importância do desenvolvimento de competências do adulto no âmbito das novas tecnologias de informação e comunicação, tendo em consideração que estamos na era das novas tecnologias.

São abordados vários conceitos relacionados com a formação de adultos e é tido em consideração o baixo nível de qualificação da grande maioria da população activa portuguesa.

Na segunda parte é apresentada a análise do inquérito aplicado que teve como objectivo principal os canais formais ou informais de aquisição de competências no âmbito das novas tecnologias de informação e comunicação.

Por fim, conclui – se que Portugal tem ainda muitos adultos com um baixo nível de qualificação e com poucas competências no âmbito das TIC. De uma forma geral, os adultos inquiridos não se demonstram muito motivados para a utilização das novas tecnologias, à excepção de duas situações em particular, a primeira se a frequência de uma acção de formação for a curto prazo um meio para arranjar emprego, a segunda situação prende – se com exigências da entidade patronal.

Abstract

Throughout this paper, one aims to answer the following questions, ***what is the impact of new technologies and how it affects a low skilled level adult and whose first contact with the computer is done by attending a training course?*** Another issue that arises from the first is: ***Can ICT become so essential to adult's everyday life?***

These questions are the starting point for this study. Furthermore this study sought more exploratory answers brainstorming the importance of developing skills of adults in the new information technologies and communication, bearing in mind that we are in the era of new technologies.

Various concepts are addressed related to adult training and it is taken into account the low level of qualification of the majority of the active population.

The second part presents the analysis of the survey that aimed to apply the main formal or informal channels for acquiring skills in the new information technologies and communication.

Finally, one concludes that Portugal still has many adults with low skill levels and few skills in ICT. In general the adults surveyed did not demonstrate very motivated to use of new technologies, except for two situations in particular, the first to attend a training course as a way to get a job in a short term, the second situation holds with requirements/demands of the employer.

Índice

I - Capítulo

1. Introdução	11
2. <i>Abordagem Inicial à Formação de Adultos</i>	15
2.1 Combate ao analfabetismo em Portugal	15
2.2 O Estado Novo e a Educação	16
2.3 A Formação de Adultos na década de 90	17
2.4 Primeira abordagem à Orientação Profissional	18
3. <i>Formação Profissional</i>	22
3.1 Formação de Adultos em Portugal	22
3.2 Evolução da Formação Profissional	23
3.3 Formação <i>versus</i> Ensino	27
3.4 Objectivos da Formação Profissional	28
3.5 Diferentes tipos de Formação Profissional	29
3.6 IEFP (Instituto de Emprego e Formação Profissional)	31
3.7 ANQ (Agência Nacional para a Qualificação)	35
4. <i>Formação de Adultos</i>	37
4.1 Tendências da Formação de Adultos	37
4.2 A UNESCO e a Formação de Adultos	38
4.3 A ANEFA (Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos)	39
4.4 A pertinência da Formação de Adultos	40
4.5 Princípios orientadores para a Formação de Adultos	41

4.6 Estruturação da Formação de Adultos.....	43
4.7 O Adulto e a Formação.....	45
<i>5. A utilização das Novas Tecnologias.....</i>	<i>47</i>
5.1 Evolução das Novas Tecnologias	41
5.2 Implementação das Novas Tecnologias na Educação	48
5.3 Objectivos das TIC.....	49
5.4 Importância das TIC na Sociedade Actual.....	50
5.5 O Adulto e as TIC	52
5.6 Literacia Informática.....	53
5.7 O Ensino das TIC.....	54
5.8 Plano Tecnológico da Educação.....	62
 II Capítulo	
<i>1. Inquérito</i>	<i>65</i>
1.1 Análise quantitativa – análise por questionário	65
1.2 Definição da população alvo	65
1.3 Resultados	66
 III Capítulo	
1. Conclusão	112
Anexos	117
Bibliografia.....	131

Lista de Tabelas e Gráficos

Tabela 1 – Dificuldades de aprendizagem em TIC

Tabela 2 – Formas de aprendizagem em TIC

Tabela 3 – Formação de aquisição de competências em TIC

Tabela 4 – Utilização do computador em casa

Tabela 5 – Programas de computador utilizados

Tabela 6 – Programas de computador utilizados

Tabela 7 – Razões para a frequência de uma acção de formação em TIC

Gráfico 1 – Profissão dos inquiridos

Gráfico 2 – Forma de primeiro contacto com as TIC

Gráfico 3 – A aplicabilidade das TIC cruzado com a faixa etária

Gráfico 4 - A aplicabilidade das TIC cruzado com a escolaridade

Gráfico 5 – Habilitações académicas

Gráfico 6 – Formas de trabalhar com o computador cruzado com a situação profissional

Gráfico 7 – Frequência de uma acção de formação em TIC cruzado com a situação profissional

Gráfico 8 – Importância do desenvolvimento de competências em TIC

Gráfico 9 – Pertinência da utilização das TIC a nível pessoal, social e profissional

Gráfico 10 – Formas de aquisição de competências em TIC

Gráfico 11 – Utilização do computador em casa

Gráfico 12 – Utilização da internet cruzado com a faixa etária

Gráfico 13 – Utilização da internet

Gráfico 14 – Pertinência se aquisição de conhecimentos em TIC por razões profissionais

Gráfico 15 - Pertinência se aquisição de conhecimentos em TIC por razões profissionais cruzado com a situação profissional

Gráfico 16 – Razões para a frequência de uma acção de formação em TI por exigências do mercado de trabalho

Gráfico 17 - Razões para a frequência de uma acção de formação em TI por exigências do mercado de trabalho cruzado com a situação profissional

Gráfico 18 – Pertinência de desenvolvimento de competências em TIC para conseguir arranjar emprego

Gráfico 19 - Pertinência de desenvolvimento de competências em TIC para conseguir arranjar emprego cruzado com a situação profissional

Gráfico 20 – Razões para a frequência de uma acção de formação em TIC por interesses sociais e pessoais

Gráfico 21 - Razões para a frequência de uma acção de formação em TIC por interesses sociais e pessoais cruzado com a situação profissional

Gráfico 22 – Aplicabilidade das TIC

Gráfico 23 – Aplicabilidade das TIC cruzado com o nível de escolaridade

Gráfico 24 – Razões para a frequência de uma acção de formação em TIC por exigências da entidade patronal

Gráfico 25 - Razões para a frequência de uma acção de formação em TIC por exigências da entidade patronal cruzado com a situação profissional

Gráfico 26 – Dificuldades em compreender o funcionamento de um computador

Gráfico 27 - Dificuldades em compreender o funcionamento de um computador cruzado com a faixa etária

Gráfico 28 – Pertinência da utilização frequente das TIC

Gráfico 29 - Pertinência da utilização frequente das TIC cruzado com a faixa etária

Gráfico 30 – Hesitação em utilizar o computador

Gráfico 31 – Hesitação em utilizar o computador cruzado com o nível de escolaridade

Gráfico 32 – Conteúdos da formação constituem uma barreira à actualização em TIC

Gráfico 33 - Conteúdos da formação constituem uma barreira à actualização em TIC cruzado com a situação profissional

Gráfico 34 – Internet influencia de forma negativa as razões interpessoais

Gráfico 35 - Internet influencia de forma negativa as razões interpessoais cruzado com a faixa etária

Gráfico 36 – Motivação para a utilização das novas tecnologias

Gráfico 37 - Motivação para a utilização das novas tecnologias cruzado com a faixa etária

Gráfico 38 – Melhoria na qualidade e rapidez do trabalho através da utilização do computador

Gráfico 39 - Melhoria na qualidade e rapidez do trabalho através da utilização do computador cruzado com a profissão

Gráfico 40 – A utilização das TIC proporciona momentos de lazer diferentes e novos

Gráfico 41 - A utilização das TIC proporciona momentos de lazer diferentes e novos cruzado com a faixa etária

Agradecimentos

A realização deste trabalho só foi possível devido à disponibilidade de alguns adultos que se demonstraram sempre muito receptivos para responderem ao questionário com sinceridade para que fosse possível analisar as motivações dos adultos perante as novas tecnologias.

Aos meus colegas, um obrigado também, pela motivação, interesse e encorajamento que em mim depositaram ao longo deste período de trabalho.

Devo ainda agradecer ao Professo Doutor Carlos Afonso que na Escola Superior de Educação de Portalegre foi responsável pelo acompanhamento deste trabalho, lendo constante as versões iniciais e cujas sugestões contribuíram de forma inequívoca para alcançar os objectivos inicialmente propostos, o meu muito obrigado.

I - Capítulo

1. Introdução

Na realização deste trabalho pretende-se verificar se as novas tecnologias implicam alterações comportamentais a nível pessoal, social e profissional num Adulto que tenha frequentado o processo de RVCC (Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências) ou uma acção de formação de Tecnologias de Informação e Comunicação.

Uma das questões passíveis de serem colocadas neste trabalho é a escolhas das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como ferramenta de trabalho, como recurso pessoal ou como instrumento de lazer.

A sociedade actual é cada vez mais tecnológica em todas as suas vertentes, como por exemplo a nível económico ou social, como tal as tecnologias assumem – se como algo imprescindível no dia – a – dia de todos nós. Cada vez mais é necessário o desenvolvimento de competências no âmbito das Novas Tecnologias de forma a fazer face à actual conjuntura económica e ao mercado de trabalho.

A formação profissional no âmbito das TIC é uma das formas de tentar desenvolver competências no âmbito das TIC, é também uma forma de aumentar as qualificações, seja por via formal ou informal, o importante é o acompanhamento da evolução tecnológica

De uma forma geral, inicialmente os adultos têm algum repúdio ao computador, pois, é o seu primeiro contacto, no entanto, após a perda do receio inicial, gostam e começam a utilizar as novas tecnologias no seu dia – a – dia, mas é necessário motivar os adultos para o contacto com o computador ou com outro tipo de tecnologia. A maioria dos adultos acomodam – se, não procuram novas formas de actualizar os seus conhecimentos nem procuram meios que permitam desenvolver novas qualificações que estejam de acordo com as “regras” da sociedade actual.

A sociedade está cada vez mais global e está em constante mutação. Nesta sociedade é “exigido” a capacidade de aprender ao longo da vida e de reflectir sobre a aplicabilidade das aprendizagens efectuadas, como é o caso das TIC, o adulto deve compreender toda a envolvente das tecnologias de informação de forma a conseguir aplicar as suas aprendizagens, seja a nível pessoal, social ou profissional.

A formação de adultos tem como um dos objectivos acompanhar as necessidades do mercado de trabalho de forma a preparar os adultos para uma nova realidade tecnológica.

Este estudo tem como objectivo perceber qual o tipo de alteração que as novas tecnologias proporcionam na vida de um adulto a nível profissional.

De um modo geral o adulto demonstra relutância no contacto com as novas tecnologias, nomeadamente com o computador. Contudo, após algumas sessões esta postura altera-se, pois o próprio consegue perceber as vantagens e a aplicabilidade das novas tecnologias no seu quotidiano.

Ainda de referir os objectivos mais específicos:

- Explicitar os objectivos de uma acção de formação no âmbito das novas tecnologias;
- Analisar o impacto das novas tecnologias no adulto;
- Verificar a adesão (ou não) do adulto às novas tecnologias;
- Verificar a utilização das tecnologias de informação pelo adulto;
- Analisar a aplicabilidade a título profissional das tecnologias de informação pelo adulto.

A pergunta de partida para a investigação é a seguinte: ***Qual o impacto das Novas Tecnologias num adulto de baixa qualificação e cujo primeiro contacto com o computador seja feito por meio da frequência de uma***

acção de formação? Uma outra questão que decorre a partir da primeira será:
Podem as TIC tornar – se algo imprescindível no dia-a-dia do adulto?

No que concerne à selecção do adulto para a realização do trabalho que me proponho a desenvolver, terá como base os seguintes critérios:

- Profissão;
- Idade:
- Conhecimentos prévios no âmbito das Tecnologias de Informação e Comunicação;
- Frequência de uma acção de formação no âmbito da informática;
- Utilização frequente do computador a título pessoal, social e/ou profissional após a frequência da acção de formação.

A maioria dos adultos que frequentam uma acção de formação no âmbito das TIC não tem conhecimentos a nível das novas tecnologias, principalmente no que respeita ao uso do computador. Esta situação deve – se ao facto de os adultos terem um grau de escolaridade baixo e um enorme receio pelo desconhecido, como é o caso dos computadores. Devido ao facto de nunca o terem utilizado não conseguem perceber a possível utilidade do mesmo. Contudo esta situação vai – se alterando com as consecutivas sessões de formação que estes têm que frequentar.

Na decorrer das sessões o formador tem que demonstrar ao adulto as vantagens da utilização do computador, principalmente a nível profissional, para que estes percam o receio inicial de contacto com o computador.

Considero este estudo importante para os vários intervenientes do mesmo. Por um lado, é importante para o formador perceber se existe continuidade ou mesmo aplicabilidade dos conteúdos formativos que são ministrados nas sessões de formação. Por outro lado, perceber a pertinência dos conteúdos formativos e a forma como o adulto utiliza as aprendizagens que efectuou, principalmente a nível profissional, isto é, tentar perceber se após a frequência

da acção de formação de Tecnologias de Informação e Comunicação, o adulto “reverte” as suas aprendizagens em algo útil e que de alguma forma facilite ou ajude a desenvolver as suas práticas profissionais.

O segundo capítulo irá contemplar a apresentação e a análise de um estudo que tem como objectivo verificar o impacto que as novas tecnologias têm no adulto, o grau de interacção destes com as referidas tecnologias, e as formas como os adultos desenvolvem competências no âmbito das novas tecnologias.

Neste capítulo será ainda apresentada a leitura, interpretação e análise dos dados. Este estudo é composto por um inquérito realizado por questionário (análise quantitativa) e o tratamento dos dados será feita em SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), que é um programa que permite a análise de dados estatisticamente.

2. Abordagem Inicial à Formação de Adultos

A Educação de Adultos com pouca escolaridade é um dos campos privilegiados das práticas de educação não escolar. E assim foi ao longo de grande parte da história em Portugal. As experiências de Educação Popular na I República enquadram-se no modelo não escolar.

As práticas de combate ao analfabetismo durante o Estado Novo fomentaram, a conformidade ao modelo escolar. Imediatamente após o 25 de Abril, com crescentes acções de educação permanente, assiste-se à realização de diferentes tipos de experiências de educação de adultos, isto, numa perspectiva não formal e informal, mantendo o seu carácter não escolar.

Em 1933, ano em que é promulgada a nova Constituição da República portuguesa, houve uma reorganização do sistema educativo, com os seguintes objectivos (Adão, Àurea do Carmo, 1956):

- ✦ Proporcionar o ensino de forma sólida e modesta, protegendo as virtudes que ao longo do tempo se enraizaram na Nação, tendo sempre por base o sentimento da Família e da Pátria;
- ✦ Contribuir para o desenvolvimento das universidades e para a aquisição de conhecimentos que sejam indispensáveis e aplicáveis em todas as profissões ou no prosseguimento de estudos;
- ✦ Converter os cidadãos como indivíduos úteis à sociedade;
- ✦ Dirigir o ensino para a tomada de consciência dos interesses gerais do país;

Em 1936 publicou – se a Lei nº 1:941 de 11 de Abril cuja principal finalidade era definir os objectivos do Estado Novo no que concerne à Educação. O Ministério da Instrução Pública passou a designar – se de Ministério da Educação Nacional. Este deu primazia à educação em detrimento da instrução. São aqui impostos livros específicos para cada ano de escolaridade, bem como para cada disciplina. O crucifixo que habitualmente se situava detrás da cadeira

do professor foi também retirado obrigatoriamente, isto no ensino elementar, no público e também no primário infantil.

Esta lei também estabelece a “...criação de uma organização nacional e pré militar que estimule o desenvolvimento da capacidade física, a formação do carácter e devoção à pátria e com condições para apoiar eficazmente a sua defesa” (Barreto, 1996)

Esta organização viria a chamar – se a Mocidade Portuguesa. Pretende – se que esta organização ministre a educação cristã. Como tal, não se poderiam filiar aqueles (exclusivo para homens) que não tivessem uma religião definida. Anos mais tarde é criada a Mocidade Portuguesa Feminina, cujos objectivos vão ao encontro aos delineados pela Mocidade Portuguesa “masculina”.

No início do século XX, Portugal era uma sociedade rural, não havia qualquer preocupação com a educação escolar e o povo não tinha ambições nem credibilidade na educação.

Nos finais da década de 60, início dos anos 70 houve um grande investimento na formação, principalmente na formação profissionalizante direccionada para adultos activos empregados.

Após o 25 de Abril de 1974 assiste – se à dinamização popular da formação de adultos, nomeadamente à alfabetização. Neste contexto cria – se o Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Base para Adultos (PNAEBA), que conferia uma grande responsabilidade interventiva ao estado. Este plano nacional apresentava alguns objectivos, como por exemplo:

- ❖ O desenvolvimento educativo (e cultural) da população;
- ❖ Assegurar permanentemente a educação básica de adultos, quer a nível formal ou informal;
- ❖ Garantir as condições necessárias para que todos os adultos tivessem acesso à alfabetização e consequentemente à escolaridade obrigatória;

- ❖ Assegurar uma melhoria pedagógica nas acções de alfabetização e de educação de adultos.

Contudo, o PNAEBA nunca chegou a concretizar muitos dos seus projectos inicialmente definidos. Seguidamente, na década do 80, Portugal tem acesso aos primeiros fundos comunitários (devido à entrada para a Comunidade económica Europeia – CEE – actual União Europeia), o que permitiu aumentar os agentes formais de educação de adultos e de formação profissional, direccionando – se principalmente para modelos escolares de formação de adultos, que na sua maioria resultavam da exclusão de muitos adultos no que respeita ao acesso à aprendizagem.

Posteriormente, no início dos anos 90 houve um recuo das políticas de educação e formação de adultos, foi dissolvida a Direcção geral que orientava este tipo de formação e foram delegadas competências no âmbito da formação de adultos ao então Ministério da Educação.

Mais tarde, na segunda metade da década de 90 a formação de adultos voltou a adquirir um maior protagonismo na sociedade, principalmente por influência de alguns movimentos internacionais como por exemplo o “Ano Europeu da Educação e Formação ao Longo da vida”, a Cimeira de Luxemburgo e a Conferência de Hamburgo.

No seguimento destes movimentos é criada a Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (ANEFA) em 1999. Trata – se de um organismo público que promove, direcciona e apoia diferentes modelos de educação, nomeadamente a formação de adultos. Da sua intervenção na formação de adultos é de destacar a construção de um referencial de competências – chave para a modalidade de Educação e Formação de Adultos (cursos EFA) em Portugal, a criação de cursos EFA com dupla certificação, isto é, uma equivalência escolar e uma certificação profissional, a criação de um Sistema Nacional de reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC).

Este organismo foi extinto em 2002 e as competências foram delegadas na actual ANQ (agência Nacional para a Qualificação).

Ao falarmos de formação devemos também abordar o conceito de orientação profissional. Trata – se um termo antigo, que era abordado quando se direccionava os jovens para determinado ofício, este conceito era visto como um conselho para os mais novos.

“A orientação profissional ou vocacional é uma parte restringida de todas as definições que referem a orientação profissional, pois esta vem tratar da fusão de problemas educativos e vocacionais originados quando se deseja ajudar jovens a entenderem-se a eles mesmos e quando temos de os preparar para o futuro mundo do trabalho. Essa ajuda centra-se em ensinar-lhes a fazer uso das suas experiências educativas em função das suas eleições futuras.” (Tavares, 2009: 33)

Em Portugal o ensino técnico (e mesmo profissional) foi implantado na segunda metade do século XVII, apesar de nada estável (mal definido) este sistema de ensino conseguiu manter – se durante todo o século XIX. Este tipo de ensino passou por grandes dificuldades no nosso país, uma vez que era pouco valorizado pelas diferentes classes sociais, estas eram incapazes de perceber ou mesmo acompanhar os avanços tecnológicos da época. Apesar deste tipo de mentalidade completamente conservadora, este sistema de ensino acabou por sofrer algumas alterações que foram a base para alguma modernização associada à indústria do país.

O ensino técnico (profissional) encontra – se directamente ligado á habilidade manual, o que não era considerado essencial para a sociedade da época.

Este ensino surgia em contraste aos conhecimentos teóricos “do bem falar”. A cultura social valorizava a boa educação. Esta era baseada no “saber falar” e nos domínios de conhecimentos teóricos e, o “saber-fazer” era também associado a classes sociais mais baixas, ou seja, o ensino técnico (profissionalizante) não era compatível com o ensino teórico que era ministrado nas escolas comuns da época.

Até 1820 (altura em que houve a Revolução Liberal (resultado do descontentamento social do povo português) o ensino técnico era apenas ministrado por instituições de artes e ofícios e por algumas associações de cariz religioso. Contudo, a partir da segunda metade do século XVIII alguns poderes públicos começam também a demonstrar interesse em impulsionar este tipo de ensino, como exemplo, podemos identificar a “Aula do Comércio” de Marquês de Pombal em 1759 e que posteriormente, em 1844 se transformou em “Secção Comercial do Liceu de Lisboa. É a partir deste momento que podemos situar os cursos das “escolas comerciais” introduzidos nas então “escolas industriais”.

No fim do século XIX foram vários os factores que contribuíram para o apoio do ensino técnico, vejamos:

- A expansão económica e industrial portuguesa;
- A afirmação da classe burguesa enquanto classe de poder político;
- A difusão do Positivismo através do alargamento económico e da aquisição de algum poder político da burguesia. O Positivismo foi uma corrente filosófica que em muito contribuiu para a valorização do ensino profissionalizante.

A orientação profissional tem o seu início mais marcante em Portugal por volta de 1900, uma vez que se tentava encontrar o equilíbrio entre a teoria abordada nas escolas e a realidade profissional dos jovens adultos, é também nesta época que se tenta popularizar a educação através do reconhecimento dos direitos humanos, isto é, os trabalhadores iniciaram a sua luta pela dignidade e também igualdade de oportunidades. Esta conjuntura económica e social levou a uma preocupação adicional no que respeita à aprendizagem técnica (de uma profissão dos jovens).

Num passado recente o termo “orientação” estava mais direccionado para os jovens devido à dificuldade que têm em escolher uma profissão, este é sempre um momento importante, pois podem eventualmente fazer escolhas que

influenciam e determinam o seu futuro. Contudo, actualmente devido às alterações e actualizações do mercado de trabalho o conceito de orientação (profissional) já não está apenas direccionado para os jovens, mas também para os adultos que a qualquer momento são obrigados a mudar de profissão. Nos tempos que correm o conceito de “mobilidade” aplicada ao mercado de trabalho é um termo bastante corrente.

A orientação profissional, tal como o próprio nome indica tem como finalidade orientar um individuo para uma nova profissão o que na maioria das vezes implica formação numa fase inicial.

A escolha de uma “nova profissão” não é fácil para indivíduos já adultos, uma vez que esta implica uma escolha profissional e consciente de uma possível actividade profissional. Um outro aspecto também importante é o nível de aspiração que cada sujeito estabelece, quer na sua vida pessoal e/ou profissional em relação a uma profissão, pode fazer diferença no que concerne à escolha de um futuro profissional. É verdade que o futuro profissional é incerto, mesmo que tentemos fazer alguma previsão nada nos irá garantir determinada realidade profissional, temos mesmo que viver com a incerteza, pois, esta faz parte do futuro.

Podemos dizer que a “educação de adultos tem por tarefa satisfazer as necessidades e as aspirações do adulto em toda a sua diversidade” (Dias, 1983: 27). De uma outra forma podemos dizer que a formação / educação de adultos deve ser pensada, estruturada e mesmo organizada tendo em consideração as necessidades do adulto, que na maior das vezes varia consoante a localidade em que se encontram. A formação de adultos deve contribuir para o desenvolvimento local e deve fazer face às necessidades do mercado de trabalho, pois, é pertinente que haja uma aplicabilidade prática dos conceitos abordados nas sessões de formação. É também importante a abordagem de conceitos direccionados para cidadania e para a cultura, pois, tais características fazem também parte da “educação de adultos”, isto porque nos dias de hoje as exigências nacionais a nível de progresso cultural, de justiça e de economia são cada vez maiores.

No âmbito da formação de adultos é também importante abordar a educação permanente (ao longo da vida) de adultos.

Este conceito tem a sua origem na década de 60 e surge devido à crise da educação escolar que se fazia sentir no momento. No início dos anos 70 este conceito já era universalmente aceite, como tal, foi criado em 1976 na Conferência Geral da UNESCO, na sua 19.^a sessão em Nairobi um documento que definiu que “Cada Estado membro deverá: a) reconhecer que a educação de adultos é um elemento constitutivo permanente da sua política de desenvolvimento social, cultural e económico; deverá, por conseguinte, promover a criação de estruturas, a elaboração e a execução de programas e a aplicação de métodos educativos que respondam às necessidades e aspirações de todas as categorias de adultos, sem restrições de sexo, raça, origem geográfica, idade, condição social, opinião, crenças ou nível de educação prévia (...)” (UNESCO, 1976, p. 4).

Neste contexto podemos dizer que a formação de adultos começou a ser pensada de forma diferente, começou a ser encarada como uma necessidade para o desenvolvimento cultural, social e político de um país. A educação deve ser direccionada para todos, independentemente da idade e todos devem ter acesso à educação. Todo este movimento contribuiu para o aparecimento de novos conceitos de educação / formação de adultos que passam a ser a base de futuros projectos direccionados para a educação / formação de adultos.

3. Formação Profissional

Os sistemas de educação nos últimos anos têm sofrido profundas alterações no sentido de se adaptarem às exigências que são impostas pelas frequentes modificações de natureza cultural, social e mesmo tecnológica.

Em Portugal a situação não é muito diferente da generalidade de outros países da União Europeia, principalmente no que concerne às necessidades de formação dos adultos, bem como à pouca escolaridade dos mesmos. A formação inicial de base, ou também designada de formação inicial é em geral assegurada por escolas agregadas ao Ministério da Educação e Centros de Formação ou empresas no âmbito do Ministério do Emprego e da Segurança Social.

A história da formação profissional em Portugal inicia – se (de forma simplista) com a criação da Aula do Comércio no ano de 1859 pelo Marquês de Pombal, mas só no fim do século XIX é que se iniciou a estruturação deste tipo de ensino, neste sentido, é criado em 1836 o Decreto de 18 de Novembro em que o Secretário dos Negócios do Reino, Silva Passos, criou o Conservatório de Artes e Ofícios em Lisboa, com o objectivo principal de instruir a prática em todos os processos industriais.

Mais tarde, em 1852 Fontes Ferreira de Melo criou o ensino industrial que se encontrava distribuído por três graus, o elementar, o secundário e o complementar. Posteriormente e já na segunda metade do século XX foi introduzida uma das maiores reformas no ensino profissional que se prologou cerca de 20 anos com os cursos do Decreto – Lei 37029 de 25 de Agosto de 1948. Veiga Simão em 1970 implementou uma nova reforma no ensino técnico, que melhorou bastante a formação geral. Em 1974 a reforma feita por Veiga Simão foi interrompida devido à revolução, não tendo sido no imediato criado sistemas educativos alternativos à formação.

A formação profissional teve em Portugal o seu início nos anos trinta, orientada para o ensino técnico e formal e direccionada para a classe operária, tem como principais destinatários os jovens.

Posteriormente, na década de cinquenta, a formação profissional adquiriu novas dimensões e diferentes públicos, isto porque surgiram outro tipo de necessidades formativas, nomeadamente, dirigidas para os desempregados (designada de formação profissional acelerada ou de adultos). Por outro lado, surgiram novas necessidades no mercado de trabalho, o que levou ao aparecimento de várias entidades, privadas e públicas, cujo objectivo era a actualização dos profissionais em acções de formação, que regra geral eram de curta duração.

No entanto, a evolução da formação profissional em Portugal não foi acompanhada por “suportes” teóricos que pudessem dar continuidade a este tipo de trabalho. Houve então a necessidade de aprofundar o estudo deste conceito. A Comissão Interministerial para o Emprego (CIME) em Portugal elaborou um documento onde estava incluída a definição de formação profissional, enquanto um “...conjunto de actividades que visam a aquisição de conhecimentos, capacidades práticas, atitudes e formas de comportamento, exigidas para o exercício das funções próprias de uma profissão ou grupo de profissões em qualquer ramo de actividade económica” (Cardim, 2005)

Posteriormente, e com a entrada de Portugal na então CE (Comunidade Europeia) a formação começou a ser definida a partir de uma lógica de apoio ao emprego e com o Decreto-lei nº 405/91 regulou – se a forma como a formação profissional se insere no mercado de trabalho, cujo objectivo era aprofundar os critérios básicos de apoio à formação. Na sequência desta situação houve uma ascensão do Fundo Social Europeu (FSE), o que despoletou um novo paradigma no âmbito da formação, que foi o recurso constante à informação do FSE na tentativa de dar resposta às solicitações sobre a execução da formação. Posteriormente, na década de 90, foram criados Programas Operacionais, alguns deles foram entregues ao Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), estes passaram a constituir formas

de financiamento para programas de formação que já existiam ou novos instrumentos direccionados para o apoio à formação, devido a estas alterações, também o FSE sofreu alterações no seu modelo de gestão.

Devido às alterações no financiamento da formação profissional, as empresas de carácter privado começaram a ter uma maior participação na formação, e adquiriram um papel de entidades organizadoras e promotoras da formação contínua, sendo as instituições relacionadas à Banca e aos Seguros as que mais impulsionaram a formação, isto deve – se principalmente ao facto de possuírem alguma “disponibilidade”, ou mesmo independência financeira.

Mais tarde, em 1995 com a alteração do Governo, definiram – se novas orientações para a formação profissional. Estruturou – se a formação no sentido de um maior alargamento dos objectivos colocados principalmente no domínio do trabalho. Por outro lado, foram colocados em prática planos de desenvolvimento direccionados para a formação, que se baseavam num diagnóstico assente nos Quadros Comunitários, que eram a base de orientação para a formação. Dado isto, o FSE tornou – se um factor estruturante das políticas de formação profissional, contudo, a má gestão deste fundo levou a uma utilização do mesmo de baixa qualidade. Devido a esta situação, em 1996 a legislação de enquadramento do FSE foi sujeita a uma reforma, numa perspectiva essencialmente correctiva. Esta nova regulamentação tentou fazer diferenciação entre as empresas que utilizavam a formação e as que realizavam a formação de forma a desenvolver a credibilidade das acções de formação, bem como a sua qualidade, direccionando a formação enquanto resultado de actividades adequadas. Um outro objectivo desta regulamentação foi a definição do subsídio disponibilizado às empresas, na tentativa de evitar que a formação apenas fosse o resultado de motivações financeiras para as empresas, direccionando assim as acções de formação para o emprego e para a qualificação profissional. Mas, a aplicação desta nova política não foi fácil de aplicar, principalmente devido às dificuldades de cariz organizativo, particularmente no IEFP, uma vez que não houve uma alteração efectiva das políticas de gestão.

Mais tarde, o programa do XV Governo (1999 – 2004) demonstrou preocupações com a formação, particularmente com a formação de adultos, uma vez que a “... Educação permanente para todos os cidadãos, com destaque para os indivíduos e grupos marcados pela exclusão social, nomeadamente no âmbito da articulação estratégica entre a educação e o emprego...” (CARDIM, 2005, pp. 203)

Em 1998 foi criado o Plano Nacional de Emprego (PNE) com diversos eixos de actuação, sendo um deles a melhoria da integração profissional, de forma a melhorar a articulação entre a educação, a formação e o emprego. Mais tarde foi assinado um novo acordo sobre a Política de Emprego, Mercado de Trabalho Educação e Formação, com várias orientações definidas, das quais se destacam:

- ✘ Atribuir a activos o direito a pelo menos 20 horas de formação;
- ✘ Garantir apoio às empresas que ministrem formação a mais de 10% dos trabalhadores em acções de formação contínua;
- ✘ Entre outros;

No que respeita à formação profissional, num conceito mais alargado, pode – se dizer que esta “...para além de complementar a preparação para a vida activa iniciada no ensino básico, visa uma integração dinâmica no mundo do trabalho pela aquisição de conhecimentos e de competências profissionais, de forma a responder às necessidades nacionais de desenvolvimento e à evolução tecnológica” (ALVES, 2001, pp. 127). É pertinente abordar neste contexto a orientação profissional, que visa a “escolha” de uma profissão, o que é de extrema importância, visto que é uma decisão com implicações a médio / longo prazo.

De acordo com Bisquerra (1998) a orientação educativa deve ser vista como algo que não é estático, uma constante formulação de propostas com o objectivo obter melhores resultados direccionados para a intervenção. Devemos ter em consideração que estamos em constante mudança,

principalmente a nível tecnológico, as necessidades do mercado de trabalho alteram – se a um ritmo “galopante”, como tal, a orientação profissional deve ser desenvolvida tendo em consideração estas mudanças constantes, é necessário uma permanente actualização de competências por parte dos adultos.

No entanto, não é fácil a integração dos indivíduos na vida activa, sendo até que por vezes existem algumas dificuldades de adaptação ao local de trabalho. Neste contexto, é pertinente uma pequena abordagem ao conceito de orientação profissional. Este foi evoluindo ao longo dos tempos e direccionado para o processo educativo e para a orientação profissional.

Segundo Claparède (1922, pp.37) a orientação profissional tem como objectivo direccionar um sujeito para uma profissão, na qual ele possa ter sucesso. Este conceito foi abordado ao longo dos tempos por vários autores, com ideias diferentes no que respeita à própria definição de orientação profissional, contudo, estão de acordo quanto ao objectivo principal do conceito, que é “orientar um indivíduo para uma profissão”.

Nos anos 50 e 60 privilegiava – se as potencialidades da educação e também da formação. O crescimento das ofertas educativas e formativas era visto como um requisito praticamente essencial para a qualificação dos recursos humanos. Nesta época a frequência de formação era indicativo de um emprego mais duradouro e mais rentável em termos capitais. Ao contrário do que acontece actualmente, em que o mercado de trabalho caracteriza – se essencialmente pela incerteza. Esta incerteza afectou a forma de encarar a formação profissional. A mobilidade profissional desenvolveu – se ao ponto de podermos dizer que actualmente as pessoas não aprendem uma profissão, mas várias profissões, o que implica uma maior frequência de formação profissional direccionada para a reconversão profissional. Esta situação permitiu ultrapassar a visão estática que predominava sobre a forma de conceber a relação formação / trabalho. A formação desenvolve – se agora em função das necessidades do mercado de trabalho e das “histórias de vida” dos adultos. A formação deixa de ser encarada como um momento formal de aprendizagens

formais, para passar a ser entendida como um processo em que cada adulto ou mesmo cada profissional torna – se sujeito da sua própria formação, dando ênfase às actividades de aprendizagem.

No que concerne ao conceito de formação, este não é fácil de definir, uma vez que é um conceito que engloba o ser humano nas suas diferentes dimensões. A formação pode ser reportada ao domínio pessoal, social ou profissional do adulto.

Este conceito é estudado e definido por vários autores ao longo dos tempos, e evoluído bastante, devido também à dinamização e abrangência da própria formação.

De um modo geral, o conceito de formação surge associado a uma qualquer actividade. “ Assim a formação pode ser entendida como uma função social de transmissão de saberes, de saber – fazer ou de saber – ser que se exerce em benefício do sistema socioeconómico, ou de uma cultura dominante. A formação pode também ser entendida como um processo de desenvolvimento e de estruturação da pessoa que se realiza com o duplo efeito de uma maturação interna e de possibilidades de aprendizagem, de experiências de sujeitos. Por último, é possível falar – se da formação como instituição, quando nos referimos à estrutura organizacional que planifica e desenvolve as actividade de formação.” (GARCIA apud FERRY, 1999)

Numa fase inicial, a formação e o ensino encontravam – se completamente “desligados”, eram conceitos antagónicos. Contudo, com a evolução dos conceitos formação e aprendizagem, estes passam a ser convergentes, uma vez que se inter-relacionam, visto a sua finalidade ser a mesma.

A educação e a formação são conceitos que estão sempre interligados e não podem ser considerados como actos isolados da vida de um indivíduo, pelo contrário, deve ser vistos como um processo que se desenrola ao longo da vida, é primordial o investimento pessoal na formação de cada um, até porque cada vez mais o mercado de trabalho está mais exigente e procura

profissionais com capacidades pessoais e técnicas nas diferentes áreas profissionais.

Em Portugal continuam a existir taxas de desemprego muito elevadas, muitos trabalhadores em situação precária de emprego, a entrada de jovens na vida activa sem qualquer tipo de qualificação profissional, pelo que é necessário dar uma resposta a estas realidades, que na sua maioria, é a formação profissional.

A formação profissional pode ser uma solução para uma região com problemas a nível de oferta de emprego, uma vez que esta contribui bastante para o desenvolvimento local. O planeamento da formação profissional deve ser efectuado tendo em vista a criação de novos postos de trabalho.

Actualmente uma das tendências da formação tem sido a descentralização, bem como a regionalização, isto no que concerne à definição dos objectivos da formação, bem como à própria gestão. “Os processos recentes de regionalização dos sistemas de formação estão contudo pouco problematizados teoricamente, o que pode estar associado a um efeito de persistência da concepção da relação entre a política de educação e formação e a promoção do desenvolvimento que privilegia o Estado Central e a definição de objectivos de desenvolvimento nacional” (Pedroso, 1997).

Deste modo a formação é um instrumento que visa garantir o desenvolvimento local. São identificadas necessidades formativas existentes e tenta – se colmatar essas necessidades tendo por base os percursos profissionais dos adulto destinatários à frequência de determinado percurso formativo. “Este contributo da formação – que pode ser medido na produtividade da força de trabalho e na educação dos níveis salariais – encontra a sua maximização quer em contextos em que os fenómenos de desemprego são negligenciáveis, quer em contextos em que eles se circunscrevem à força do trabalho não qualificado ou pouco qualificado” (Pedroso, 1997).

Neste contexto, o ponto de partida deve ser a aposta na mobilidade de formandos que se encontram em regiões mais desfavorecidas, onde por norma

existem poucas ofertas de emprego. A formação profissional deve então ser concebida com vista ao incentivo do crescimento económico, é de extrema importância os diferentes tipos de incentivos à formação profissional, independentemente do sector de actividade, “... a formação profissional deve ser vista não como uma política sectorializada e autónoma mas como um instrumento integrado, ao nível regional, nas políticas de animação económica” (Cf. BULGARELI, 1990 apud Pedroso, 1997).

A formação visa também combater problemas sociais e a crise social, uma vez que através da educação e da formação aumenta a produtividade o que permite a competitividade e o crescimento dos mercados.

A formação é um conceito que nos direcciona para adultos, de forma a distinguir – se do ensino tradicional direccionado para os mais jovens. Na formação (de adultos) procura – se proporcionar aprendizagens através de experiências de vida pertinentes no sentido do saber – fazer e não apenas o saber – saber, recorrendo sempre que possível a situações práticas que se possam inter-relacionar com as diferentes experiências de vida do adulto que frequenta determinada acção de formação. Desta forma, a formação tenta a maioria das vezes colmatar algumas lacunas (principalmente de cariz prático) do ensino inicial que é demasiado centrado na aquisição de conhecimentos teóricos.

Existem diferentes tipos de formação:

Cursos de Especialização Tecnológica:

Os cursos de Especialização Tecnológica são cursos pós-secundários não superiores, mas que conferem uma qualificação profissional de nível 4, tem como objectivo colmatar as necessidades verificadas, nas empresas, ao nível de quadros intermédios;

Cursos de Educação e Formação para Adultos

Os cursos de Educação e Formação para Adultos tem como finalidade elevar os níveis de habilitação escolar e profissional da população portuguesa adulta,

de modo a que educação e formação proporcione condições de empregabilidade e certifique as competências adquiridas ao longo da vida.

Formação Modular Certificada

A Formação Modular Certificada tem como objectivo o desenvolvimento da oferta de formação contínua, integrada no Catálogo Nacional de Qualificações (CNQ), com vista ao completamento e à construção progressiva de uma qualificação profissional. Esta formação propõe-se a colmatar possíveis lacunas de conhecimentos detectadas pelo adulto no decorrer da sua vida profissional.

Programa Portugal Acolhe - Português para Todos

O Programa Portugal Acolhe – Português para Todos tem como finalidade proporcionar à população imigrante, residente em Portugal, o acesso a um conjunto de conhecimentos indispensáveis, promovendo a capacidade de expressão e compreensão da língua portuguesa e o conhecimento dos direitos básicos de cidadania.

Conclusão do 12.º ano incompleto

As vias de conclusão do nível secundário de educação são respostas criadas, no âmbito do Decreto-Lei n.º 357/2007, de 29 de Outubro, para quem frequentou, sem concluir, percursos formativos de nível secundário de educação, desenvolvidos ao abrigo de planos de estudo já extintos ou em processo de extinção.

Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências – RVCC

Enquadrado nas Novas Oportunidades, o processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC) permite aumentar o nível de qualificação escolar (RVCC Escolar) e profissional (RVCC Profissional) do adulto, através da valorização das aprendizagens realizadas ao longo da vida.

A formação (ao longo da vida) constitui cada vez mais um instrumento essencial para qualquer adulto. Cada vez mais as empresas são competitivas

no mercado e mais selectivas em relação aos seus colaboradores, o que torna a formação profissional algo imprescindível. O adulto procura a formação como uma forma de melhorar as suas qualidades profissionais, estamos na era das Novas Tecnologias, quem não conhece, também não evolui, este é um dos maiores motivos que levam o adulto a procurar formação. É necessário por parte do adulto a capacidade de adaptação constante a novas situações, bem como a aquisição de mais qualificações, ou seja, desenvolver mais competências. A aquisição destas competências pode ser desenvolvida de forma informal ou formal (formação).

O processo de formação conhece – se através de desafios e a aceitação desses desafios por parte daqueles que frequentam as acções de formação.

O objectivo inicial dos percursos de formação foi o afastamento da estrutura escolarizada e demasiado rígida, se direccionada para adultos, cujos objectivos se definiam por:

- ✘ Estruturar de forma contínua os diferentes conteúdos de modo a facilitar a lógica dos planos de formação;
- ✘ Incentivar à reflexão com base nos diferentes percursos individuais de formação;
- ✘ Promover a articulação entre os conteúdos que são desenvolvidos na formação e a componente prática;

Desta forma, podemos dizer que “... o processo de formação põe a tónica no inventário dos recursos experienciais acumulados e das transformações identitárias.” (Josso, 2002: 31)

Com o evoluir do conceito de formação e com o surgimento de novas modalidades foram criadas instituições de apoio à formação profissional, como por exemplo o IEFP (Instituto de Emprego e Formação Profissional).

O IEFP foi criado em 1979 pelo Decreto-lei nº 519 – A2/79 de 29 de Dezembro, cujo objectivo era a participação deste instituto na concepção política global de emprego. Este é o resultado da fusão de diferentes

organismos que desenvolviam a sua actividade nos domínios do emprego e da formação profissional. Os primeiros passos do IEFP foram dados em 1962, na época Portugal encontrava – se num processo de reestruturação industrial, a taxa de desemprego era elevada e a maioria dos portugueses não tinham habilitações adequadas para fazer face ao novo conceito de industrialização que se fazia sentir.

Perante esta situação houve necessidade de uma reorganização de mão-de-obra qualificada, era necessário reclassificar os operários e dar – lhes formação profissional adequada às novas características do mercado de trabalho. Devido a esta situação surgiu então o Instituto de Formação Profissional Acelerada (IFPA) regido pelo Decreto – Lei nº44/538 de 23 de Agosto de 1962.

Posteriormente, em 1964, devido à contínua falta de pessoal qualificado entrou em funcionamento o primeiro Centro Nacional de Formação de Monitores com colaboração directa com o IFPA, cujo objectivo principal era a preparação de pessoal qualificado.

Nos primeiros Centros de Formação é desenvolvido o Sistema de Formação Profissional Acelerada ou, também designado de Formação Profissional para Adultos com o intuito de qualificar trabalhadores num curto espaço de tempo em determinadas áreas profissionais consideradas prioritárias na altura, como por exemplo, na electricidade, na construção civil e na metalomecânica.

Mais tarde, em 1970 as necessidades de formação alteraram – se, cada vez mais o indivíduo é também valorizado pelas suas capacidades pessoais e sociais. Devido a esta nova realidade e após a revolução do 25 de Abril em 1974, é então criado o Instituto de Emprego e Formação Profissional (em 1979). Este organismo possui autonomia administrativa e financeira e foi criado com o objectivo de integrar numa única instituição a execução de políticas de emprego e de formação profissional.

Uma outra Instituição criada no sentido de dar resposta às necessidades formação foi o CENOR – Centro Nacional de Recursos para a Orientação, no entanto, este organismo tem a sua esfera de actuação a nível europeu.

O CENOR está integrado na Rede Europeia “Euroguidance” – que opera no âmbito de programa “Leonardo da Vinci” – Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida – e é co-financiado pela Comissão Europeia e pelo Ministério da Educação Português.

O principal objectivo deste Centro é desenvolver a dimensão europeia no que respeita aos sistemas nacionais de educação, formação e orientação, partilhando com os outros países da rede os métodos de trabalho e as práticas inovadoras.

Como objectivos destacam – se:

- ❖ Contribuir para uma maior mobilidade e partilha na educação e na formação;
- ❖ Fomentar a dimensão europeia no que concerne aos sistemas nacionais de educação e formação;

Por outro lado, compete esta instituição:

- ❖ Divulgar e gerir a informação no que respeita a oportunidades, quer educativas, quer formativas, níveis de qualificação e certificação, isto a nível nacional e europeu;
- ❖ Desenvolver materiais formativos e informativos;
- ❖ Retribuir com recursos de orientação e de mobilidade transnacional, no seio da rede.

O IOP (Instituto de Orientação Profissional) é também uma instituição relacionada com as diferentes directrizes da formação. Este foi criado em 1925 com o objectivo principal de orientar os jovens para uma formação adequada às suas necessidades. Este tem como principal objectivo a orientação escolar e profissional de jovens e adultos.

Por outro lado, temos o PRODEP (Programa de Desenvolvimento Educativo para Portugal – surgiu na década de 90), trata – se um programa cujo objectivo principal é o desenvolvimento da Educação em Portugal, de entre as suas acções destacam – se:

- ❖ Evolução para a escolaridade básica de 9º ano;
- ❖ Criação e também o desenvolvimento do ensino profissional (nível secundário e qualificação profissional de nível III);
- ❖ Formação contínua de docentes;

Podemos ainda destacar outros objectivos, tais como:

- ❖ Impulsionar a Aprendizagem ao Longo da Vida e tentar melhorar a Empregabilidade da População Activa;
- ❖ Melhorar a qualidade da educação básica;
- ❖ Diversificar a formação inicial de jovens;

Um outro programa que se desenvolveu no âmbito da formação foi o POPH (Programa Operacional do Potencial Humano). Este tem como principal missão melhorar as qualificações da população portuguesa.

As áreas de intervenção do POPH são:

- ❖ Qualificação inicial;
- ❖ Aprendizagem ao Longo da Vida;
- ❖ Gestão e Aperfeiçoamento Profissional;
- ❖ Formação (técnica) avançada;
- ❖ Cidadania;
- ❖ Desenvolvimento Social;

Este programa tem como finalidade estimular o potencial de crescimento da economia portuguesa, tendo por base a formação dos seus vários domínios. Apresenta como prioridades:

- ❖ Aumentar as qualificações da população portuguesa, sendo o nível secundário de escolaridade o referencial mínimo proposto;
- ❖ Impulsionar o conhecimento científico (técnico);
- ❖ Estimular a criação de emprego e o empreendedorismo;
- ❖ Promover a igualdade de oportunidades;

Por fim, ainda de referir a ANQ (Agência Nacional para a Qualificação), trata-se de um instituto público que se encontra integrado na administração indirecta do Estado, uma vez que está sob a tutela de dois Ministérios, nomeadamente, o Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social e o Ministério da Educação, mas, possui autonomia financeira, administrativa e pedagógica.

Nos dias de hoje a formação / educação não deve ser encarada como a primeira etapa que antecede a entrada no mercado de trabalho, mas como um processo inerente ao percurso profissional.

Este percurso profissional é praticamente exigido por uma larga maioria de empresas, pois, nos dias de hoje é extremamente valorizado o percurso formativo do adulto. Ao contrário do que alguns adultos pensam, nunca é tarde para aprender ou para desenvolver novas competências numa nova área profissional, a aprendizagem ao longo da vida é valorizada independentemente da área em que se desenvolva, o importante é aprender.

Todos devemos ter em consideração que a formação permite elevar o nível geral de competências do cidadão, coopera na progressão dos indicadores económicos, como por exemplo, a produtividade, a taxa de desemprego, os indicadores sociais, todos estes indicadores em conjunto irão gerar uma melhoria acentuada das condições de vida dos cidadãos.

As entidades locais devem ter em consideração este indicadores, e promover a formação profissional, tendo em consideração as necessidades locais dos adultos.

4. Formação de Adultos

A formação de adultos na Europa teve o seu início no fim do século XIX e no decorrer das primeiras décadas do século XX com os cursos nocturnos, os círculos de estudo, as universidades populares e as extensões universitárias. Em 1949 na Dinamarca decorreu a Conferência Internacional de Educação de Adultos de Elsenaur, onde se evidenciou a importância de a formação estar de acordo com as necessidades e inspirações de cada pessoa ou grupo, e de cada comunidade (nacional ou regional). Posteriormente, um segundo momento importante na história da formação de adultos é a Conferência Internacional de Educação de Adultos (realizada em Montreal no Canadá em 1960), cujo tema principal era a formação de adultos num mundo em constante evolução e transformação. Existe nesta conferência a noção das mudanças tecnológicas presentes e futuras e de todo o progresso científico e tecnológico associado a estas mudanças.

Segue – se a terceira Conferência Internacional da Educação de Adultos, em Tóquio (1972) onde se debate a importância de a formação de adultos obter um papel mais activo no que respeita ao desenvolvimento, uma vez que “...a educação de adultos interage com o desenvolvimento económico, que carece de ser compreendido e orientado, não só para fazer face a problemas antigos, como o atraso dos meios rurais em relação aos urbanos, e a distância das periferias aos centros, mas também a problemas novos, como os que emergem com a destruição do meio ambiente, e a passagem de uma “civilização industrial” para uma “civilização pós-industrial” ou “científica”.” (BELCHIOR, 1990)

Foi também retratado nesta Conferência o facto de a educação de adultos se relacionar com o desenvolvimento cultural e com o desenvolvimento económico, bem como, as implicações para a formação e para o adulto que resultam desta interacção. Posteriormente foram ainda realizadas outras Conferências neste âmbito, sempre com o objectivo de dinamizar e estruturar a formação de adultos.

Também de referir a importância da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação e Ciência) para o desenvolvimento da formação de adultos. Nos anos 60/70 esta organização começou a tentar possuir o domínio da educação de adultos e foi a partir deste momento que diferentes práticas foram reunidas e escritas por uma organização de renome internacional. O ponto essencial era a educação permanente que era abordada enquanto conceito teórico. A UNESCO pretendia fazer evoluir as mentalidades e a cultura através da educação, bem como ajudar a sociedade a acompanhar os progressivos avanços tecnológicos que se faziam sentir na época.

Neste contexto a UNESCO elaborou um documento sobre a educação de adultos que foi tornado público em Nairobi em 1976, do qual constava a educação de adultos definida como “a totalidade dos processos organizados de educação, qualquer que seja o conteúdo, o nível ou o método, quer sejam formais, ou não formais, quer prologuem que substituam a educação inicial ministrada nas escolas e universidades ou se apresentem sob a forma de aprendizagem profissional, graças aos quais as pessoas consideradas como adultos pela sociedade a que pertencem desenvolvem as suas aptidões... na dupla perspectiva de um desenvolvimento integral do homem e de uma participação no desenvolvimento social, económico e cultural, equilibrado e independente” (UNESCO, 1976).

A educação de adultos é aqui apresentada na sua totalidade, direcciona – se para todos os adultos, independentemente de terem tido ou não acesso à educação tradicional (escolar).

Posteriormente desenvolveram – se alguns movimentos sociais, nomeadamente, operários e mesmo sindicais e até culturais, estas situações estenderam – se à formação de adultos. Desta forma, a educação de adultos começou a fazer parte do mundo profissional, por meio da formação profissional (Finger, 2005).

A ideia de educação é por muitos associada à escola (estrutura formal) em detrimento de políticas educativas direccionadas para a formação de adultos.

Um grande impulsionador da formação de adultos em Portugal foi a Agência Nacional para a Educação de Adultos (ANEFA), esta instituição foi criada em 1998 e desenvolveu um conjunto de novas actividades direccionadas para a formação, particularmente para a formação de adultos, desde a validação e certificação de competências a novos tipos de acções de formação destinadas a adultos.

No entanto, o objectivo da agência não era unicamente a formação / educação de adultos. Como tal, o XIV Governo definiu que a área de intervenção da ANEFA fosse a educação permanente de adultos, mas, com destaque para os sujeitos e/ou grupos marcados pela exclusão social, com o objectivo de articular a educação e o emprego. Por um lado, a agência tinha uma área de intervenção direccionada para a educação integrando (sempre que possível) acções de educação de carácter profissionalizante, por outro lado, o IEFP tinha uma intervenção de carácter misto, ou seja, educativo e formativo.

Mais tarde, em 2003, houve novamente mudança de Governo o que levou a algumas alterações nas linhas estruturais de formação / educação de adultos. Este Governo enfatiza também a formação enquanto qualificação profissional de adultos, coloca como prioridade a formação profissional enquanto factor económico.

Posteriormente surgiu a Agência Nacional para a Qualificação (ANQ) que veio substituir a ANEFA, é também uma instituição pública, que se encontra sob a tutela dos Ministérios do Trabalho e da Solidariedade Social e o Ministério da Educação. A ANQ tem como principal função a coordenação e execução de políticas de educação e formação profissional.

A ANQ coordena políticas de educação e formação profissional, tanto de jovens como de adultos, faz também parte das suas atribuições o desenvolvimento, bem como a gestão do sistema de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC). Esta agência tem como principal objectivo fomentar o nível secundário como qualificação mínima para a população portuguesa

Os principais objectivos da ANQ são:

- ❖ Combater a exclusão social, principalmente no que respeita ao abandono escolar e à inserção precoce dos jovens na vida activa;
- ❖ Coordenar a oferta de educação e formação profissional (de dupla certificação);
- ❖ Gerir e desenvolver o sistema de RVCC;
- ❖ Participar na avaliação e incentivar a qualidade das ofertas de formação;
- ❖ Proceder à coordenação e dinamização da oferta educativa e formação profissional;
- ❖ Gerir o Catálogo Nacional de Qualificações (CNQ) que é um instrumento de gestão estratégica de qualificações de nível não superior que integra o Sistema Nacional de Qualificações (Decreto-Lei nº 396/2007 de 31 de Dezembro).

Nos últimos anos, a formação de adultos tem vindo a crescer consideravelmente no nosso país, o que se deve às acções de formação profissional direccionadas para a escolarização de adultos, que têm o seu reflexo no desenvolvimento local. “A relação entre educação de adultos e desenvolvimento local tem sido estruturada do ponto de vista teórico, *grosso modo*, de duas formas complementares: por um lado, vê-se a educação de adultos como um elemento importante de desenvolvimento local; e encaram-se, por outro, os processos de desenvolvimento local (ou pelo menos parte deles) como espaços privilegiados de educação de adultos.” (LOUREIRO E CRISTOVÃO, 2005)

Podemos dizer que a formação de adultos contribui de forma extensiva para o desenvolvimento local, principalmente em zonas rurais ou desertificadas, onde a escolaridade dos residentes é muito baixa. De acordo com Rui Canário (1999) o desenvolvimento local “... designa práticas de articulação entre a

educação de adultos e o desenvolvimento a uma escala local, com forte valorização da participação directa dos interessados.” (CANÁRIO, 1999)

Existe cada vez mais uma preocupação com a alfabetização dos adultos, mesmo por parte de organizações governamentais. A formação (educação) de adultos deve ir ao encontro das necessidades dos adultos e às realidades locais das populações, aproveitando os recursos já existentes e cooperando com o desenvolvimento local.

Este processo tem um valor formativo enorme, uma vez que a formação de adultos, ajuda as pessoas a conhecerem – se melhor e a valorizar – se, pessoal e profissionalmente. A formação de adultos pode (e deve) ser considerada com um acto educativo, que passa também por um processo de socialização, devido ao contacto com diferentes tipos de realidades. A formação de adultos tem em consideração as diferentes experiências do adulto, sejam formais, não formais ou mesmo informais. As experiências vivenciadas pelos adultos são reconhecidas no processo formativo, seja na actividade profissional, em actividades de lazer, em situações públicas ou privadas, todas estas experiências são aproveitadas de forma educativa na formação de adultos. Segundo António Nóvoa (1988) “o adulto em situações de formação é portador de uma história de vida e de uma experiência profissional (...) Mais importante do que pensar em formar este adulto é reflectir sobre o modo como ele próprio se forma, isto é, o modo como ele se apropria do seu património vivencial através de uma dinâmica de compreensão retrospectiva.” (CANÁRIO, 1999)

As instituições estatais, bem como as instituições privadas, principalmente aquelas que se direccionam para o desenvolvimento local têm um papel determinante na educação (formação de adultos).

De acordo com António Nóvoa (1988) existem seis princípios que devem servir para a orientação de um projecto de Formação de adultos, vejamos:

1. Qualquer adulto que esteja em situação de formação possui uma história de vida e uma experiência profissional que deve ser explorada no contexto da formação;
2. A formação é sempre um processo em que existe uma transformação individual a nível do saber, saber-fazer, e do saber-ser;
3. “A formação é sempre um processo de mudança institucional, devendo, por isso estar intimamente articulada com as instituições onde os formandos exercem a sua actividade profissional” (CANÁRIO, 1999 apud Nóvoa)
4. Formar não é apenas transmitir determinados conteúdos às pessoas mas trabalhar em conjunto determinadas situações – problema;
5. A formação deve ser desenvolvida de forma estratégica de modo o promover nos formandos as competências necessárias para que estes consigam aplicar os conteúdos (teóricos e práticos) ministrados na formação;
6. Aproveitar e saber utilizar os conteúdos que lhes foram transmitidos;

A formação é algo que se constrói ao longo da vida. Podemos mesmo considerar que todos os momentos pelos quais passamos são formativos, é um processo de desenvolvimento individual.

A formação inter-relaciona – se com o desenvolvimento local que pode ser visto como um processo colectivo de aprendizagem.

De acordo com Alberto de Melo e Priscila Soares (1994) “(...) o desenvolvimento local é, antes de mais, uma vontade de melhorar o quotidiano; essa vontade é feita de confiança de recursos próprios e na capacidade de os combinar de forma racional para a construção de um melhor futuro. É aquilo a que se chama frequentemente a “cultura de desenvolvimento”: a situação atingida por uma população ao sentir – se e ao capacitar – se para analisar os problemas actuais, para pôr em equação necessidades e recursos, para conceber projectos de melhoria integrando as dimensões de espaço e de tempo e para, enfim, abranger com esses projectos

finalidades de desenvolvimento global – pessoal como colectivo económico, cultural e sociopolítico” (CANÁRIO, 1999: 29/30).

O desenvolvimento local implica a intervenção activa de “actores locais” e é isto que permite transformar um processo de desenvolvimento local (direccionado para determinada comunidade) num trabalho que em colectividade tem um resultado para a própria comunidade que dele usufrui, com o objectivo de conhecer determinada realidade e transformá-la em algo mais proveitoso.

A formação de adultos deve ser estruturada tendo em consideração o facto de se direccionar para adultos, isto porque, ao contrário da formação de jovens onde o professor decide e controla todo o processo de aprendizagem, o adulto tem autonomia e capacidade para decidir o modo como “se forma”.

Rui Canário (1999) estruturou da seguinte forma o modo como o adulto processa as suas aprendizagens:

Necessidade de saber: Antes de iniciar um qualquer processo de aprendizagem, o adulto tem a necessidade de conhecer a utilidade/aplicabilidade dessa aprendizagem.

Conceito de si: o adulto tem consciência da sua responsabilidade, como tal deve ser tratado como indivíduo capaz de se auto gerir;

Papel da experiência: o adulto é portador de uma experiência o que constitui um recurso mais rico para as suas aprendizagens;

Vontade de aprender: o adulto está disposto a iniciar um processo de aprendizagem desde que perceba a sua utilidade, no sentido de melhorar problemas reais da sua vida pessoal, social e profissional;

Orientação da aprendizagem: no adulto, a aprendizagem é orientada para a resolução de problemas e tarefas com que se debatem no seu dia-a-dia ;

Motivação: o adulto é sensível a incentivos de natureza externa como por exemplo, promoção profissional. No entanto o principal factor de motivação para a realização das aprendizagens é de natureza interna, como por exemplo a satisfação profissional, auto-estima, qualidade de vida, entre outros.

Esta perspectiva da educação de adultos é nos dias do hoje bastante criticada, principalmente pelo facto de estar demasiado enraizada em concepções educativas.

“A Nova Revolução Científica e Tecnológica instalou – se e generalizou – se, sub-repticiamente, tendo vindo a alterar de tal modo os processos e as estruturas que tornou hoje impossível conceber quaisquer políticas, designadamente no domínio educativo, que não considerem as novas tecnologias e as novas formas de organização do trabalho.” (Melo 1998)

De acordo com Marçal Grilo (2000) – revista – Aprender o longo da Vida – nº2 – Todas as instituições vão fazer educação ao longo da Vida – “entrevista Rui Segura / fotografia – Miguel Baltasar – 60% da população portuguesa apenas tem seis anos de escolaridade, isto é uma situação assustadora da nossa sociedade, este é um dos motivos da pertinência da formação de adultos. Tal como já foi referido, estamos perante uma sociedade e um mercado de trabalho cada vez mais competitivo, com diferentes horizontes. Se há uns anos atrás se podia considerar que um “emprego era para a vida”, nos dias de hoje isso já não acontece, cada vez mais as empresas optam pela mobilidade do seu pessoal, o que “obriga” a que os indivíduos se actualizem constantemente, que invistam na sua formação.

Actualmente depreende – se que os adultos consigam identificar as suas falhas formativas, ou seja, fraquezas em termos educativos, formativos e de aprendizagem e que consigam encontrar alternativas a esta situação. De uma outra forma podemos dizer que “... na realidade os adultos devem recorrer a estratégias de cálculo e avaliação que lhes permitem escolher os objectivos

dos seus percursos educativos e formativos enquanto percorrem estes caminhos, podendo alterar as finalidades destes percursos se as condições dos contextos nos quais vivem se alterarem.” (Guimarães, 2009). Ainda de referir que é de extrema importância que o adulto esteja predisposto para a aprendizagem, e que tenha consciência da importância do termo “aprender a aprender”, que nos direcciona para as constantes aprendizagens realizadas ao longo da vida. Estas podem (e são) efectuadas em todas as acções do dia-a-dia, desde o local de trabalho a um espaço de lazer, a aprendizagem é contínua.

De acordo com Monclús (1990), os adultos têm muitas mais condições para decidir os mecanismos acerca da sua aprendizagem, tendo sempre em consideração os contextos em que decorrem as aprendizagens efectuadas e alguns condicionalismos que possam surgir. Para que haja efectivação de aprendizagem por parte dos adultos é necessário existirem condições e disponibilidade para o efeito, o que depende das características específicas de cada adulto interveniente no processo de aprendizagem.

A predisposição dos adultos para a aprendizagem não depende apenas da idade, ou das condições físicas (ou ambientais) de determinado espaço, isto porque os adultos devem ser motivados de forma adequada dentro do seu contexto de vida, seja a nível pessoal, social e/ou profissional, tendo em consideração os seus pontos de referência, bem como os seus interesses.

O adulto deve aproveitar as oportunidades formativas existentes, sejam elas de cariz formal, não formal ou mesmo informal. Por aprendizagem formal podemos entender aquela que ocorre num contexto estruturado e organizado, como por exemplo no seio de uma empresa, frequência de uma acção de formação e que à posteriori dará acesso a um certificado formal. A aprendizagem não formal decorre em simultâneo aos sistemas de ensino formal, mas desta pode não advir um certificado, pode decorrer no local de trabalho (formação inicial para aprender a trabalhar com determinado tipo de equipamento), num sindicato (algum tipo de esclarecimento colectivo) ou mesmo em grupos sociais ou de lazer. Por fim, a aprendizagem informal é

aquela que resulta das mais variadas situações do dia-a-dia de um qualquer sujeito, ocorre em casa (com familiares e amigos), em grupos de lazer, entre outros. Apenas de salientar que não se trata de uma aprendizagem intencional, mas que acompanha os indivíduos ao longo de toda a sua vida.

Ainda de salientar a pertinência de permitir que o adulto seja o “proprietário” da sua própria aprendizagem, deve ter autonomia e ser o responsável pela sua formação pessoal.

Neste contexto é necessário também repensar as políticas educativas direccionadas para a formação de adultos, uma vez que as necessidades do mercado de trabalho alteraram – se ao longo dos tempos, tendo em consideração que “no quadro de um paradigma de educação permanente, a formação profissional não pode entender – se como circunscrita a uma primeira etapa, prévia à entrada no mercado de trabalho, mas como um processo inerente à globalidade do percurso profissional.” (Licínio Lima, 1975).

5. A utilização das Novas Tecnologias

No século XIX as diversas revoluções tecnológicas e também o acentuado progresso tecnológico permitiu que a humanidade “sofresse” fortes alterações nos seus processos tecnológicos. Começaram a surgir máquinas cada vez mais evoluídas e que melhoram mais ainda a cada geração, como tal, surgiram novas necessidades no mercado de trabalho. Nas fábricas, devido à evolução, tudo o que era primeiramente manual tornou – se mecânico e o que era eléctrico tornou – se electrónico. Todos estes avanços tecnológicos permitiram também uma grande evolução tecnológica nos meios de comunicação.

A implementação das tecnologias de informação na educação surge em 1924, através da criação de uma máquina que corrigia de forma automática os textos de escolha múltipla. Posteriormente, Skinner, em 1950 apresentou uma máquina de ensinar, que consistia em dividir o material a ser ensinado em pequenos módulos, de forma que cada conceito fosse apresentado ao aluno de forma sequencial.

Mais tarde surgiu o computador, na década de setenta e tornou – se evidente a facilidade com que os conteúdos a ministrar poderiam ser trabalhados. Como tal, foram criados diferentes programas informáticos que eram utilizados com frequência enquanto recurso no ensino.

Etimologicamente a expressão TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) advém da palavra INFORMÁTICA. Esta por sua vez resulta da junção de INFORMAÇÃO + AUTOMÁTICA, que nos direcciona para o tratamento automático da informação.

TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO é um termo que nos remete para o tratamento central da informação e a respectiva comunicação dessa mesma informação, mas recorrendo a determinado software e hardware, que na prática é o computador. A junção destes termos resultou na expressão TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO. Podemos dizer que se trata de um processo de transmissão de informação através de redes de computadores com recurso a meios de comunicação.

Devido à crescente importância das novas tecnologias, as TIC começaram a ser dinamizadas nas escolas e em espaços formativos, seja pelos professores ou pelos alunos. Desta forma houve uma crescente utilização das TIC em espaços educativos. De acordo com Masetto (2000: 152) “Por novas tecnologias em educação, estamos entendendo o uso da informática, do computador, da internet, do CD-ROM, da hipermédia, da multimédia, de ferramentas para educação à distância – como chats, grupos ou listas de discussão, correio electrónico etc. – e de outros recursos de linguagens digitais de que actualmente dispomos e que podem colaborar significativamente para tornar o processo de educação mais eficiente e mais eficaz.” (MASETTO, 2000: 152).

De acordo com esta perspectiva o professor tem um carácter mais dinamizador e actua enquanto incentivador do uso das novas tecnologias, por outro lado, do formando depreende – se uma postura mais activa na procura do conhecimento e na aquisição de novas aprendizagens.

Um dos objectivos das TIC é a dinamização da cultura, da informação e também da formação na sociedade, uma vez que é um recurso tecnológico passível de ser utilizado a nível pessoal, social e profissional. É também pertinente referir que as TIC estão de tal forma dinamizadas que são utilizadas em todos os locais, como por exemplo em instituições públicas ou privadas, nas escolas, nos hospitais, nas empresas de todos os ramos de actividade, em associações culturais, entre muitas outras. Esta tecnologia tem a sua origem na sociedade e exerce a sua influência (por vezes decisiva) nessa mesma sociedade, ou seja, as TIC adquiriram um lugar de relevo na vida colectiva e individual da nossa sociedade.

Por exemplo, em espaços formativos, ou mesmo nas escolas esta tecnologia permitiu melhorar o próprio sistema de ensino (se bem utilizada), uma vez que proporcionam:

- ❖ Uma maior compreensão e conhecimento do mundo;

- ❖ Novas vivências escolares através dos interfaces entre este tipo de instituições, como é o caso das bibliotecas;
- ❖ Valorização do trabalho mais cooperativo;
- ❖ Novas e melhores investigações (GRAÇA;2007);

Assim, as tecnologias de informação tornaram – se imprescindíveis na nossa sociedade, quase que as podemos considerar “um bem comum”.

Desde modo, as tecnologias de informação foram evoluindo até aos dias de hoje, sendo hoje consideradas por muitos um recurso imprescindível, quer a nível pessoal, social ou profissional.

“As TIC têm – se desenvolvido e se diversificado rapidamente. Estão presentes na vida quotidiana de todos os cidadãos, e isso não pode ser ignorado ou desprezado. A existência de um mercado cada vez mais globalizado que exige profissionais mais preparados para lidar com a complexidade e a diversidade de informações, força o sistema de ensino a acompanhar o processo do avanço tecnológico que vem acontecendo em todo o mundo, de modo a possibilitar a democratização de informações e de conhecimentos.” (Mercado, 2007:29).

Neste contexto, devemos ainda referir que nos encontramos na era da globalização, esta afecta todas as áreas, desde o comércio à liberdade e também a comunicação que nos direcciona para a importância das tecnologias de Informação, tendo em consideração a mudança constante, seja no domínio das competências laborais, na educação ou mesmo na formação.

A educação / formação de adultos tem vindo a adquirir um maior relevo na nossa sociedade, bem como a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) neste tipo de formação. Estas proporcionam a aquisição de novas competências, profissionais, sociais e também pessoais e oferecem um novo percurso autónomo de aprendizagem, ou seja, encaminha o adulto para aprendizagens auto - dirigidas que é uma das formas de aprendizagem que adquiriu uma maior importância neste tipo de formação.

Na sociedade actual é pedido (praticamente exigido) que os indivíduos tenham a capacidade de aprender ao longo da vida, mas pretende – se que consigam aplicar nos diferentes domínios das suas vidas essa aprendizagem. “É necessário ressaltar que quando se fala em percurso pessoal de aprendizagem isso não significa necessariamente isolamento, ou independência. Os conceitos de autonomia e de aprendizagem auto-dirigida pressupõem a interacção com outros: é nessa interacção que o controlo sobre a aprendizagem pode ser potenciado (AIBANO apud Candy, 2002: 425).

As Tecnologias de Informação (TI) facultam o acesso a todo o tipo de informação, disponibilizando os meios necessários para que as pessoas assumam a autoformação. No entanto, esta situação implica a descoberta pelo adulto das suas necessidades de formação, bem como, o reconhecimento e aplicabilidade das suas próprias aprendizagens. A formação de adultos nas novas tecnologias não se pode apenas basear na aquisição qualitativa de conhecimentos, mas pela capacidade do adulto em reflectir de forma crítica sobre as suas experiências de vida e fazer a devida contextualização das mesmas.

É neste contexto que Ginsburg (1998) e Imel (1998,1999) dizem que as tecnologias educativas devem ser integradas na formação / educação de adultos enquanto uma ferramenta institucional, uma vez que desta forma se possibilita a transferência de conhecimentos. A reflexão crítica das aprendizagens realizadas pelo adulto deve também incluir os novos meios tecnológicos, ou seja, o adulto não deve ficar limitado à recepção de informação, mas interagir e procurar a informação necessária à sua aprendizagem.

Actualmente estamos perante uma sociedade cada vez mais exigente e competitiva, como tal a formação no âmbito das Novas Tecnologias é por muitos considerada uma prioridade.

As TIC surgiram como um impacto, isto devido ao efeito directo sobre a sociedade. Como tal, a formação ao longo da vida é algo imprescindível e deve ser praticada em espaços informais, formais, ou mesmo não formais e

“deveríamos tender a que a nossa educação e formação apontassem à edificação de uma “sociedade de informação” em que as mentes e a tecnologia trabalhem e aprendam juntas num espaço mundial do conhecimento que constitui o terreno aonde pode florescer a sabedoria mundial” (ALBANO, 2002: 447/48).

Podemos dizer que nos encontramos perante uma revolução tecnológica, cujo “culpado” é o computador e todo o software que deste faz parte. Um outro exemplo é a internet, que é um aglomerado de redes a nível mundial que permite o acesso a todo o tipo informações e também a transferências de diferentes tipos de dados. Socialmente, este progresso tecnológico permitiu o desenvolvimento social e também cultural. Actualmente as TIC são utilizadas por todas as pessoas, independentemente da classe social, da faixa etária e mesmo do tipo de profissão que desempenhar.

Tal como já foi referido, estamos perante o fenómeno da globalização, conseguimos ter acesso a qualquer informação simplesmente através de um “clique”, o que facilita imenso os fluxos de transmissão de informação, de ideias, de produtos e mesmo de capital, o que é pertinente para a economia global.

As TIC permitiram o alargamento do conhecimento no âmbito social, podemos mesmo dizer que adquiram um lugar de destaque na nossa sociedade. Regra geral associamos o termo TIC ao computador, no entanto, as tecnologias de informação vão muito além do computador, por exemplo, um telemóvel é meio de comunicação e simultaneamente uma tecnologia, tem um software (programas) que não é mais que um computador (hardware) de pequenas dimensões. Um outro exemplo que podemos evidenciar para ilustrar este tipo de tecnologia é o multibanco, trata – se de “uma tecnologia de ponta”, um computador que com o programa adequado desenvolve todas as operações a que nos habituamos a fazer diariamente.

Por norma, o adulto desconfia de tudo o que desconhece e as novas tecnologias não são excepção. O processo de adaptação ao desconhecido é lento e com receio de “estragar” o equipamento, mas com o passar do tempo

este tipo de tecnologia começa a fazer parte do dia-a-dia do adulto, este nem se apercebe. No que respeita à utilização do computador a situação é exactamente a mesma, existe inicialmente uma negação de contacto com o equipamento desconhecido que será ultrapassado posteriormente de forma inconsciente. Até porque cada vez mais as TIC (nas suas diferentes áreas de abrangência) conseguiram alcançar um lugar de destaque na sociedade actual o que também é um estímulo para a descoberta do próprio adulto no que respeita a este tipo de tecnologia.

Não nos podemos esquecer que as TIC são uma excelente fonte de recolha de informação e de aquisição de conhecimentos. Mas há que motivar o adulto neste sentido, incentivar para a recolha de informação e a procura de novos conhecimentos. Por exemplo, a internet é uma óptima fonte de recolha de informação, mas, há que saber recolher e seleccionar essa mesma informação, é exactamente aqui que o formador deve orientar o adulto, na selecção e recolha da informação. Por outro lado, o adulto tem mais autonomia na procura dessas mesmas informações, ou seja, na busca e procura do conhecimento. Mais uma vez, é da competência do formador orientar o formando na demanda de conceitos que sejam pertinentes para o seu crescimento enquanto utilizador das novas tecnologias de informação e comunicação, tendo em consideração que estas são cada vez mais um recurso essencial na vida do adulto, seja a nível pessoal, social e/ou profissional. Estamos perante a era das novas tecnologias e o desconhecimento destas encaminham o adulto para uma estagnação social que à posteriori terá diversas consequências, como por exemplo na procura de emprego, o conhecimento das novas tecnologias (mesmo que seja num nível básico) é essencial e pode fazer a diferença.

A utilização das novas tecnologias é diferente nas diversas classes sociais. As classes sociais mais elevadas têm acesso ao computador com mais facilidade que as classes mais baixas (ou desfavorecidas), trata – se também de uma questão económica. Por norma, os adultos que representam classes sociais mais elevadas têm mais formação académica, o que faz com que o receio de uma interacção inicial com as TIC seja muito menor quando comparado com

classes sócias mais baixas, que possuem (regra geral) menor escolaridade (VILAS, 2002).

Contudo, e neste contexto, também é pertinente referir que os adultos que mais procuram formação no âmbito das novas tecnologias são aqueles que têm mais qualificações (quando deveria ser exactamente o contrário). Os adultos com baixas qualificações consideram não precisar de mais formação, mas tendo em consideração a conjuntura actual do mercado de trabalho é de extrema necessidade o conhecimento (nem que seja mínimo) das novas tecnologias nas mais diversificadas áreas profissionais, devido às constantes mudanças e actualizações tecnológicas.

Podemos associar a tecnologia e a inovação à melhoria de processos de ensino e de aprendizagem. Considera – se que a introdução das TI no ensino / formação produzirá efeitos positivos no processo de aprendizagem, bem como poderá aumentar a motivação dos alunos / formandos.

O termo Tecnologias de Informação e Comunicação diz respeito à junção da tecnologia computacional com a tecnologia referente às telecomunicações, que tem a sua maior dimensão na internet. Quando estas (duas) tecnologias são utilizadas na formação ou na educação podem ser consideradas tecnologias de cariz educativo.

O termo *Literacia Informática* pode ser entendido como um “conjunto de conhecimentos, competências e atitudes em relação a computadores que levam alguém a lidar com confiança com a tecnologia computacional na sua vida diária” (MIRANDA apud McInnerney, McInnerney & Marsh, Saloway, Turk & Wilay citados por Tsai & Tsai, 2009: 48)

De acordo com Seymour Paper “...literacia informática não consiste em saber as componentes e modos de funcionamento dos computadores, com pouca ou sem aplicação prática, como muitas vezes é prerrogativa nas aulas de TIC no sistema de ensino português...” (Costa. 2009:123).

De uma forma simplista podemos dizer que Literacia informática (ou digital) não é mais do que o uso de forma eficaz e eficiente deste tipo de tecnologia,

aplicando o termo ao contexto, será o “saber - fazer” direccionado para os computadores.

Este termo direcciona – se para a utilidade das TI no processo de ensino / aprendizagem, isto é, o objectivo principal desta tecnologia devia ser o apoio aos formadores e formandos a iniciar a sua aprendizagem e a desenvolver competências no âmbito das TI, adquirir atitudes mais positivas perante o computador ou mesmo perante a internet e aprender a ter confiança na utilização das TI, evitando assim um elevado nível de ansiedade na sua utilização, principalmente na formação de adultos.

A evolução das novas tecnologias permitiu também a evolução no ensino / educação. No modelo tradicional de ensino depara - mo – nos com um professor que debita conteúdos recorrendo a um antigo quadro e giz para transmitir conhecimentos. A evolução permitiu o abandono deste tipo de educação / formação e levou – nos para a utilização das novas tecnologias. O impacto destas novas tecnologias foi bastante elevado na nossa sociedade, inclusive na vida social. Na formação de adultos o recurso às novas tecnologias permite uma maior interactividade, o que possibilita uma maior participação e intervenção na sua própria formação. O conhecimento desta nova realidade leva o adulto a alterar na íntegra a sua opinião em relação à utilização das novas tecnologias, uma vez que, na sua maioria, devido ao desconhecimento desta realidade não consegue à priori encontrar benefícios na sua utilização. O contacto com as TIC permite ao adulto a descoberta das potencialidades desta tecnologia.

As TI na educação / formação promovem uma qualificação, bem como um aperfeiçoamento da formação de adultos, deste que os centros de formação ou outras entidades detenham equipamentos de tecnologia digital, no entanto, com a crescente utilização das TI, as instituições são “obrigadas” a repensar os seus paradigmas da educação / formação e encontrar na tecnologia a solução para os “velhos problemas”.

O termo informática na educação / formação não é mais do que a inserção das tecnologias de informação (do computador) no processo formativo, isto nas

diferentes modalidades existentes (e já apresentadas). O formador tem também um papel fundamental na formação das TIC, pois tem que motivar o adulto à sua própria aprendizagem, há que definir uma nova forma de formação utilizando o computador como ferramenta facilitadora dos sistemas de ensino / aprendizagem, expor o adulto ao computador de forma a familiarizá-lo com este recurso, isto pode permitir o melhoramento da apreensão dos conteúdos formativos, recorrendo ao computador como ferramenta essencial à formação.

A aquisição de novas competências recorrendo às novas tecnologias tem diferentes implicações culturais e implica “romper” com alguns paradigmas da nossa sociedade que ainda estão muito patentes na mentalidade dos adultos.

Para que este paradigma seja ultrapassado é fundamental que as TIC sejam introduzidas cada vez mais cedo no percurso de vida de cada um de nós, como por exemplo no 1º ciclo com actividades que decorram na sala de aula em que sejam utilizadas as novas tecnologias como recurso educativo.

A sociedade está em constante mudança e as escolas não podem ficar alheias à rápida evolução social e tecnológica, faz parte do seu papel social capacitar os alunos para acompanharem os rápidos avanços tecnológicos, não nos podemos esquecer que as novas tecnologias introduziram na nossa sociedade a necessidade do desenvolvimento de novas aptidões técnicas, como tal, a escola deve ser vista como um local de aprendizagem onde são facultados os meios necessários para a aquisição de conhecimento e de novas competências.

Na formação profissional o paradigma das TIC deve ser abordado da mesma forma, o formador deve ser o dinamizador de um saber colectivo, tendo por base que agora o tempo para aprender já não se reporta apenas às crianças ou aos jovens, a política actual é “aprender ao longo da vida”.

Durante muitos séculos a escola era detentora da instrução e do saber no seio de uma comunidade. Mas com a evolução da sociedade tecnológica, nomeadamente do computador com as suas imensas capacidades de

armazenamento e processamento de informação permitiram que as TIC começassem a ter um papel importante nas escolas. A internet enquanto recurso educativo é uma mais-valia, pois torna acessíveis documentos a praticamente todas as pessoas sem limitações.

No que respeita à formação de adultos, esta deve ir de encontro às necessidades formativas do adulto, tendo por base as exigências e os avanços tecnológicos da sociedade. As alterações tecnológicas, culturais e também sociais exigem novas modalidades e a abordagem a outro tipo de conteúdos na formação profissional, uma vez que as novas tecnologias estão presentes em todos os domínios da vida quotidiana do cidadão comum, como tal, é essencial a aquisição de novas competências e também o domínio das novas tecnologias.

As TIC permitem desenvolver e também adquirir novas capacidades, novos saberes e novas competências que dotam o adulto de mais habilitações para o desenvolver de uma qualquer actividade, seja a nível pessoal, social ou profissional.

O sucesso da formação no âmbito das novas tecnologias depende também do formador. Os adultos quando desconhecem algo têm receio de utilizar e o computador não é excepção, receio esse que acaba por se dissipar quando após alguns contactos práticos com a máquina, o formador deve demonstrar disponibilidade para prestar ajuda e esclarecimentos ao formando, de forma a influenciar o grau de utilização e de adesão às novas tecnologias. O adulto deve conseguir desenvolver competências e adquirir conhecimentos que lhe permitam “competir” e adaptar – se às novas exigências do mercado de trabalho.

O recurso às novas tecnologias permite que o adulto desenvolva habilidades intelectuais (para ele desconhecidas) com um maior interesse e com mais concentração, há também um estímulo na procura de informação sobre variados temas e a interacção entre os resultados encontrados, o que possibilita uma maior cooperação entre os adultos e uma maior partilha da informação adquirida.

Actualmente as TIC estão cada vez mais a assumir – se como uma ferramenta interactiva facilitadora da aquisição de conhecimentos.

O uso das TIC na educação está a ter uma grande ascensão e aceitação quer por parte dos formadores, quer por parte dos formandos, independentemente da faixa etária. Podemos mesmo dizer que muitos “momentos” formativos são efectuados tendo as TIC como recurso base, no entanto, não nos podemos esquecer que o adulto apresenta (regra geral) algumas reticências ao uso destas novas tecnologias, no entanto, acabam na sua maioria por ultrapassar com sucesso as dificuldades com que se deparam inicialmente.

Alguns estudos efectuados revelaram que o contacto com as novas tecnologias proporcionam aos formandos uma maior fonte de interesse, motivação e propicia mais momentos de aprendizagem. Como por exemplo um estudo efectuado por Luís Paulo Leopoldo Mercado, Aristóteles da Silva Oliveira, Lílían Kelly de Almeida Figueiredo e Rosa Sarita de Araújo que investigaram os desafios na formação de professores e as estratégias escolhidas para a utilização de recursos que a internet pode oferecer no meio educacional, constatando a importância da utilização da internet na sala de aula, uma vez que este recurso educativo possibilita o encaminhamento do processo educativo e de aprendizagem de forma muito mais significativa devido à motivação, interesse e predisposição dos adultos (Mercado).

Um outro estudo realizado por Maria Luiza Rocha da Silva e Paulo Leopoldo Mercado sobre o uso da internet e os seus mecanismos de informação demonstrou que a utilização da internet enquanto recurso educativo possibilita a construção / aquisição de conhecimentos de forma muito mais rápida e com o alcance de mais objectivos (Mercado).

Considero que a interacção com as TIC facilita e permite diferentes formas de encarar a formação, isto porque, a ideia que se tem de formação direcciona – nos para conteúdos teóricos em que o formador “debita” temas e o formando apreende os conceitos que são abordados na sessão. Contudo, a formação não se restringe apenas ao espaço físico em decorre a formação e onde estão os formandos e o formador. Nos dias de hoje com as novas tecnologias ao

alcance de todas as classes sociais, os diferentes momentos formativos podem e devem ser mais criativos, interessantes e motivantes para todos aqueles que estão inseridos no processo formativo.

O computador tem tido uma participação activa no sistema ensino/aprendizagem desde sempre. No entanto, se numa primeira fase eram utilizados como uma “máquina para ensinar”, nos dias de hoje são considerados um importante auxiliar na aprendizagem dos adultos

O formador tem um papel essencial na interacção formando/computador, pois, compete a este utilizar os recursos adequados para motivar o formando ao uso das novas tecnologias, tal como já foi referido, o adulto apresenta por norma alguma rejeição inicial ao uso deste tipo de equipamento tecnológico.

Vivemos numa sociedade cada vez mais dependente das TIC, a informação chega – nos a todo o instante através deste meio de comunicação. Como tal, o formador deve formar tendo em consideração que a sociedade está em constante mutação e avanços tecnológicos, ajudando a desenvolver este tipo de competências no adulto. No entanto, estas competências não podem ser desenvolvidas no adulto isoladamente, este tem que perceber a pertinência do uso das TIC nos seus diferentes meios envolventes, a nível pessoal, social e profissional.

A inserção das TIC na formação não deve ter apenas o intuito de aprender a ligar e/ou desligar o computador, a utilizar um qualquer software de base, esta prática deve ser utilizada em simultâneo com todas as funções pedagógicas e interactivas que implicam uma sessão de formação, não nos podemos esquecer que deve sempre existir uma relação pedagógica formando/formador que seja facilitadora de aprendizagem e de aquisição de conhecimentos nos seus vários domínios. Estas aprendizagens devem ser sempre acompanhadas de momentos de reflexão, isto para que o formando perceba a pertinência dos conteúdos adquiridos e a forma mais adequada de aplicar esses mesmos conteúdos. A utilização das TIC deve também permitir a reflexão no âmbito da aplicação dos conteúdos abordados nas sessões, isto porque o adulto motiva – se mais facilmente quando consegue compreender a pertinência e a utilidade

de determinado conceito, neste caso, o das TIC, portanto, o formador deve permitir a reflexão crítica ao formando no uso das novas tecnologias.

Por outro lado, o ensino das novas tecnologias deve ser realizado de forma contextualizada, pois, é de extrema importância o desenvolvimento da competência “saber-fazer” no adulto, isto porque facilita a aprendizagem. O domínio de conhecimentos teóricos não deve ser ignorado, contudo há que enfatizar a prática e a utilidade do uso das TI.

O formador deve ter a capacidade de colocar as diferentes vertentes das TI disponíveis para o uso dos formandos, este deve intervir enquanto agente de mudança e permitir essas mesmas mudanças no adulto. O uso das novas tecnologias permite a troca de vivências que devem ser partilhadas entre o formador e o formando (adulto). No decorrer da formação os formandos devem ser incentivados para uma pesquisa e um trabalho autónomo, de forma a que haja partilha de conhecimentos e a devida reflexão sobre os diferentes domínios. No decorrer do processo formativo deve ser permitido ao formando o conhecimento das novas tecnologias e a aplicabilidade das mesmas, o estímulo à pesquisa, facilitação de aprendizagens e momentos de procura de autoformação, pois, depreende – se que o adulto já tem maturidade suficiente para procurar e direccionar as suas próprias aprendizagens, o formador tem um papel de orientador no decorrer da sessão de formação.

De uma forma geral o adulto é mais responsável, interessado e exigente nas aprendizagens que efectua. Quando motivados “exigem” o retorno imediato da informação abordada no espaço formativo e quando se apercebem que essa informação pode ser enviada recorrendo às novas tecnologias, como por exemplo através de email, apercebem – se da importância e pertinência do uso das novas tecnologias. Não nos podemos esquecer que estamos inseridos numa sociedade cada vez mais industrializada e o conhecimento das TI é fundamental para a aquisição de uma posição minimamente estável no mercado de trabalho actual.

Este contexto formativo específico deve decorrer tendo em consideração a ignorância do adulto no âmbito das TI. Há uns anos atrás era considerado

analfabeto aquele que não sabia ler nem escrever, hoje em dia, quase que se considera analfabeto aquele que não contacta com as novas tecnologias, tendo em consideração que as TI não é apenas o computador, é também exemplo deste tipo de tecnologias o telemóvel, a internet, entre muitos outros.

De referir também que as TIC se encontram completamente dinamizadas na nossa sociedade, seja na escola, em casa e principalmente no local de trabalho e, cada vez, dedicamos mais tempo a esta revolucionária tecnologia. Os utilizadores das TIC já conseguiram compreender a envolvente desta tecnologia, como por exemplo o acesso à informação de forma mais rápida, simples e barata independentemente da localização espacial do seu utilizador, talvez esta seja uma das maiores vantagens na utilização desta tecnologia. Por outro lado, há que ter em consideração a possibilidade de haver “intrusos” ou sujeitos mal intencionados que utilizam esta tecnologia numa vertente negativa.

No que concerne à formação de adultos, a utilização das novas tecnologias é uma mais-valia a diferentes níveis, seja para o adulto ou para o formador. A relação formador/ formando pode sofrer alterações através do uso intenso das novas tecnologias, uma vez que é um recurso pouco utilizado pela maioria dos adultos, e, aqueles que o utilizam, fazem – no com receio, principalmente devido à insegurança que têm em trabalhar com esta nova tecnologia.

As Tecnologias de Informação (TI) permitiram alterações a nível tecnológico de extrema importância para a sociedade, podemos mesmo dizer que nos encontramos perante uma sociedade de informação e conhecimento, devido à expansão das TI. Esta situação trouxe inúmeras vantagens sociais, como por exemplo, uma maior participação dos cidadãos em diferentes dinâmicas sociais, nomeadamente em políticas abertas e mais participativas; partilha de conhecimento e de experiências de vidas, facilita a comunicação entre as pessoas, diminui a distância entre amigos ou mesmo entre familiares. Por outro lado, permite a evolução empresarial, revoluciona a economia, permite a descentralização no seio das empresas, entre muitas outras vantagens.

Contudo, também apresenta desvantagens, como por exemplo, a utilização excessiva das TI pode proporcionar afastamento social, o utilizador fica

também mais vulnerável porque existe a possibilidade de acesso a informações privadas por outros utilizadores externos, como é o caso dos “hackers”.

Cada vez mais o uso da informática torna-se mais evidente em todas as áreas e isso não é diferente na formação, o adulto precisa de usar a informática como instrumento de ensino - aprendizagem de forma a estar inserido no contexto do mercado de trabalho actual.

As TI são utilizadas pelos organismos da administração pública, empresas, famílias e indivíduos e a sua rápida divulgação permitiu diversas alterações no modo de vida das sociedades, ou seja, as TI assumem muita importância na vida colectiva e individual dos nossos dias.

Uma das vantagens da difusão das TI foi a contribuição para simplificar processos administrativos e proporcionar a redução dos custos, contribuindo também para facilitar o relacionamento com os cidadãos e empresas.

Uma das formas de interacção com os cidadãos e a tecnologia é a existência de canais direccionados para sugestões e reclamações on-line, pagamentos e preenchimento de formulários/declarações.

A utilização das tecnologias da informação e comunicação (TI), no sistema educativo deve direccionar-se para um horizonte de actuação dos formadores que não se limita à simples melhoria da eficácia do ensino tradicional ou à mera utilização tecnológica, através dos meios informáticos. As TI têm um papel profundo na educação, nomeadamente:

- ❖ Novos objectivos para a educação que surgem de uma sociedade de informação e da necessidade de exercer uma cidadania participativa, crítica e interveniente;
- ❖ Novas concepções acerca da natureza dos saberes, valorizando o trabalho em equipa;
- ❖ Novas vivências e práticas escolares, através do desenvolvimento de interfaces entre escolas e instituições, tais como bibliotecas, museus, associações de apoio à juventude, entre outros;

- ❖ Novas investigações científicas em desenvolvimento no ensino superior, entre outros.

É indispensável ter presente a utilização das TI na educação porque estas consistem em escolarizar as actividades que têm lugar na sociedade, procurando adaptá-las aos seus objectivos.

Neste sentido foi elaborado um Plano Tecnológico da Educação. Em Dezembro de 2007 na reunião do Conselho de Ministros foi celebrado um protocolo entre o Ministério da Educação e os Ministérios da Defesa Nacional, da Economia e da Inovação, da Justiça e do Trabalho e da Solidariedade Social, com o intuito de alargar o plano Tecnológico da Educação. Este protocolo visa implementar “soluções tecnológicas de apoio à aprendizagem e ferramentas para a melhoria da gestão escolar, a desenvolver no âmbito dos projectos Portal da Escola e Escola Simplex, a par da aposta na formação e na certificação de competências em TIC de professores, alunos e funcionários...” (Plano Tecnológico da Educação (2007)).

Este protocolo visava a implementação do Plano Tecnológico em várias escolas que seria desenvolvido consoante as necessidades específicas de cada estabelecimento de ensino.

Este tipo de protocolos demonstram a preocupação que os órgãos de gestão têm em levar as novas tecnologias para a educação e para a formação, independentemente da idade do cidadão, pois, tal como foi referido este plano tecnológico visava afectar alunos, professores e até funcionários. É necessário por parte da sociedade uma maior consciencialização da necessidade da utilização das TIC enquanto recurso nos vários domínios da vida do cidadão mais comum, seja no circuito pessoal, social ou profissional.

As TI, na formação, permitem uma compreensão profunda do mundo em que vivemos enriquecendo o conhecimento a diversos níveis.

O desenvolvimento de novas aprendizagens com recurso às TIC implica diversas mudanças culturais, isto é, existe a necessidade de uma compreensão da utilidade deste tipo de recurso. As escolas e os centros de formação têm aqui um papel preponderante, pois devem conseguir criar “ambientes tecnológicos” que sejam facilitadores da aprendizagem “...onde as

TIC constituam parte integrante e significativa...” (BRITO, DUARTE e BAÍA, 2004: 5).

A formação profissional é por muitos entendida como a frequência de cursos de formação em que se desenvolvam algumas competências, mas por vezes não lhe é dada a devida importância, nem é aproveitada de forma activa pelos participantes. Contudo, não nos devemos esquecer que as TIC entraram na nossa sociedade e vieram para ficar, num futuro próximo não conseguimos “viver” sem o recurso a este tipo de tecnologia. Como tal, é necessário a educação / formação direccionada para as TIC, a falta de (in)formação pode vir a ser um problema para os adultos que muito provavelmente se irá reflectir na sua vida pessoal, social e profissional.

A formação profissional constitui-se, actualmente, como um veículo essencial para acompanhar a evolução técnica e científica, condição vital de sobrevivência e de sucesso, numa sociedade condicionada por uma competitividade cada vez mais exigente.

A formação assume um papel determinante no desenvolvimento intelectual e na promoção de novas competências, dotando os recursos humanos de qualificações indispensáveis às exigências do mundo laboral actual.

Na minha perspectiva, as tecnologias constituem um meio fundamental de acesso à informação, mas as TIC constituem ainda um meio de comunicação à distância e uma ferramenta para o trabalho, muitas vezes ignorada pelo adulto devido ao receio na sua utilização, uma vez que se trata de algo desconhecido. A formação é algo muito importante nos dias de hoje. O mercado de trabalho está em constante mutação e é cada vez mais exigente, como tal, é necessário (ou mesmo obrigatório) a permanente actualização por parte do adulto. Temos também que ter em consideração que estamos na era das novas tecnologias e quem não tem conhecimentos (mesmo que mínimos na área) fica em desvantagem. Daí a pertinência de formação em TIC. Cada vez mais o adulto procura por iniciativa própria este tipo de formação, inicialmente um pouco relutante, contudo, após as primeiras sessões perdem o receio inicial e

preparam-se para aprendizagens direccionadas para as tecnologias de informação.

Actualmente o Instituto de Emprego e Formação Profissional tem promovido formação profissional no âmbito das TIC, que se tem demonstrado de grande relevância devido à crescente importância que esta área tem tido nos últimos anos na nossa sociedade. Isto deve – se a vários factores, como por exemplo a criação de novos empregos (principalmente em sectores de actividade que estejam directamente ligados às TIC) e à crescente importância que o desenvolvimento de competências nesta área adquiriu na nossa sociedade nos seus vários domínios, pessoal, social ou profissionalmente. Podemos mesmo dizer que o conhecimento (competências) é condição essencial para a integração no mercado de trabalho actual. Mesmo para indivíduos que se encontram numa situação profissional considerada estável têm obrigatoriamente que fazer formação na área para que não fiquem excluídos de uma sociedade em constante evolução tecnológica.

As TIC estão cada vez mais presentes na formação de adultos, principalmente a formação na óptica do utilizador, isto é, desenvolvimento de competências básicas no âmbito das TIC. Este tipo de formação tem cada vez mais protagonismo e aceitação por parte dos adultos, sejam pessoas empregadas ou desempregadas.

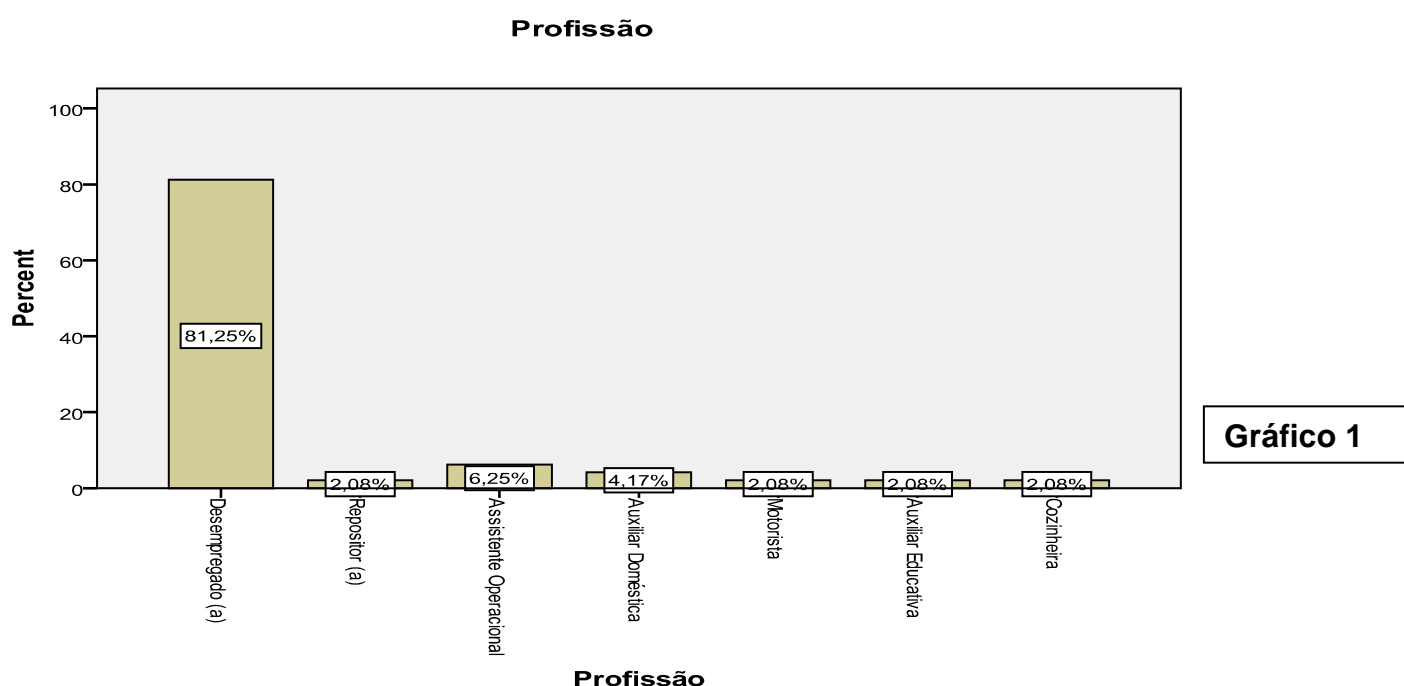
II - Capítulo

1. Inquérito

Trata – se de uma abordagem quantitativa que tem por base a execução de um inquérito realizado durante o mês de Março de 2010, com o objectivo de estudar o impacto que as novas tecnologias têm no adulto, o grau de interacção destes com as referidas tecnologias, e as formas como os adultos desenvolvem competências no âmbito das novas tecnologias. Optou – se pela utilização de um inquérito por questionário, como instrumento de recolha de informação uma vez que o objectivo é o conhecimento ilustrativo da realidade acima descrita.

Neste inquérito utilizou – se uma amostra de 48 adultos, que frequentam cursos de formação profissional ou formação modular.

A maioria dos inquiridos são do sexo feminino, praticamente 98%, no que respeita à faixa etária, é a que se situa entre os 25 e os 30 anos que contempla mais respondentes. Penso também ser importante referir que cerca de 80% dos inquiridos se encontram em situação de desemprego (**Gráfico 1**).



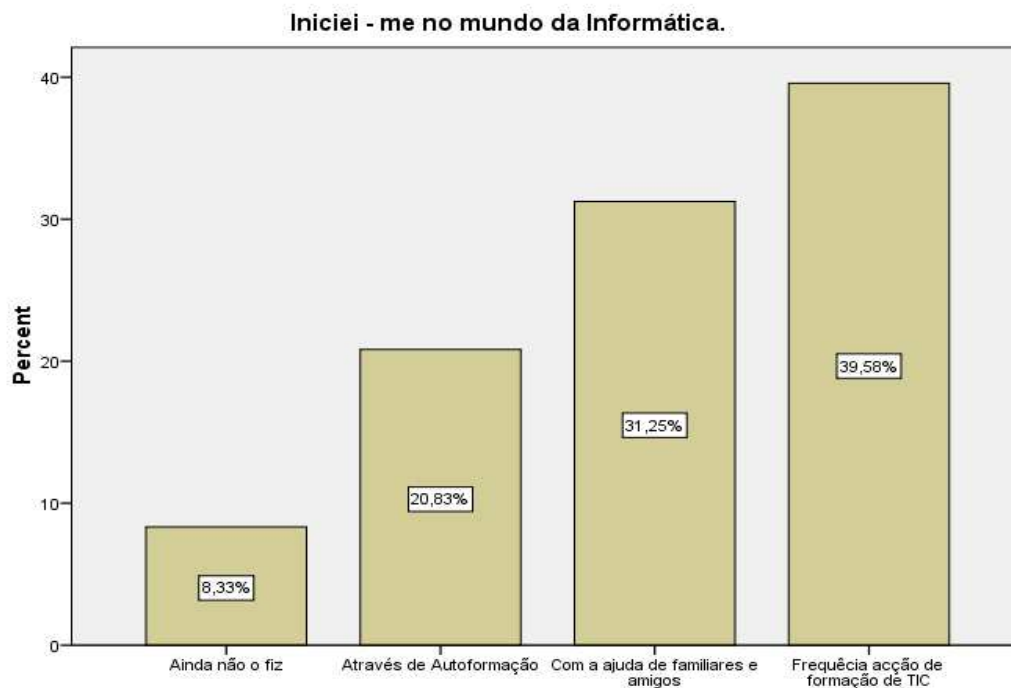


Gráfico 2

Nos dias de hoje em praticamente todas as famílias há no mínimo um computador, o que poderia ser um incentivo ao início de autoformação por parte dos adultos, o que acontece com alguns dos inquiridos, que tiveram o seu primeiro contacto com as TIC em casa através da ajuda de amigos ou familiares (**Gráfico 2**) mas, como podemos verificar através do **Gráfico 2**, para a maioria dos adultos os conhecimentos que possuem das novas tecnologias foram adquiridos na frequência de acções de formação.

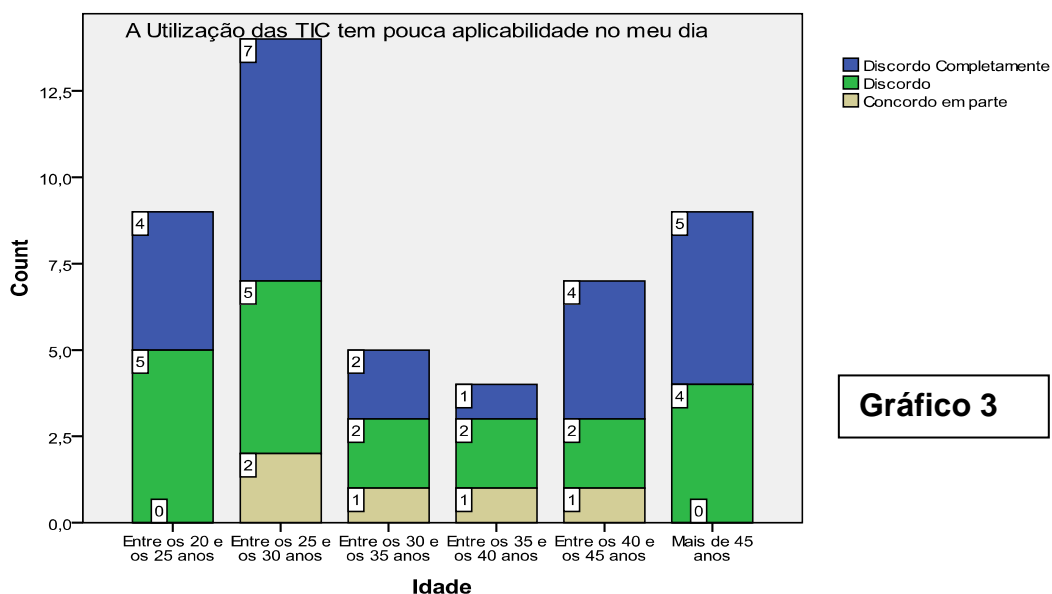


Gráfico 3

Quando questionados sobre a aplicabilidade das TIC e tendo em consideração a faixa etária dos inquiridos, os que menos concordam com a afirmação “A utilização das TIC tem pouca aplicabilidade no meu dia-a-dia” situam – se na faixa etária entre os 25 e os 30 anos de idade (**Gráfico3**). Por outra lado, ao cruzarmos esta questão com as habilitações académicas dos inquiridos, apercebemo – nos de que os adultos que detêm o 3º ciclo de escolaridade (9º ano de escolaridade) são aqueles consideram na sua maioria (75%), que a utilização do computador tem pouca aplicabilidade no seu dia-a-dia, com esta afirmação concordam também 25% do inquiridos que possuem o ensino secundário.

No que concerne à aprendizagem das TIC, classifique as seguintes afirmações		
	Trata - se de uma aprendizagem complicada	Trata - se de uma aprendizagem que exige demasiado tempo
Discordo Completamente	25%	14,6%
Discordo	27,1%	22,9%
Concordo em parte	47,9%	43,8%
Concordo Completamente		18,8%

Tabela 1

Por outro lado, 64,3% dos respondentes (detentores do 3º ciclo) pensam que as TIC têm aplicabilidade no seu dia-a-dia, seguido – se os detentores do 2º ciclo (21,4%) e por fim os adultos que frequentaram o ensino secundário (14,3%) (**Gráfico 4**).

Curiosamente, na análise desta questão podemos observar que o nível de escolaridade não é sinónimo de utilização mais frequente das novas tecnologias, mas temos também que ter em consideração que a maioria dos inquiridos é detentor do 3º ciclo do ensino básico (**Gráfico 5**).

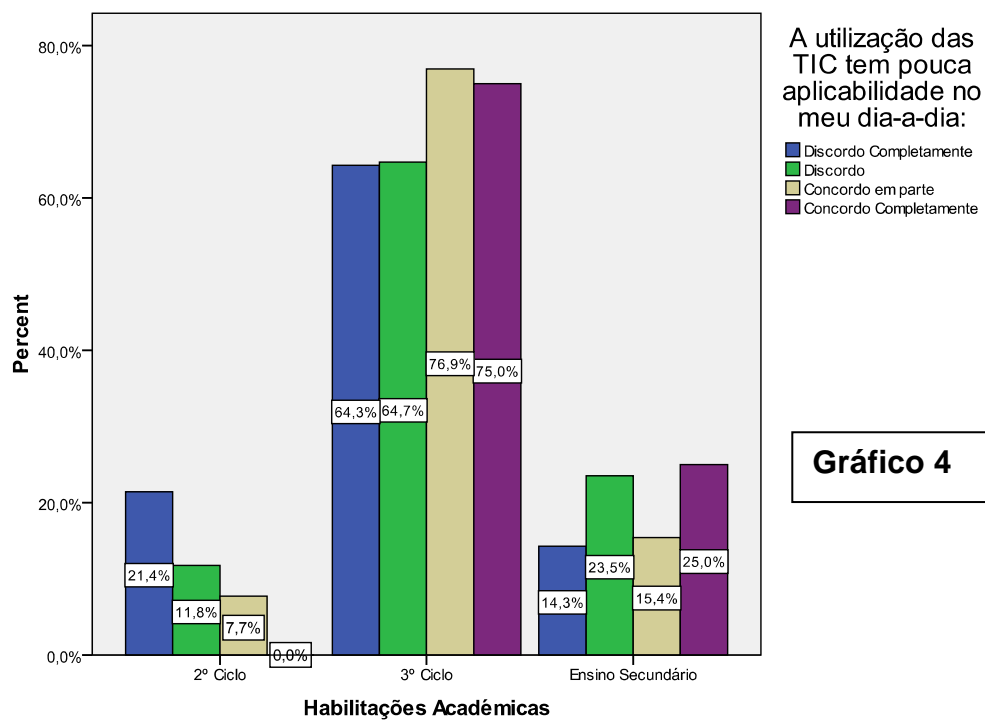


Gráfico 4

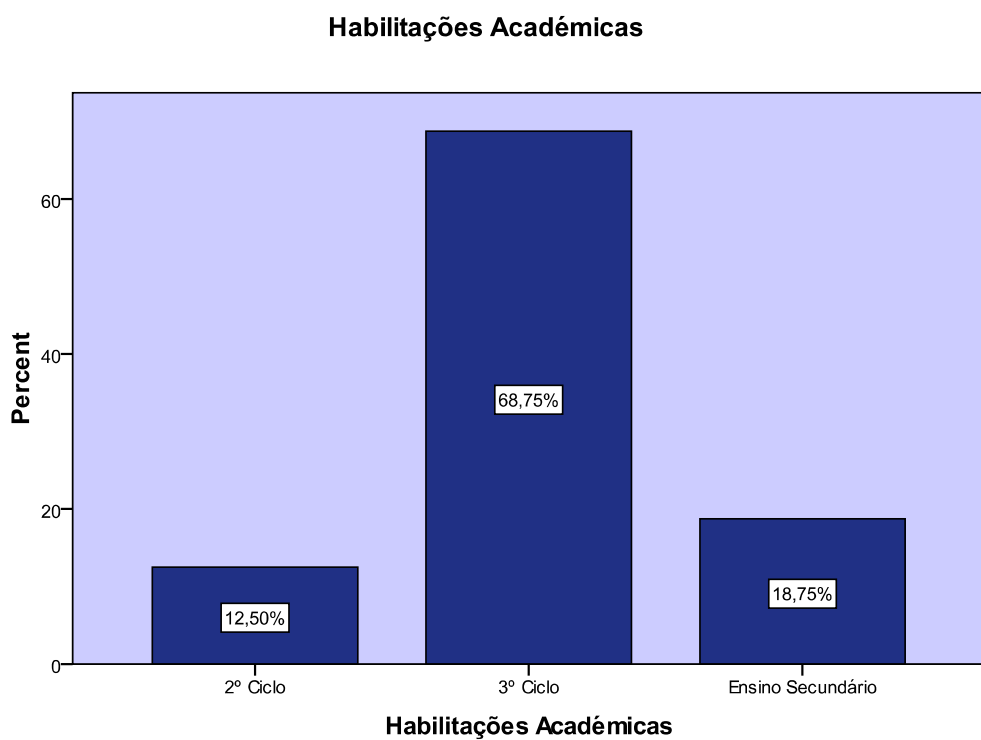


Gráfico 5

No que concerne à aprendizagem das TIC, classifique as seguintes afirmações				
	Aprendi a trabalhar com o computador de forma informal, ou seja, em casa com amigos e/ou familiares	Aprendi a trabalhar com o computador de forma formal (frequentei uma acção de formação no âmbito das TIC):	Tenho dificuldades em utilizar a maioria dos programas do computador mas, utilizo o menu iniciar com facilidade e ligo e desligo o computador sozinho (a):	Considero pertinente a aquisição de conhecimentos de TIC por razões profissionais:
Discordo Completamente	4,2%	22,9%	16,7%	8,3%
Discordo	12,5%	14,6%	25,0%	12,5%
Concordo em parte	54,2%	37,5%	20,8%	35,4%
Concordo Completamente	29,2%	25%	37,5%	43,8%

Tabela 2

No que respeita à aprendizagem das novas tecnologias, cerca de 48% de forma hesitante considera que se trata de uma aprendizagem complicada, por outro lado, 44% pensa que a aquisição de conhecimentos em TIC é algo que exige demasiado tempo, mas, é importante referir que nenhum dos inquiridos quando questionados sobre dificuldade de uma aprendizagem em TIC, concordou com a afirmação na totalidade.

De uma forma mais generalista podemos dizer que os adultos consideram existir algumas dificuldades na aprendizagem das TIC, isto é no contacto inicial com os computadores. Por um lado porque se trata de uma aprendizagem relativamente complicada, por outro porque a referida aprendizagem exige demasiado tempo disponível para ser efectuada.

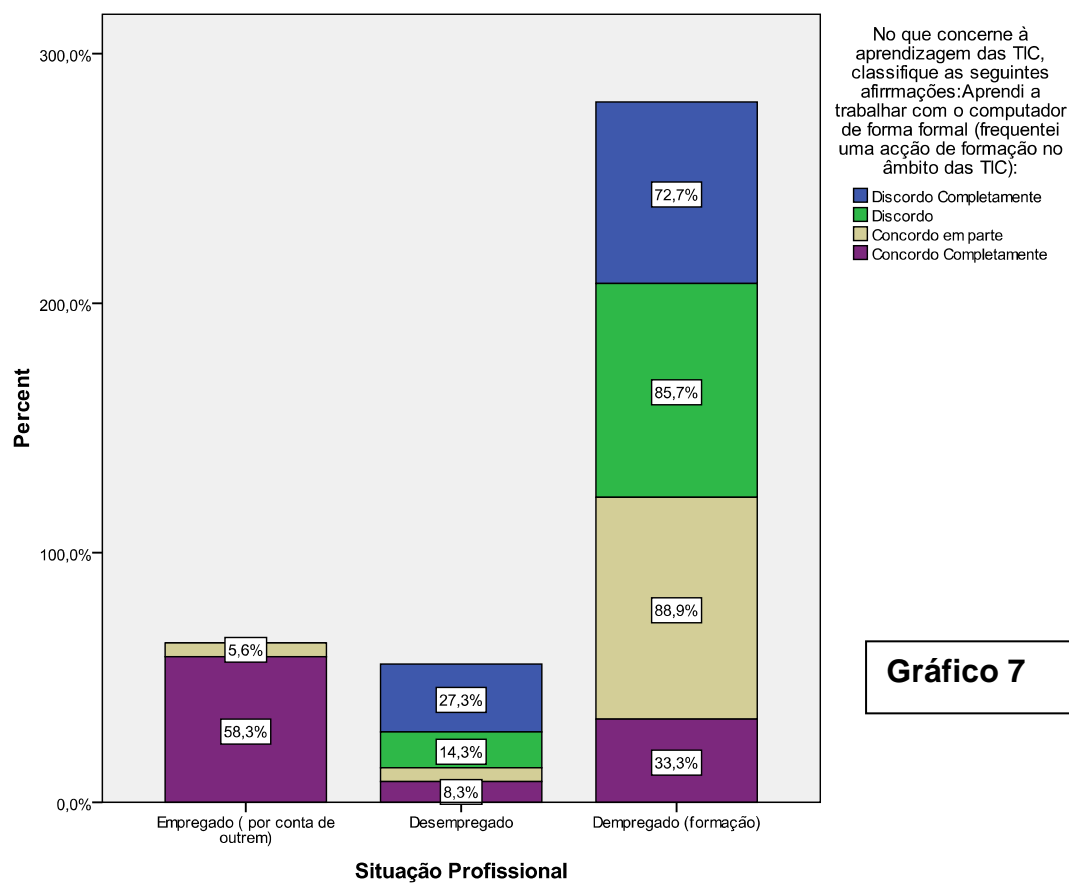
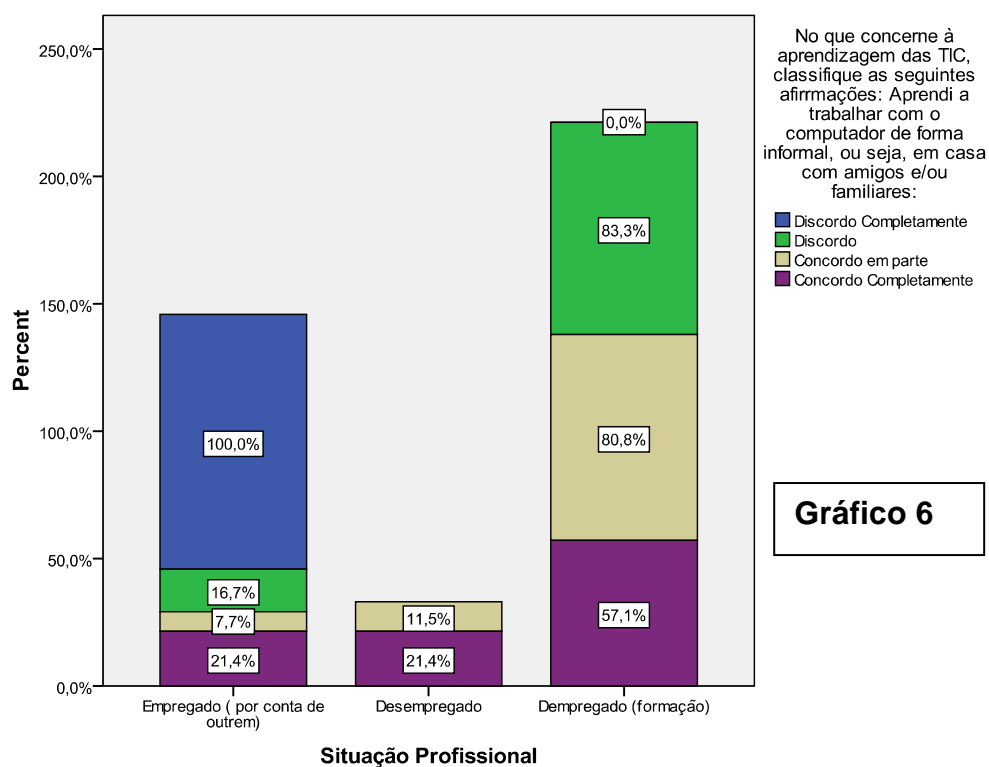
No que diz respeito aos canais de aprendizagem, verifica – se que apenas 29% dos inquiridos considera ter efectuado a aquisição de conhecimentos pela via informal e 25% pela via formal, mas não devemos descurar o facto de a maioria dos inquiridos ter optado por responder que concorda em parte com as

afirmações (**tabela 2**). Esta situação pode ter origem no facto de as aprendizagens terem decorrido na frequência de uma acção de formação, com podemos verificar através da análise dos **Gráficos 6 e 7**. Ao cruzarmos a informação do canal de aquisição de competências em TIC e a situação profissional dos adultos podemos verificar que a totalidade dos inquiridos que se encontram a trabalhar não efectuaram a sua aprendizagem de forma informal, mas, por outro lado, quando questionados sobre a formalidade das suas aprendizagens observamos através do **Gráfico 7** que mais de metade dos inquiridos (58%) afirmam ter frequentado uma acção de formação no âmbito das TIC onde desenvolveram competências nas novas tecnologias. Por outro lado, os respondentes que se encontram a frequentar uma acção de formação (desempregados), cerca de 83% consideram não ter efectuado as suas aprendizagens de forma informal, mas, 88,9% concordam em parte com a aquisição de competências pelo canal formal.

Podemos ainda verificar através da **Tabela 2** que a maioria dos inquiridos admitem ter dificuldades em trabalhar com o computador, revelam também que apesar da pouca prática que têm frente ao computador conseguem fazer o mínimo, isto é, ligar e desligar o computador e aceder ao menu inicial. A maioria dos adultos revela também que a pertinência em desenvolver competências nas novas tecnologias se deve a razões profissionais.

Tal como já foi referido, as novas tecnologias tiveram o seu início nas fábricas, isto é com o desenvolvimento da indústria e conseguiram alcançar um lugar de relevo na nossa sociedade.

Podemos verificar através da **Tabela 2** no que concerne à pertinência dos conhecimentos de TIC por razões profissionais que os adultos (na sua maioria) têm noção da importância que as TIC têm no mercado de trabalho nos dias de hoje. Estas estão de tal modo dinamizadas nas empresas (sejam públicas ou privadas) que são consideradas indispensáveis às características da sociedade actual (**Gráfico 3**).



Contudo, não é apenas no domínio profissional que os adultos consideram que as TIC são importantes, como podemos verificar através do **Gráfico 9**. Quando questionados sobre a pertinência da utilização das TIC, podemos verificar que a maioria discorda com a afirmação “Considero pouco pertinente a utilização das TIC nos seus diferentes domínios, seja a nível pessoal, social ou profissional”. Podemos afirmar que os adultos têm cada vez mais noção da importância das Novas Tecnologias, estas proporcionam o desenvolvimento de novas competências nos diferentes domínios.

Na sua opinião qual a pertinência do desenvolvimento de competências em TIC: Frequência de ações de formação no âmbito das TIC:

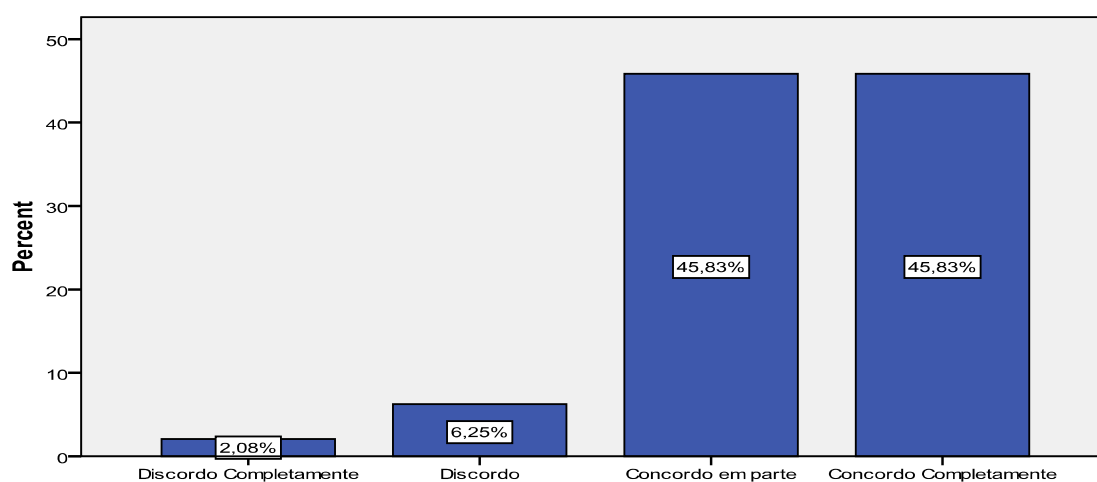


Gráfico 8

Considero pouco pertinente a utilização das TIC nos seus diferentes domínios, seja a nível pessoal, social ou profissional:

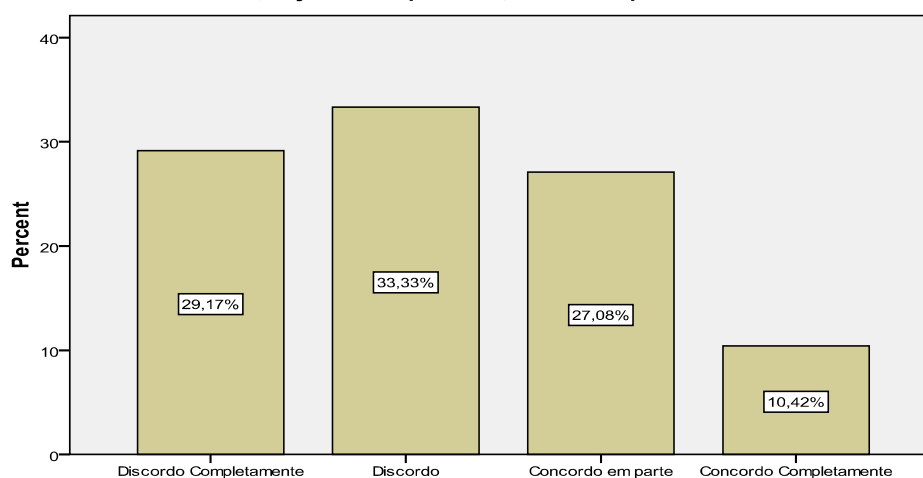


Gráfico 9

Mas, não podemos deixar de referir que as TIC promovem também a aprendizagem de forma autónoma e reflexiva, isto é, direcciona – se para aprendizagens auto-dirigidas. O adulto deve conseguir compreender a aplicabilidade das suas aprendizagens (Albano apud Candy, 1991).

Através da **Tabela 3** podemos observar que a maioria dos inquiridos considera pertinente o desenvolvimento de competências em TIC através da frequência de uma acção de formação. A frequência de um curso de formação neste âmbito irá facilitar bastante o desenvolvimento de competências e/ou conhecimentos em TIC.

Considero que a aquisição de competências no âmbito das TIC deve ser realizada:				
	Com a ajuda de familiares e amigos:	Auto-aprendizagem (aprender sozinho):	Aprendizagem no local de trabalho:	Frequência de acções de formação no âmbito das TIC:
Discordo Completamente	2,1%	6,3%	4,2%	2,1%
Discordo	20,8%	27,1%	10,4%	6,3%
Concordo em parte	62,5%	56,3%	70,8%	45,8%
Concordo Completamente	14,6%	10,4%	14,6%	45,8%

Tabela 3

No que respeita à forma como as competências de TIC são desenvolvidas, os adultos inquiridos consideram na sua maioria que a frequência de uma acção de formação será mais proveitosa (**Gráfico 8**), o que nem sempre é fácil, pois, a maioria dos adultos demonstram pouca disponibilidade para frequentar uma acção de formação relacionada com as TI, excepto se obtiveram algum proveito a curto prazo dessa mesma acção de formação. Os adultos não revelam grande preocupação com o futuro, as suas ambições ou mesmo preocupações limitam – se ao presente.

Considero que a aquisição de competências no âmbito das TIC deve ser realizada:

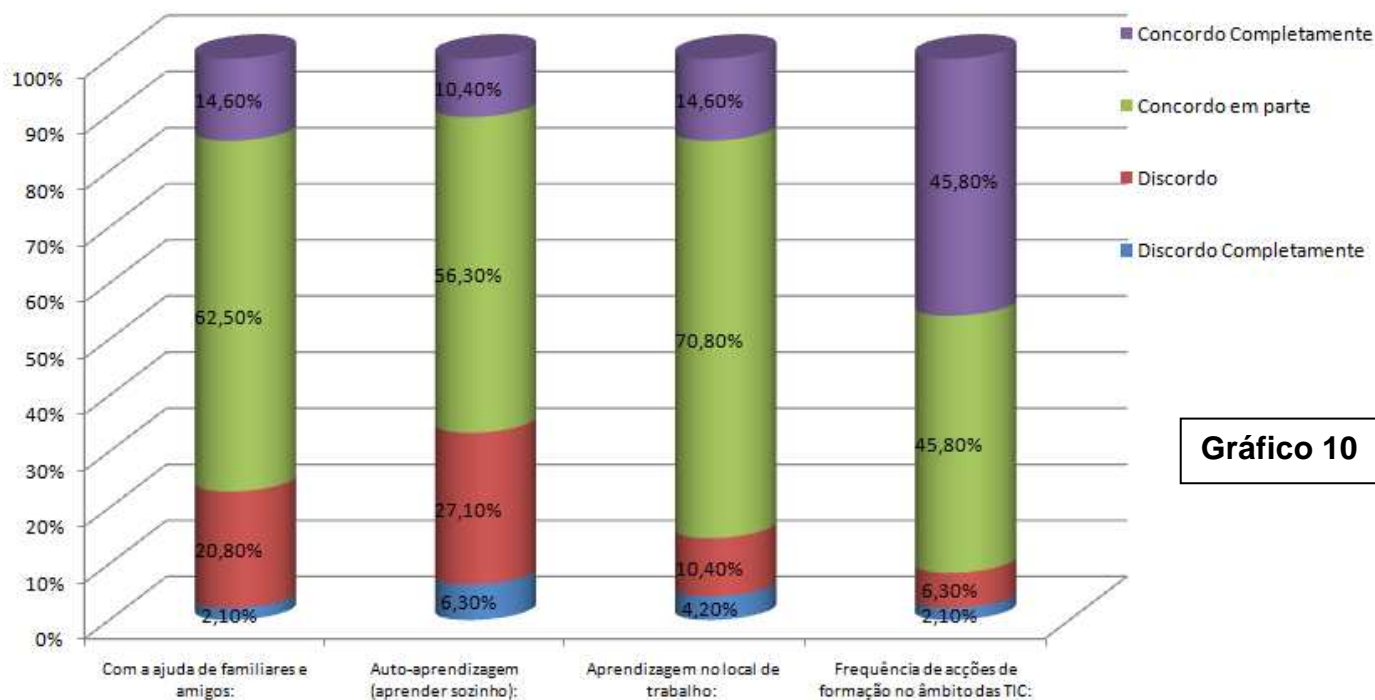


Gráfico 10

Podemos observar através do **Gráfico 10** que o primeiro com as TIC por parte dos adultos é feito na sua maioria através de frequência de uma acção de formação. Este facto deve – se em muito devido à orientação profissional que é feita actualmente nos Institutos de Emprego e Formação Profissional, esta orientação tem como objectivo mobilizar os adultos para novas aprendizagens que estejam de acordo com a conjuntura do mercado de trabalho actual. Mas, tal como já foi referido, a escolha de uma nova profissão por parte do adulto não é uma escolha fácil, tratam - se de indivíduos que desenvolveram a mesma actividade profissional durante muitos anos, esta situação leva por vezes à negação de uma nova aprendizagem, principalmente quando se trata de algo completamente desconhecido, como é o caso das novas tecnologias de informação.

Por norma este primeiro contacto do adulto com as TIC é desenvolvido em espaço formativo ou com a ajuda de familiares e amigos, isto porque o adulto por norma receia a utilização da máquina, o que justifica a pouca aderência à autoformação. Ainda de referir que nesta situação o adulto precisa de ser

orientado na utilização das novas tecnologias, bem como na selecção e recolha de informação.

Tal como já foi mencionado os adultos que têm menos escolaridade, são aqueles que menos procuram a formação, pois não compreendem esta necessidade da sociedade actual. Mas perante a sociedade estes sujeitos são considerados analfabetos pelo desconhecimento face às novas tecnologias. A definição de analfabeto foi – se alterando ao longo dos anos com a evolução social. Para Paulo Freire (Freire 1979) o sujeito alfabetizado era aquele que conseguia entender o que lia e escrever o que entendia. Mas este conceito foi – se deteriorando ao longo do tempo e em 1978 a UNESCO sugeriu a adopção da ideia de “alfabetizado funcional”, este seria aquele tipo de adulto que conseguia ler, escrever e compreender e aplicar as variadas situações de aprendizagem no contexto social, pessoa e profissional, mas essas habilidades teriam que ser aplicadas para efectuar mais aprendizagens ao longo da vida.

Como já foi referido, inicialmente os adultos demonstram muita relutância no contacto inicial com as novas tecnologias de informação.

A aprendizagem no local de trabalho é também considerada pelos respondentes como uma forma de desenvolver competências em TIC, o que nos remete mais uma vez para a importância das novas tecnologias quando direccionadas para os locais de trabalho.

No que respeita à auto-aprendizagem poucos são os adultos (cerca de 10%) que concordam com esta forma de aquisição de competências, pois o receio de “danificar” a máquina é uma constante na mente do adulto.

Apenas 14,6% dos inquiridos concordam totalmente com o facto de que a aquisição de aprendizagens em TIC se desenvolva em casa, com a ajuda de familiares e amigos.

Este resultados podem ser relacionados com a facto de a formação implicar não só a aquisição de competências mas também a noção dessas mesmas competências (Ginburg, 1998 e Imel, 1998 e 1999) de forma a que o adulto consiga interagir com as novas tecnologias e procurar mais informação acerca

das TIC. Nesta situação o formador tem um papel fundamental, pois, este deve criar momentos formativos que permitam a auto-aprendizagem e a reflexão por parte do adulto.

Os adultos também utilizam o computador em casa com alguma frequência, principalmente para navegar na internet (**Tabela 4**). Estamos na era da globalização, através da internet temos acesso a uma infinidade de informação, independentemente do local onde nos encontramos. Por meio deste sistema de comunicação podemos procurar emprego (que muito interessa à maioria dos adultos inquiridos) em qualquer local, seja na área de residência do adulto ou não, afinal a internet é uma excelente fonte de informação e de procura de conhecimentos.

No entanto, alguns dos Inquiridos (cerca de 29%) também utilizam o computador em casa para trabalhar.

Tenho por hábito utilizar o computador em casa:				
	Para trabalhar	Para jogar	Para navegar na internet	Para comunicar com os amigos
Discordo Completamente	4,2%	16,7%	8,3%	4,2%
Discordo	4,2%	10,4%	2,1%	10,4%
Concordo em parte	62,5%	56,3%	47,9%	45,8%
Concordo Completamente	29,2%	16,7%	41,7%	39,6%

Tabela 4

Este tipo de utilização do computador já implica alguns conhecimentos e também alguma autonomia que se pode dever ao facto de a maioria dos inquiridos se encontrar a frequentar uma acção de formação profissional (cerca de 80% - **Gráfico 1**). Podemos também observar através da **Tabela 4** e do **Gráfico 6** que apenas uma pequena minoria dos respondentes afirma não

utilizar o computador em nenhuma das situações descritas. Sendo que a percentagem mais elevada vai mesmo para os jogos.

Apesar de ainda haver algum descrédito em relação ao computador os adultos começam aos poucos a tomar consciência da nova realidade social no que respeita à utilização das TIC. Não nos podemos esquecer que as novas tecnologias surgiram como um impacto na sociedade devido ao efeito directo que exerceram, por norma, a maioria dos adultos são relutantes à mudança, principalmente quando não compreendem os efeitos directos dessas mesmas mudanças, foi o que aconteceu com as novas tecnologias. Actualmente encontramos – nos perante uma revolução tecnológica que nos surpreende a cada dia, devido à rapidez com que evolui, devido a esta situação há também por parte dos adultos a necessidade de se adaptarem a esta nova sociedade, independentemente da classe social a que pertencem, pois, actualmente o computador está acessível a todas as “bolsas”.

Tenho por hábito utilizar o computador em

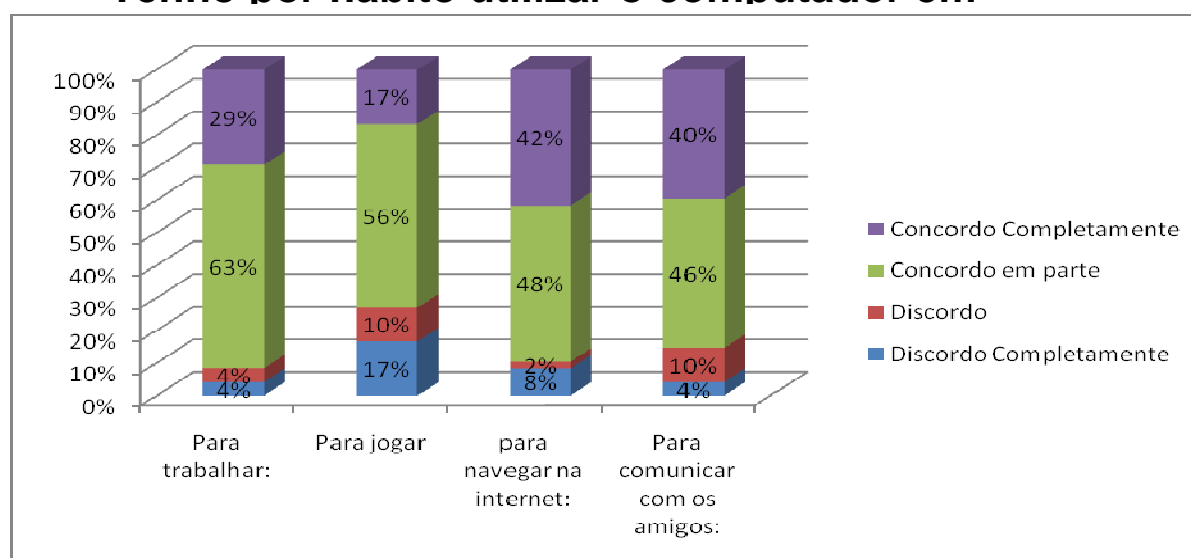


Gráfico 11

No que concerne aos programas utilizados pelos adultos, podemos verificar pela **Tabela 5** que os programas que utilizam com mais frequência são o Microsoft Word e a Internet. O que não nos surpreende, pois de uma forma geral estes são mesmo o software mais utilizados pelos diferentes adultos, seja

por uma questão de necessidade (Microsoft Word), por curiosidade ou mesmo pelo seu carácter lúdico, como é o caso da internet. A maioria dos inquiridos

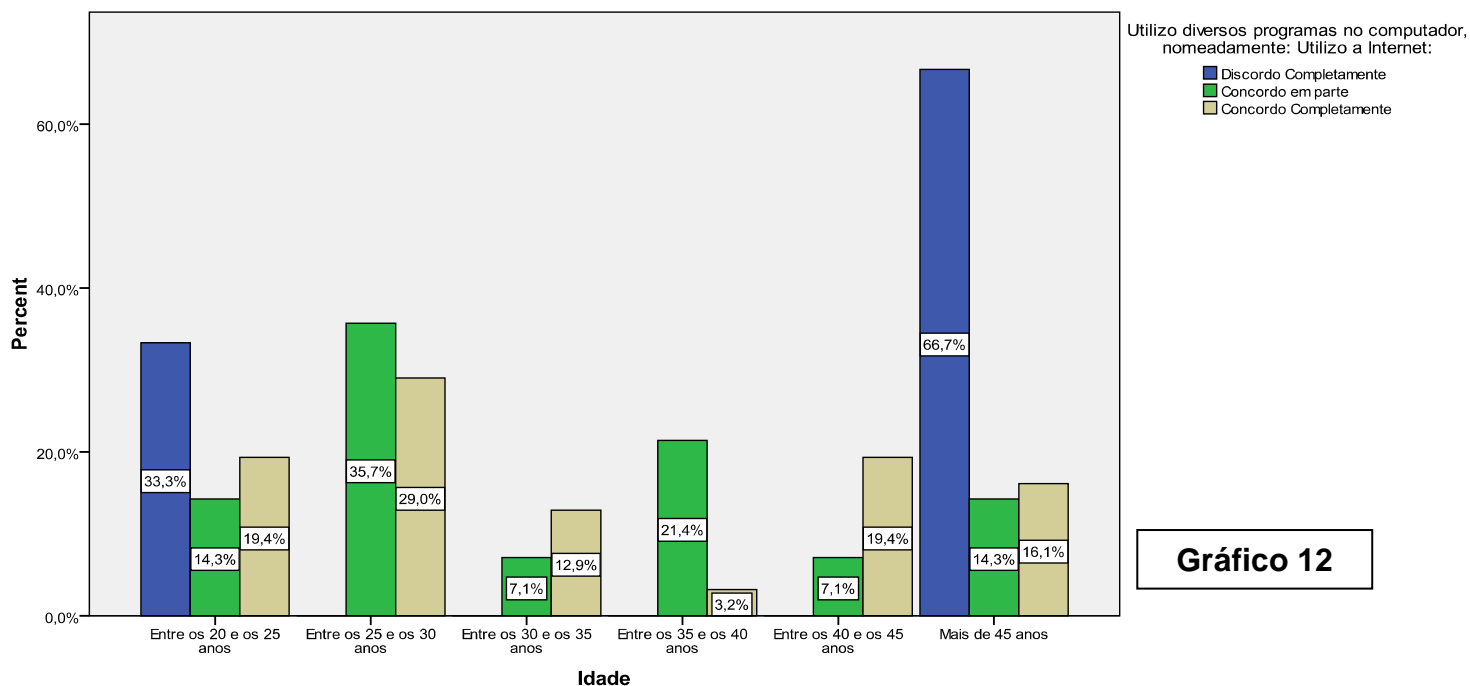
Utilizo diversos programas no computador:				
	Utilizo um Sistema Operativo:	Utilizo o Microsoft Word:	Utilizo o Microsoft Excel	Utilizo a Internet:
Discordo Completamente	10,4%	8,3%	10,4%	6,3%
Discordo	6,3%	4,2%	20,8%	
Concordo em parte	47,9%	39,6%	33,3%	29,2%
Concordo Completamente	35,4%	47,9%	35,4%	64,6%

Tabela 5

(64,6%) utiliza a internet. Não nos podemos esquecer que a internet proporciona também aos seus utilizadores momentos de lazer e permite também a interacção social.

Por outro lado, aos poucos, os adultos começam a tomar consciência da pertinência do uso das TIC, mas é importante referir que a utilização das TIC deve ser compreendida. O termo Literacia informática remete – nos para o uso eficaz e eficiente das novas tecnologias, ou seja, retrata o “savoir-faire” direccionado para os computadores, tal como se depreende da formação de adultos. Este termo direcciona – se para a aplicabilidade do sistema ensino/aprendizagem com o objectivo de apoiar formandos e formadores na utilização das TIC e facilitar o desenvolvimento de competências no âmbito da informática, sem nunca nos esquecermos que a formação de adultos deve sempre ir ao encontro das necessidades e às realidades pessoais, sociais e profissionais do adulto, que por seu lado se têm modificado ao longo do tempo, em grande parte devido à evolução tecnológica.

É também interessante verificarmos que a utilização da internet é diferente em função da faixa etária dos adultos (**Gráfico 12**).



As faixas etárias dos adultos mais novos e também dos adultos mais velhos são aqueles que menos utilizam a internet. Se por um lado não nos surpreende o facto de a maioria dos adultos com mais de 45 anos pouco recorrerem à internet, não deixa de ser interessante verificar que os adultos que se encontram na faixa etária que se situa entre os 20 – 25 anos, na sua maioria não utilizam esta rede de informação.

Esta situação pode estar relacionada com o facto de os inquiridos serem um público muito específico, isto é, desempregados e de baixa classe social, o facto de os adultos que menos classificações têm menos se preocupam em desenvolver novas competências para enfrentar a conjuntura actual do mercado de trabalho, é também uma das razões que justifica esta situação.

Na formação de adultos há que ter em consideração que muitos deles relacionam a formação com o sistema formal de ensino, com uma estrutura rígida, e não é isso que se depreende da formação de adultos. Esta contempla um processo educativo e também de socialização devido ao contacto com realidades (na sua maioria informais) diferentes.

Utilizo diversos programas no computador, nomeadamente: Utilizo a Internet:

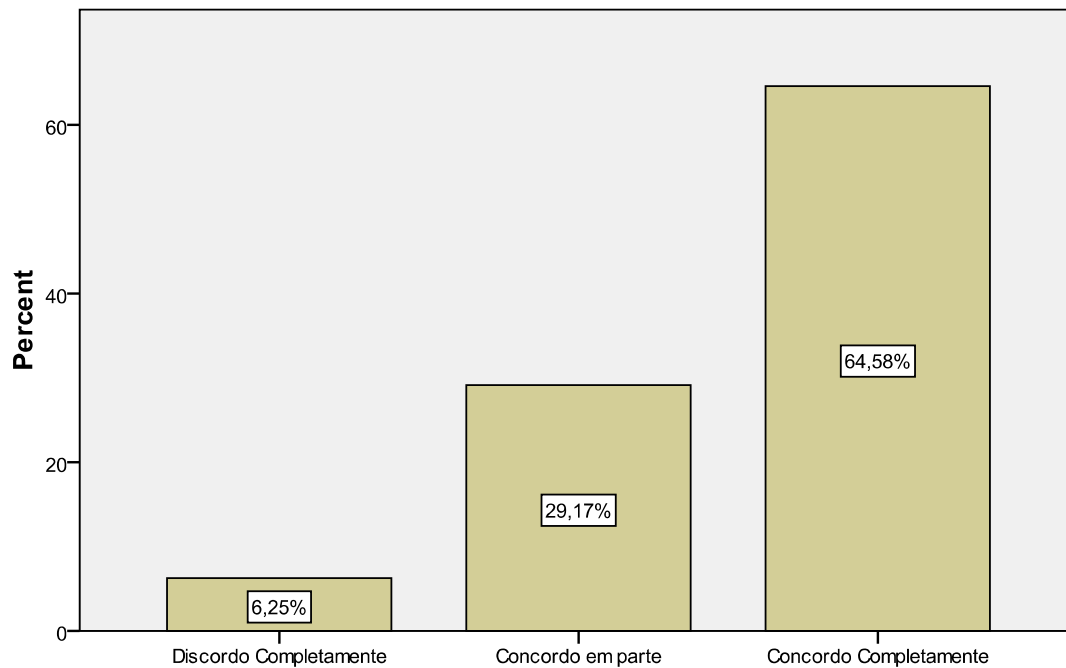


Gráfico 13

Gráfico 13 – análise geral de respostas no que concerne à utilização do computador.

Actualmente pretende – se que os adultos consigam identificar as suas necessidades formativas e que tentem encontrar soluções que estejam de acordo com as suas necessidades. Os adultos na faixa dos 45 anos adquirem com mais facilidade a noção desta realidade, até porque a maioria tem responsabilidades familiares. Por outro lado, os mais jovens que abandonaram a escola cedo têm mais dificuldades em identificar as suas necessidades formativas, isto deve - se também à menor experiência que possuem e, consequentemente a um menor leque de competências, sejam pessoais e/ou profissionais.

O público mais jovem, que apesar de possuir poucas competências profissionais e escolares, também não demonstra preocupação na procura e desenvolvimento dessas mesmas competências. Ainda de referir que a faixa etária entre os 25 – 30 anos é onde podemos encontrar mais utilizadores da internet. Esta é também uma faixa etária de jovens adultos, pelo que é normal que utilizem esta ferramenta com regularidade, nem que seja por curiosidade,

estes adultos procuram desenvolver competências em TIC, na maioria das vezes através de autoformação.

É também de salientar o facto de a maioria dos inquiridos não utilizar o Sistema Operativo e o Microsoft Excel.

O Sistema operativo pode ser considerado o conjunto de programas que tem como função fazer a gestão dos recursos do próprio sistema, é também sua função fazer o interface entre o utilizador e a máquina (computador). Considero que uma grande maioria dos respondentes desconhece as funcionalidades ou a própria definição de Sistema Operativo, pois, ao utilizarem o Microsoft Word, utilizam também o Sistema Operativo que muito provavelmente desconhecem. Por outro lado, no que diz respeito ao Microsoft Excel, tal como já foi referido a maioria dos inquiridos (**tabela 6**) refere não utilizar este programa. Esta questão

Utilizo diversos programas no computador:				
	Utilizo um Sistema Operativo:	Utilizo o Microsoft Word:	Utilizo o Microsoft Excel	Utilizo a Internet:
Discordo Completamente	10,4%	8,3%	10,4%	6,3%
Discordo	6,3%	4,2%	20,8%	
Concordo em parte	47,9%	39,6%	33,3%	29,2%
Concordo Completamente	35,4%	47,9%	35,4%	64,6%

Tabela 6

pode ser justificada pelo facto de se tratar de um programa de cálculo ou análise estatística, que por sua vez é mais complexo quando comparado com o Microsoft Word por exemplo, tendo em consideração a amostra respondente ao inquérito. Por vezes também se trata de uma questão de necessidade, se ao adulto precisar e se já possuir algumas competências no âmbito das TIC, consegue de forma autónoma aceder ao programa e descobrir pelo menos as suas funcionalidades básicas. Não nos podemos esquecer que as novas tecnologias têm também grande aceitação por parte dos formadores e também

de formados no processo formativo, ate porque, muitos momentos formativos de aprendizagem efectiva têm as TIC como base.

Também é pertinente analisar as razões que levam os adultos a frequentar uma acção de formação no âmbito das novas tecnologias.

Os motivos que me levariam a frequentar uma acção de formação no âmbito das novas Tecnologias prendem - se com:			
	Exigências do mercado de trabalho	Exigências da entidade patronal:	Interesses sociais e pessoais
Discordo Completamente	4,2%	10,4%	
Discordo	2,1%	22,9%	4,2%
Concordo em parte	64,6%	50,0%	60,4%
Concordo Completamente	29,2%	16,7%	35,4%

Tabela 7

Podemos verificar através da **tabela 7** que a maioria dos inquiridos refere que o principal motivo para frequentar uma acção de formação de formação no âmbito das TIC são interesses de ordem social e pessoal; tal como já foi abordado, as TIC adquiriram ao longo do tempo um lugar de relevo na sociedade actual, o que leva a que os adultos demonstrem interesse na utilização deste tipo de tecnologia e a usufruírem das inúmeras vantagens das TIC, pois, permite o acesso a todo o tipo de informação.

As exigências do mercado de trabalho também são algo a considerar para a frequência deste tipo de formação. As TIC proporcionam o desenvolvimento de novas e importantes competências profissionais e auxiliam o adulto no desenvolvimento das suas actividades laborais. Cada vez mais é pertinente o conhecimento (mesmo que mínimo) no âmbito das novas tecnologias o mercado de trabalho está em constante evolução e mutação e é necessário que o adulto se adapte a estas novas exigências de forma a não ficar “desajustado” a esta evolução.

Considero pertinente a aquisição de conhecimentos de TIC por razões profissionais:

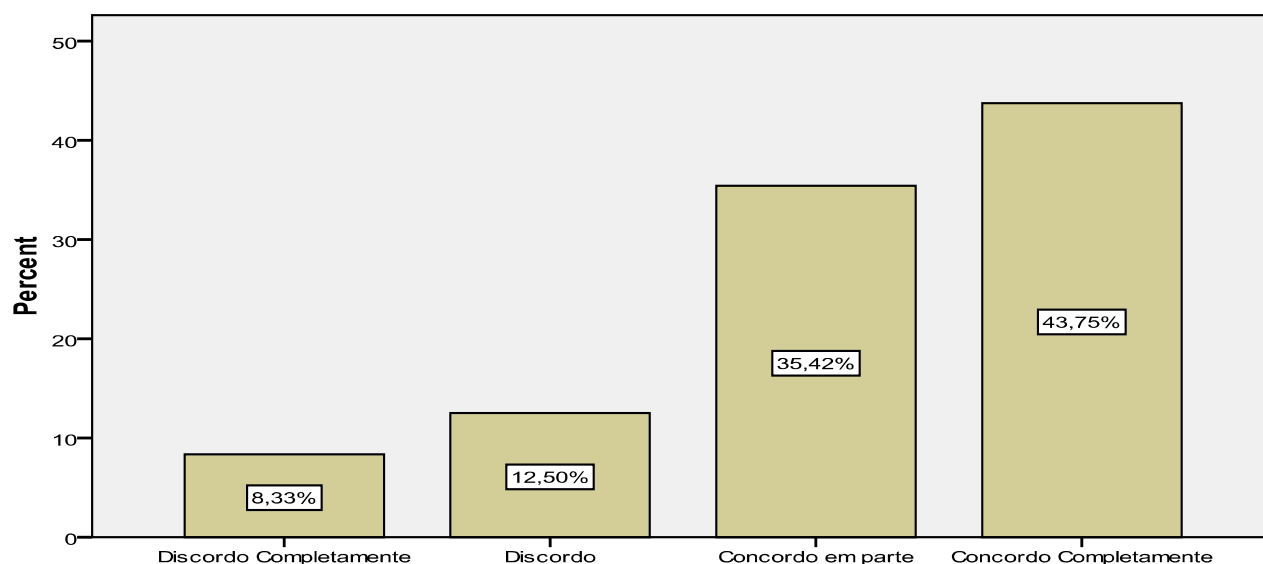


Gráfico 14

Gráfico 14 – análise geral de respostas no que concerne à pertinência de aquisição de conhecimentos de TIC por razões profissionais.

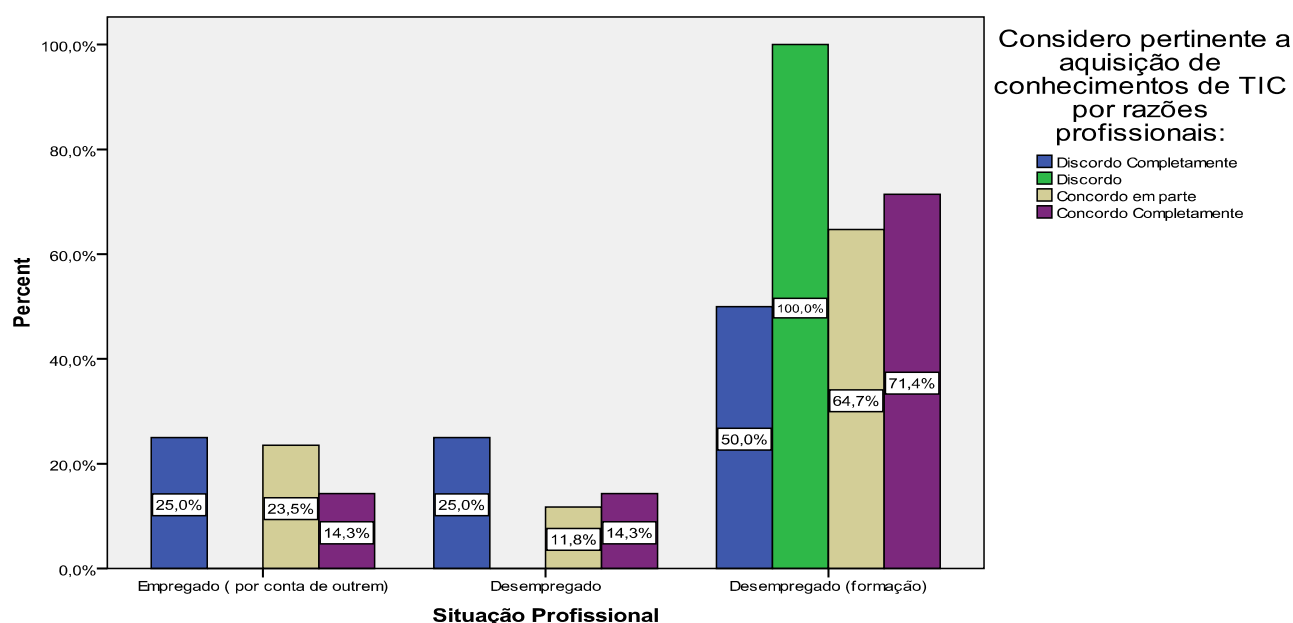


Gráfico 15

Considero que os adultos têm noção das exigências do mercado de trabalho, como podemos analisar através do **Gráfico 15**. A maioria dos adultos que consideram pertinente a aquisição de competências em TIC encontram – se desempregados (a frequentar uma acção de formação) o que demonstra preocupação com a aquisição de conhecimentos no domínio das novas

tecnologias, estas estão cada vez mais dinamizadas no mercado de trabalho, independentemente do sector de actividade. De referir que as novas tecnologias são cada vez mais importantes, têm um papel fundamental na procura e no acesso à informação, o conhecimento (mesmo que mínimo) das novas tecnologias pode fazer a diferença na procura (e alcance), de emprego e podemos dizer que a maioria dos inquiridos tem percepção dessa situação.

Os motivos que me levariam a frequentar uma acção de formação no âmbito das novas oportunidades prendem - se com: Exigências do mercado de trabalho:

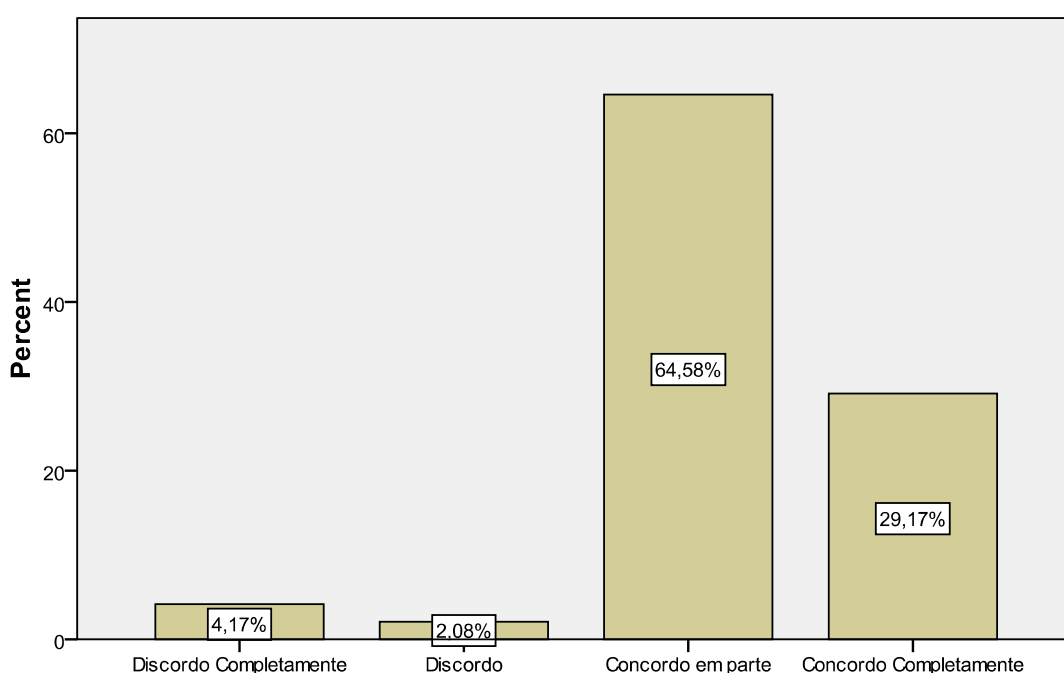


Gráfico 16

Gráfico 16 – análise geral de respostas no que concerne à pertinência de aquisição de conhecimentos de TIC por razões profissionais.

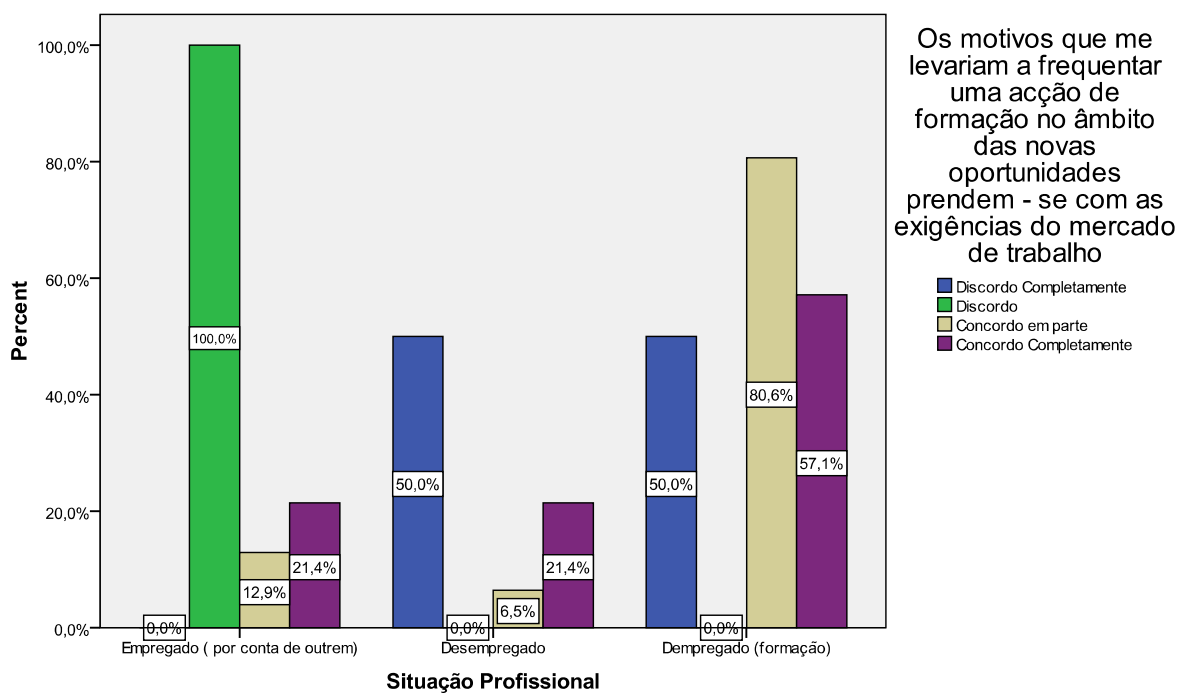


Gráfico 17

A utilização das novas tecnologias é um factor importante a diferentes níveis, para o adulto. O formando adquire diversas competências através do uso intenso das novas tecnologias, uma vez que é um recurso pouco utilizado pela maioria dos adultos, e, aqueles que o utilizam, fazem – no com receio, principalmente devido à insegurança que têm em trabalhar com esta nova tecnologia. Mas, cada vez mais e face às novas políticas laborais que estão de acordo com o mercado de trabalho actual o IEFP promove formação onde se conseguem enquadrar todos os adultos independentemente das necessidades específicas de cada um deles. Por exemplo a frequência de um curso EFA para adultos de baixa escolaridade e que pretendam efectuar a aprendizagem de um nova profissão (estas acções contemplam no seu currículo as TIC) ou a frequência de uma acção de formação modular para o adulto que apenas pretenda adquirir competências no âmbito das novas tecnologias, nos seus diferentes horizontes. Estas ofertas vão de encontram às necessidades dos adultos e tendo por base que estes consigam identificar as suas falhas formativas, ou mesmo as suas fraquezas de cariz educativo, mas para que toda esta envolvente funcione em pleno é condição principal que o adulto esteja predisposto e motivado para efectuar as mais variadas aprendizagens. É

também importante realçar que para além da efectivação da aprendizagem o adulto deve também conseguir aplicar o resultado das suas aprendizagens nos diferentes momentos da sua vida pessoal, social e profissional, pois, uma das finalidades da formação é possibilitar ao adulto a sua actuação autónoma no âmbito das novas tecnologias nos seus mais variados contextos.

No que concerne às motivações dos adultos para frequentarem uma acção de formação no âmbito da TIC, podemos observar através do **Gráfico 19** que estas se alteram consoante a situação profissional dos inquiridos. Os adultos que se encontram a trabalhar por conta de outrem discordam na totalidade desta afirmação. Esta situação deve – se ao facto de os mesmos se encontrarem em situação profissional que consideram estável. Tal como atrás se referiu os adultos quando se encontram a desenvolver uma actividade profissional não consideram pertinente a frequência de acções de formação que o possam levar a desenvolver outro tipo de competências e que os tornem mais eficazes no seu local de trabalho.

Na sua opinião qual a pertinência do desenvolvimento de competências em TIC: O desenvolvimento de competências em TIC é importante para arranjar emprego:

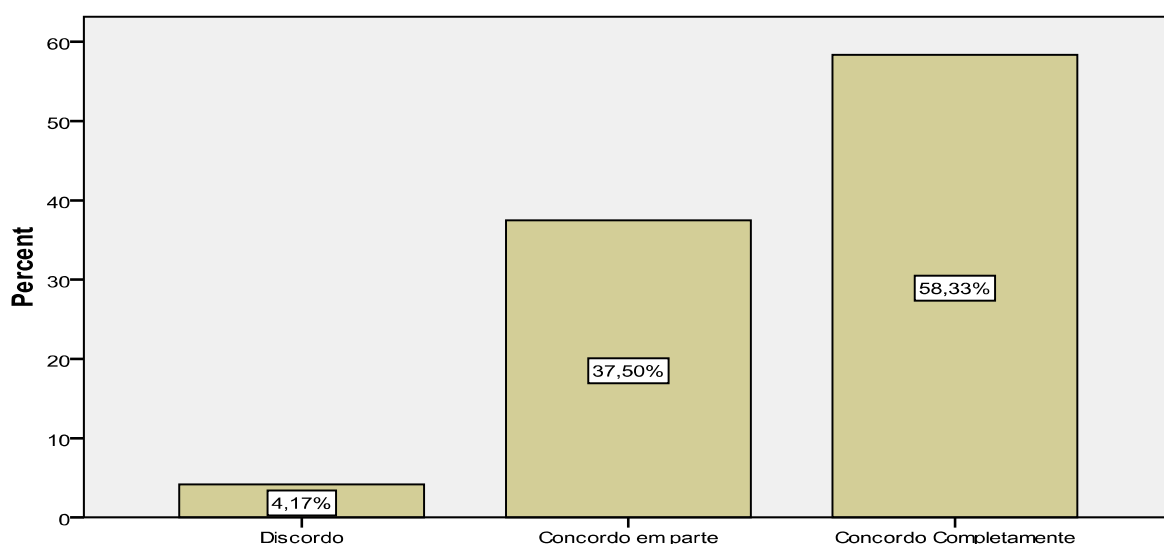
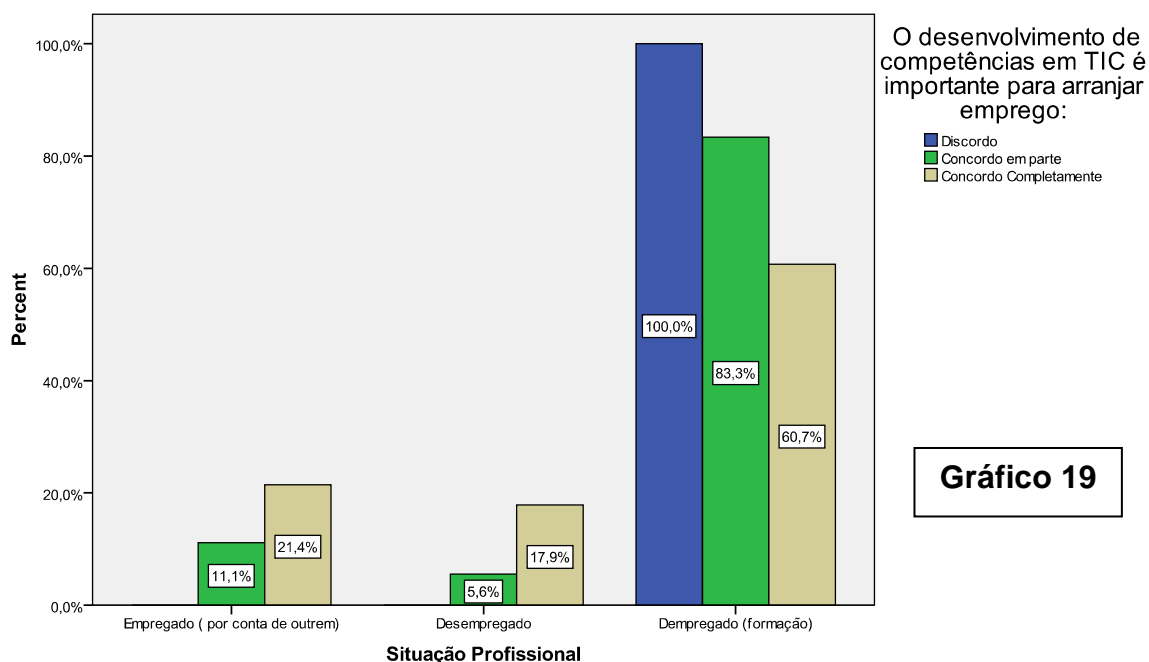


Gráfico 18

Gráfico 18 – análise geral de respostas no que concerne à pertinência do desenvolvimento de competência em TIC e a sua importância para arranjar emprego.



Por outro lado, a maioria dos inquiridos que consideram pertinente o desenvolvimento de competências em TIC para fazer face às exigências do mercado de trabalho encontram – se a frequentar uma acção de formação. Podemos dizer que devido à instabilidade profissional destes adultos, conseguem compreender com mais facilidade a importância da aquisição de conhecimentos relacionados com as novas tecnologias.

Através deste gráfico podemos observar que a maioria dos inquiridos que se encontram desempregados mas a frequentar uma acção de formação consideram que a aquisição de competências em TIC não é importante para arranjar emprego, mas, como verificamos no gráfico anterior, estes, na sua maioria consideram que apenas iriam frequentar uma acção de formação se esta fosse condição para a aquisição de emprego. Tal como já foi mencionado, os adultos de uma forma geral não têm iniciativa para procurar formações que lhes proporcionem uma actualização no domínio das TIC, só frequentam estas acções de formação quando obrigados, ou quando lhes é exigido, por iniciativa própria não o fazem.

Os motivos que me levariam a frequentar uma acção de formação no âmbito das novas oportunidades prendem - se com: Interesses sociais e pessoais:

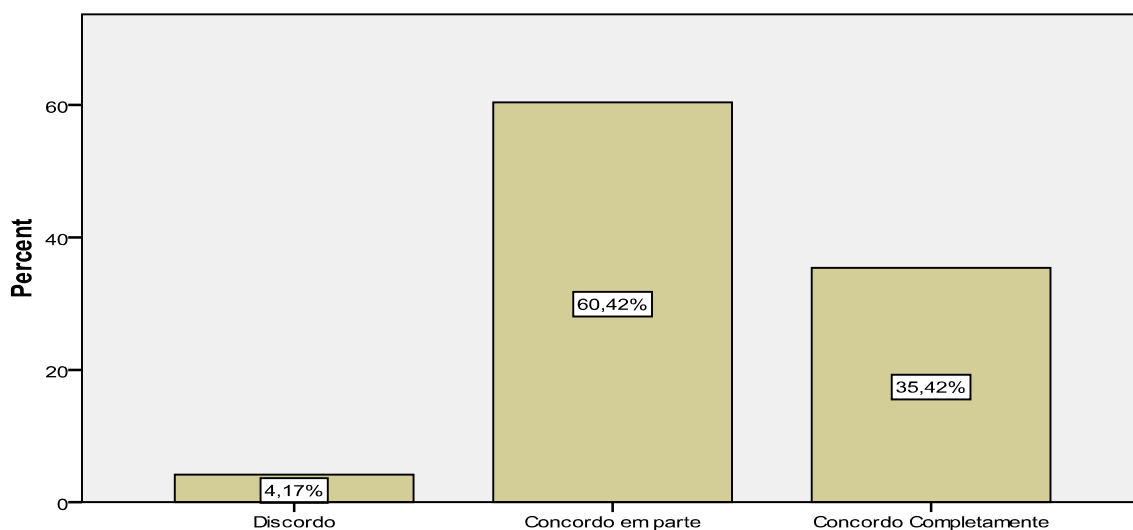


Gráfico 20

Gráfico 20 – análise geral de respostas no que concerne aos motivos que levam o adulto a frequentar uma acção de formação no âmbito das TIC – Interesses sociais e pessoais.

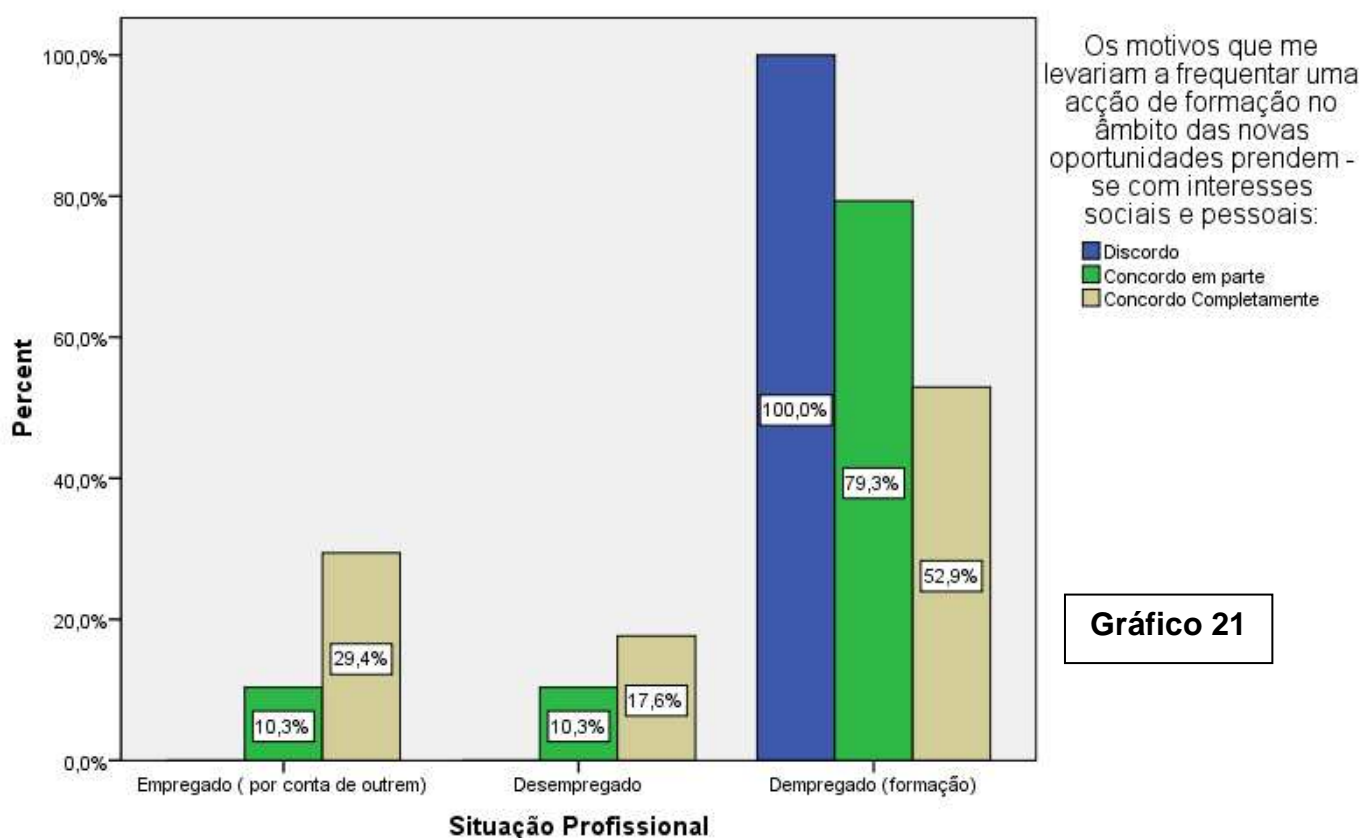


Gráfico 21

O **Gráfico 21** vem confirmar a análise dos dois anteriores, isto é, na sua maioria os adultos por iniciativa própria não frequentam uma acção de formação no âmbito das TIC, apesar de se encontrarem numa situação carenciada, como é o caso da frequência de uma formação. Podemos mesmo dizer que os adultos, principalmente aqueles que possuem pouca escolaridade não compreendem a necessidade de se actualizarem nas novas tecnologias. Tal como já foi mencionado, as exigências do mercado de trabalho alteraram – se e muitas dessas alterações devem-se à evolução das novas tecnologias, todos aqueles que descurarem esta situação vão aos poucos ficando “obsoletos”.

A utilização das TIC tem pouca aplicabilidade no meu dia-a-dia:

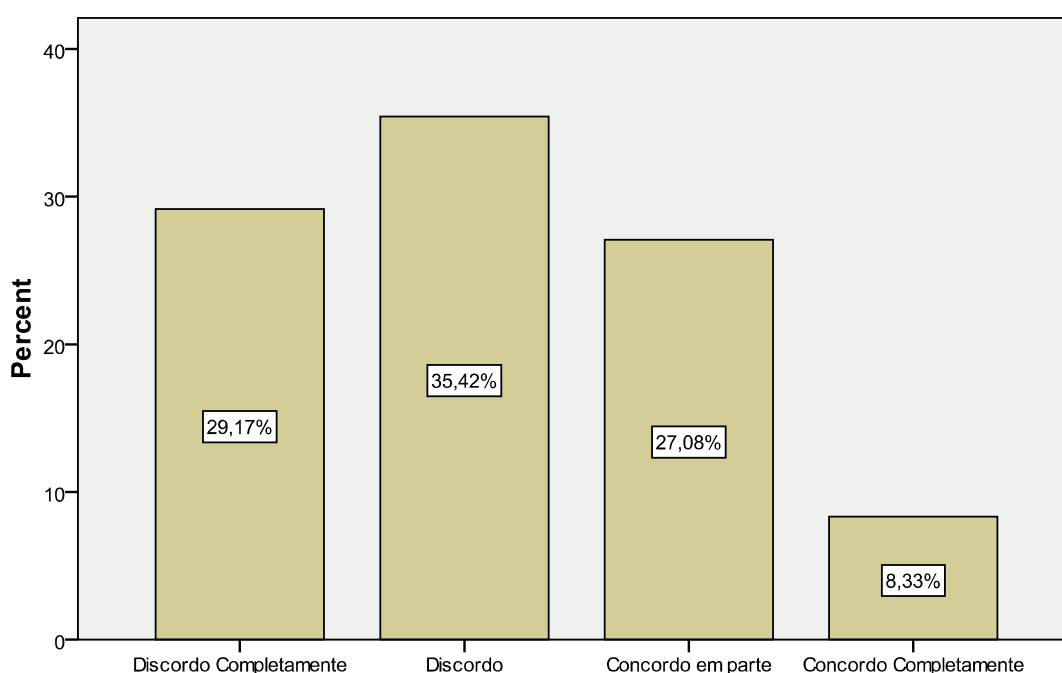
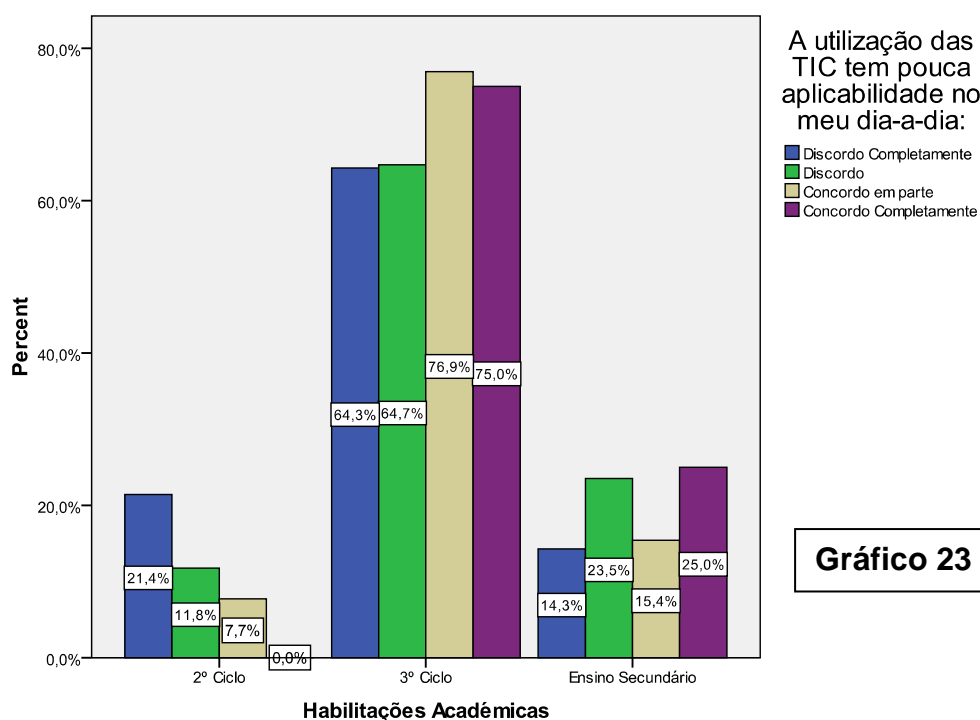


Gráfico 22

Gráfico 22 – análise geral de respostas no que concerne à aplicabilidade das TIC no dia – a – dia do adulto.



A análise deste gráfico permite – nos consolidar o que já foi referido. Observamos que os adultos que menos se interessam pelas aprendizagens no domínio das novas tecnologias são os que detêm o 3º ciclo de escolaridade, ou seja, possuem pouca escolaridade. Não nos podemos esquecer que a sociedade actual “exige – nos” cada vez mais conhecimentos amplos em diferentes contextos, mas também é essencial que se consiga aplicar esses conceitos nos diferentes domínios da vida. A sociedade actual quase que impõe o conhecimento das novas tecnologias, afinal, as TIC surgiram como um impacto na sociedade em geral e em particular na sociedade portuguesa e nem todos conseguem acompanhar esta evolução. Estamos perante uma “revolução tecnológica” que deve ser acompanhada por todos, independentemente da faixa etária ou da classe social. Mas, esta situação vem reforçar mais uma vez o facto de os adultos que menos escolaridade e qualificação profissionais têm são mesmo aqueles que menos se demonstram predispostos para efectuar o desenvolvimento de competências relacionadas com as novas tecnologias. Ainda de referir que as novas tecnologias não se reportam apenas para o computador, mas também para o uso do telemóvel por exemplo, este também faz parte do dia – a dia da sociedade portuguesa.

As motivações dos adultos inquiridos para a frequência de uma acção de formação prendem – se com interesses sociais e pessoais. Esta análise remete – nos para o **Gráfico 7** e para a **tabela 6** onde observamos que dos adultos inquiridos a maioria utilizava internet. Esta situação não é negativa, uma vez que a internet é nos dias de hoje considerada como um meio de comunicação, esta contribui bastante para o desenvolvimento da sociedade e para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. Quando bem utilizada, esta pode permitir um melhor e mais vasto acesso à informação. Actualmente é utilizada nos mais diversos locais, aos quais os adultos têm acesso, como por exemplo em casa, num “espaço internet” ou mesmo numa biblioteca. Esta é também uma forma de dinamizar a utilização das novas tecnologias de informação que se encontram acessíveis a todos os cidadãos, independentemente da sua classe social ou mesmo da faixa etária. A utilização do email pode ser uma forte motivação para a utilização das TIC por parte dos adultos, isto desde que os mesmos compreendam a aplicabilidade de uma caixa de correio electrónico, este pode ser muito útil por exemplo na resposta a ofertas de emprego que sejam consultadas na internet. É competência do formador criar no adulto a necessidade de utilização desta ferramenta electrónica, isto é, recorrer à realidade do adulto para que este se sinta motivado para a utilização deste tipo de tecnologias.

Os motivos que me levariam a frequentar uma acção de formação no âmbito das novas oportunidades prendem - se com: Exigências da entidade patronal:

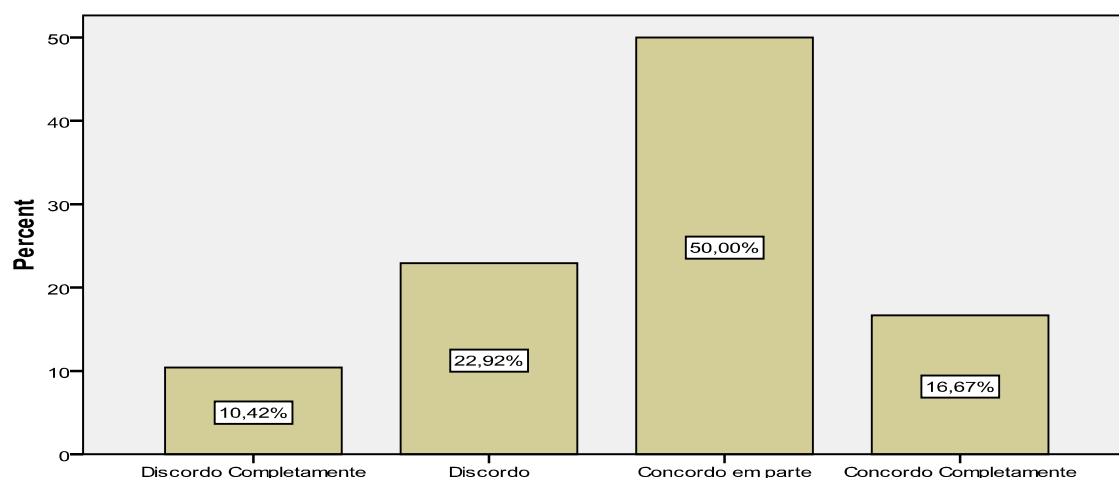
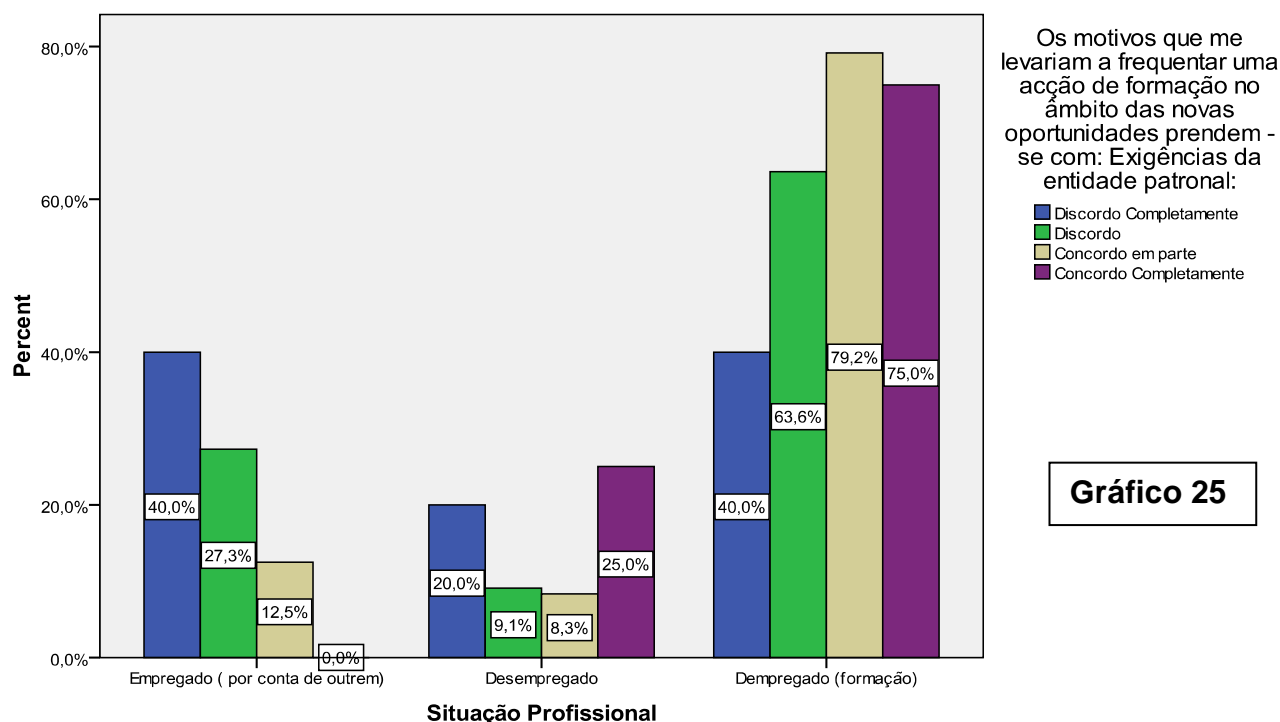


Gráfico 24

Gráfico 24 – análise geral de respostas no que concerne à motivação dos adultos para frequentarem uma acção de formação – Exigências da entidade patronal.



Podemos observar através da análise do gráfico que uma fonte de motivação para que o adulto frequente uma acção de formação no âmbito das novas tecnologias é o facto de a entidade patronal o exigir, ou seja, por iniciativa própria poucos adultos o fariam. Mas, também é pertinente referir que a grande maioria que referiu frequentar a acção de formação encontra – se desempregado (a frequentar uma acção de formação). A maioria dos adultos que se encontram a trabalhar referem que não iriam frequentar uma acção de formação no domínio das novas tecnologias mesmo que a entidade patronal assim o exigisse.

A formação de adultos está pensada na tentativa de alargar os horizontes dos adultos e proporcionar o desenvolvimento de competências para fazer face às exigências do mercado de trabalho actual. Cada vez mais as empresas exigem “mobilidade” por parte dos seus trabalhadores, e são as próprias empresas que tentam incentivar e motivar os adultos para a formação, mas nem sempre é

fácil, pois, existem muitas reservas por parte do adulto na frequência de acções de formação, mais ainda se for no âmbito das novas tecnologias, pois, tal como já referimos o adulto desconfia do que desconhece e o computador é para muitos adultos o desconhecido o que leva a hesitações e muitas reservas por parte do adulto.

Inicialmente, a formação de adultos foi desenvolvida para fazer face à exclusão social, mas esta situação alterou – se e para muitos adultos é uma constante necessidade, para o desenvolvimento de competências que pelas mais diversas razões não conseguiram desenvolver por outras vias. Os adultos têm direito à frequência de acções de formação, foi definido em 1998 pelo Plano Nacional de Emprego algumas directrizes que concediam horas de formação ao trabalhadores e apoios às empresas para ministrarem formação aos seus colaboradores, no entanto estes apoios nem sempre são aproveitados e os adultos nem sempre se encontram predispostos para a frequência de acções de formação, a não ser que lhes sejam impostas pela entidade patronal. A formação profissional é sempre importante para os adultos, uma vez que tenta – se ao máximo privilegiar as experiências de vida do adultos nos seus diferentes domínios, mas infelizmente a realidade social dos adultos por vezes não lhes permite compreender esta vertente da formação. Actualmente existe uma panóplia de ofertas formativas, que estão pensadas em função da realidade social e empresarial da nossa sociedade.

Tenho algumas dificuldades em compreender o funcionamento de um computador:

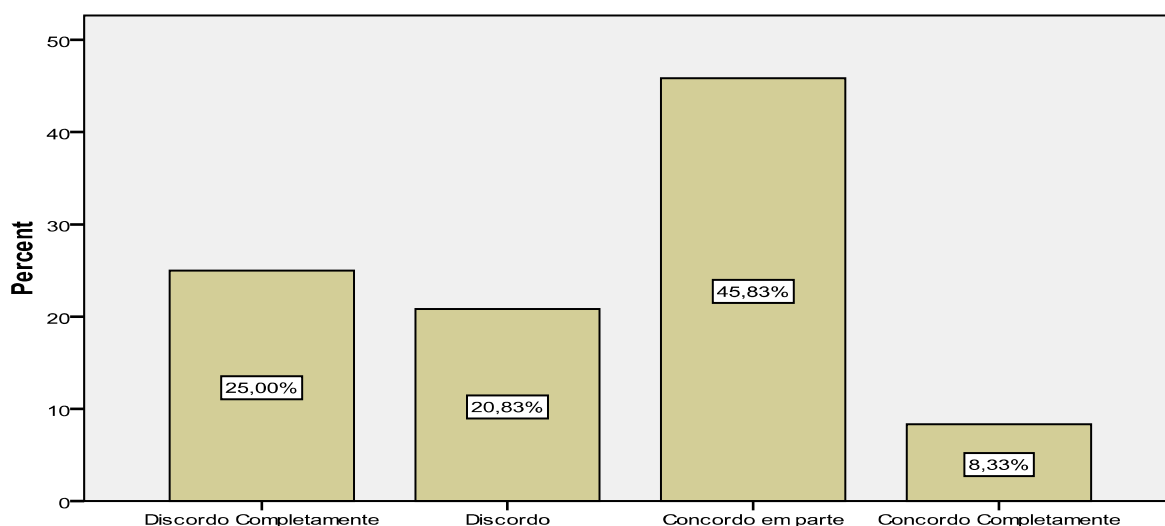


Gráfico 26

Gráfico 26 – análise geral de respostas no que concerne às dificuldades do adulto em compreender o funcionamento de um computador.

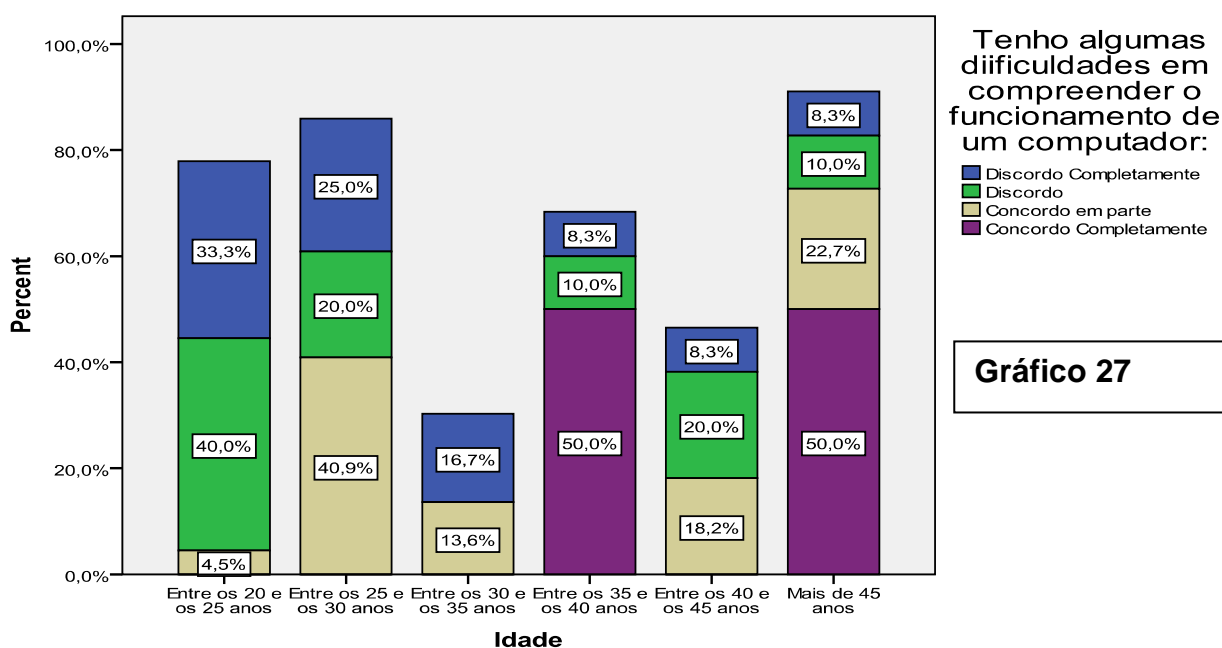


Gráfico 27

Através da análise do **Gráfico 27** podemos observar que os adultos das faixas etárias mais elevadas são aqueles que revelam ter mais dificuldade em compreender o funcionamento do computador. Os adultos cuja faixa etária se encontra entre os 25 e os 30 anos de idade também revelam ter dificuldades na compreensão do funcionamento do computador.

É importante referir que a formação de adultos contribui bastante para o desenvolvimento local de uma região, mas esta deve ir de encontro às necessidades reais dos adultos dessa mesma região. É pertinente para o adulto compreender a pertinência de frequentar determinada acção de formação, bem como a aplicabilidade dos conceitos abordados, pois, tal como já foi referido o adulto desconfia do que não conhece e reage mal ao que não compreende, principalmente se nos referirmos a adultos que pertençam a classes sócias mais desfavorecidas. A realidade social do adulto e a frequência da acção de formação adequada às suas carências profissionais pode fazer a diferença, uma vez que a formação ajuda à valorização pessoal, profissional e muitas vezes social do adulto. A maioria das vezes as experiências de vida do adulto são reconhecidas, evidenciadas e aproveitadas em momentos formativos, são impulsos de motivação para o próprio adulto, quando percebe que as suas competências são valorizadas.

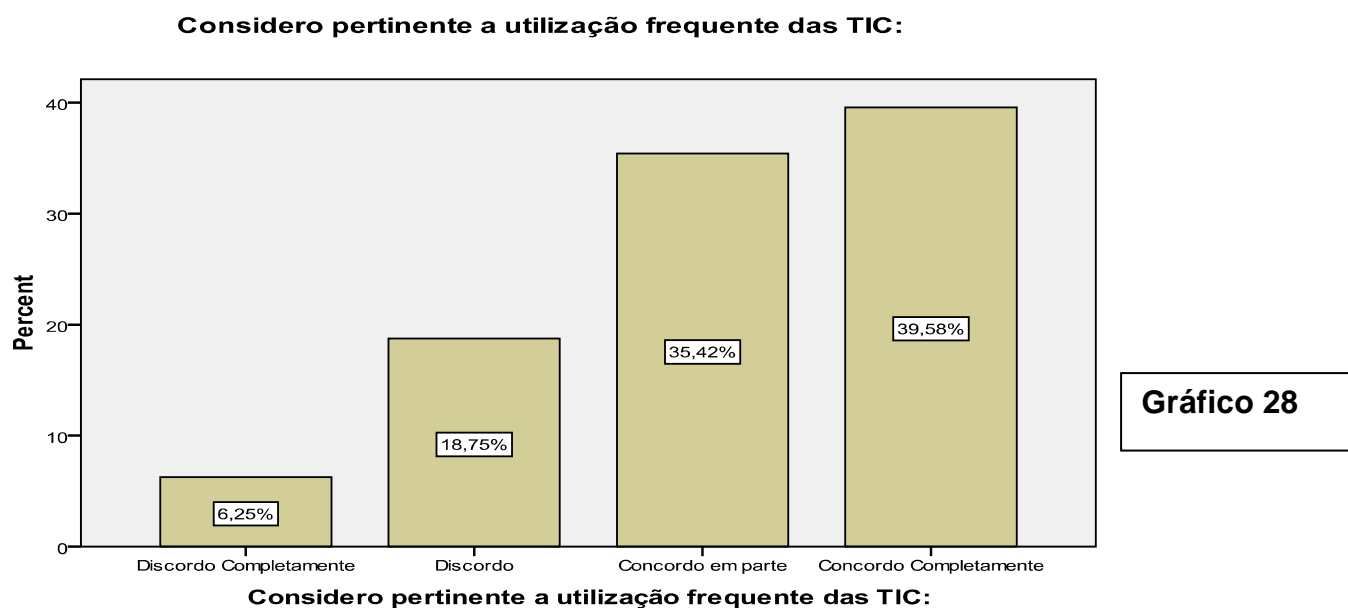
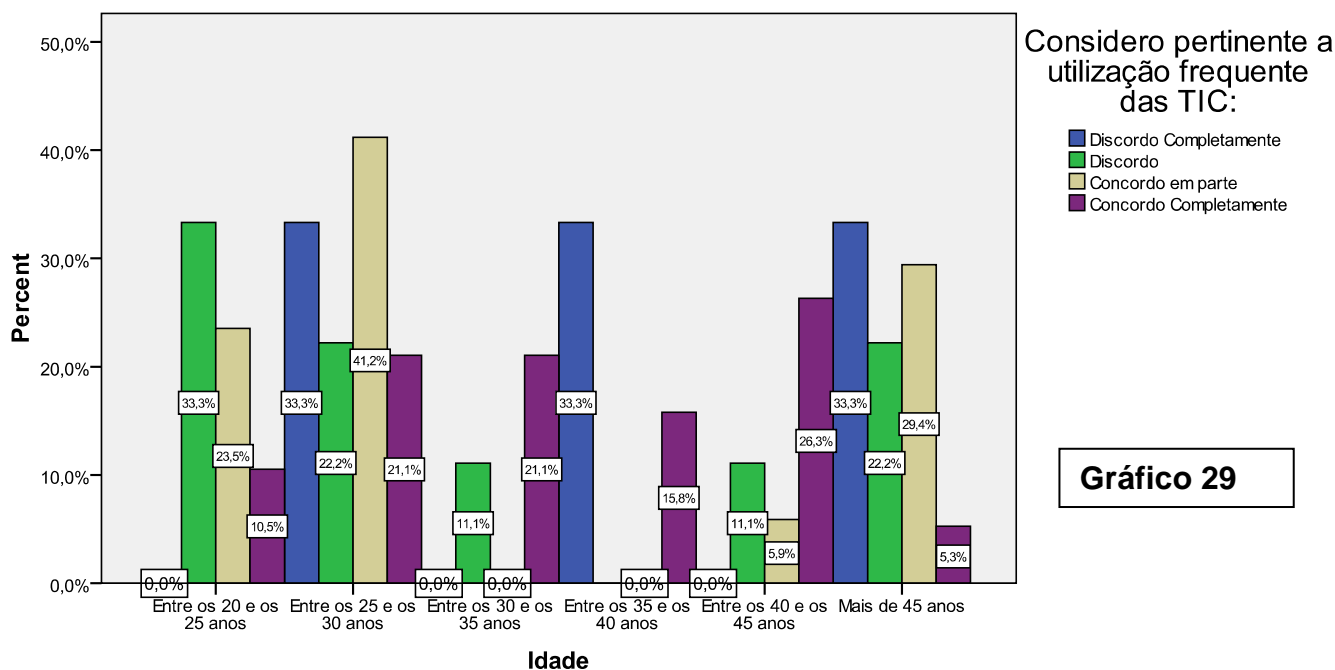


Gráfico 28 – análise geral de respostas no que concerne à pertinência da utilização frequente das TIC.



O **Gráfico 29** mostra-nos o quanto importante é considerado pelos adultos a utilização frequente das novas tecnologias. Observamos que é na faixa etária dos adultos com mais de 45 anos que surge uma percentagem mais elevada de adultos que discordam da afirmação, (a mesma que se pode observar nos adultos que se situam entre os 30 e os 35 anos) mas também é aqui que encontramos uma das percentagens mais elevadas de adultos que consideram pertinente a utilização das novas tecnologias de informação, apenas ultrapassada por uma das faixas mais jovens de inquiridos (entre os 25 e os 30 anos de idade).

No que respeita aos adultos mais jovens esta realidade é bastante significativa, pois trata-se de adultos detentores de um baixo grau de escolaridade. A formação de adultos deve ser pensada e estruturada para desenvolver competências e permitir a aquisição de diferentes tipos de conhecimentos, mas é preciso mais, de acordo com António Nóvoa (1988) a formação deve ser sempre um processo em que haja transformações sejam a nível individual, a nível do saber, saber-fazer, e também do saber-ser. Esta abordagem só é possível se os adultos envolvidos num processo formativo perceberem a importância e a aplicabilidade dos conteúdos que são abordados, é também uma questão de motivação do adulto, quanto mais motivado mais rendimento irá ter a formação a frequentar. Estamos na era das novas tecnologias e o facto

de esta não ser utilizada encaminha o adulto para a estagnação social e profissional, principalmente os mais jovens, mas infelizmente também são estes que menos procuram a formação, pois consideram já possuir as competências suficientes para fazer face ao mercado de trabalho actual. A maioria destes adultos não utiliza o computador, nem consegue enumerar a vantagens de um futura utilização deste tipo de equipamento. A maioria das vezes esta relutância às novas tecnologias deve – se apenas ao receio do desconhecido, mas uma das funções da formação de adultos é a possível valorização do próprio adulto, bem como a aquisição de novas competências e aprendizagens auto dirigidas que sejam úteis e com aplicabilidade para a vida futura do adulto. Toda esta envolvente tem que ser explicada ao adulto de forma a que ele consiga compreender a importância de uma “actualização” profissional, social e talvez até pessoal.

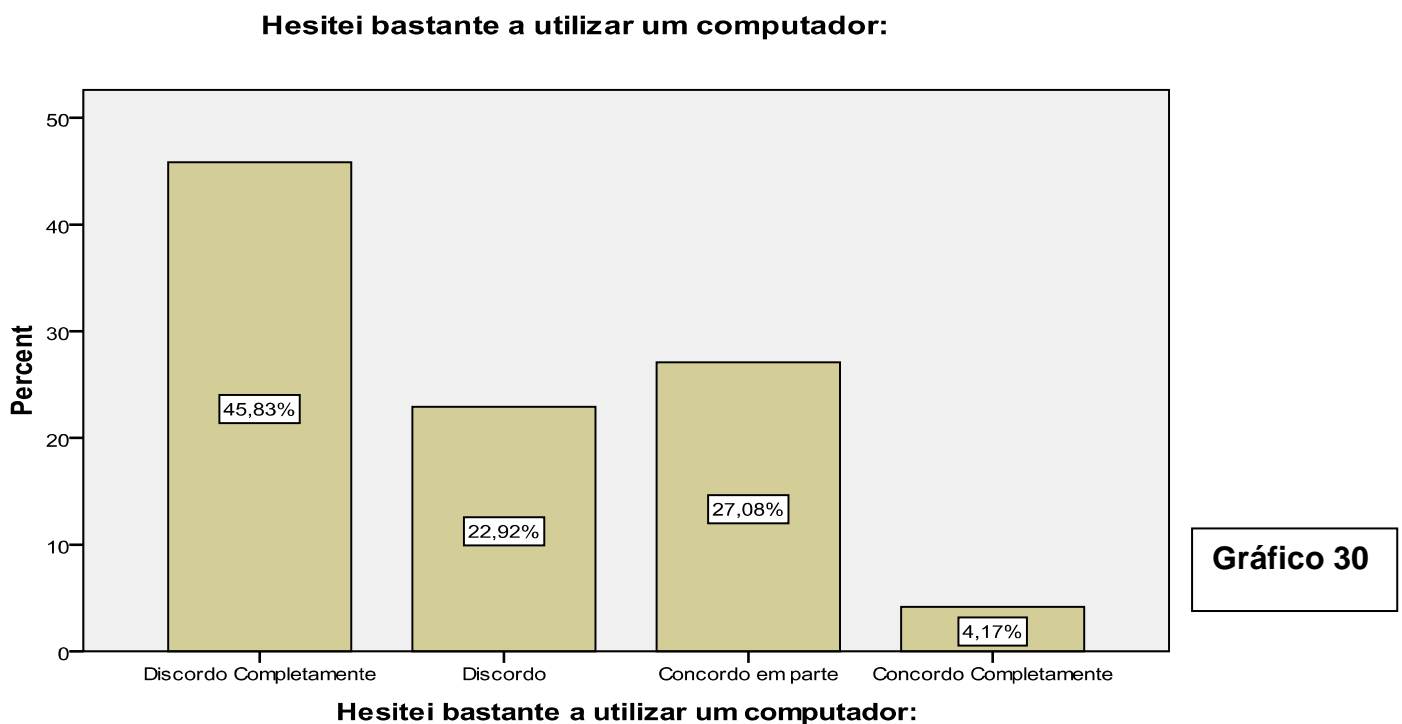
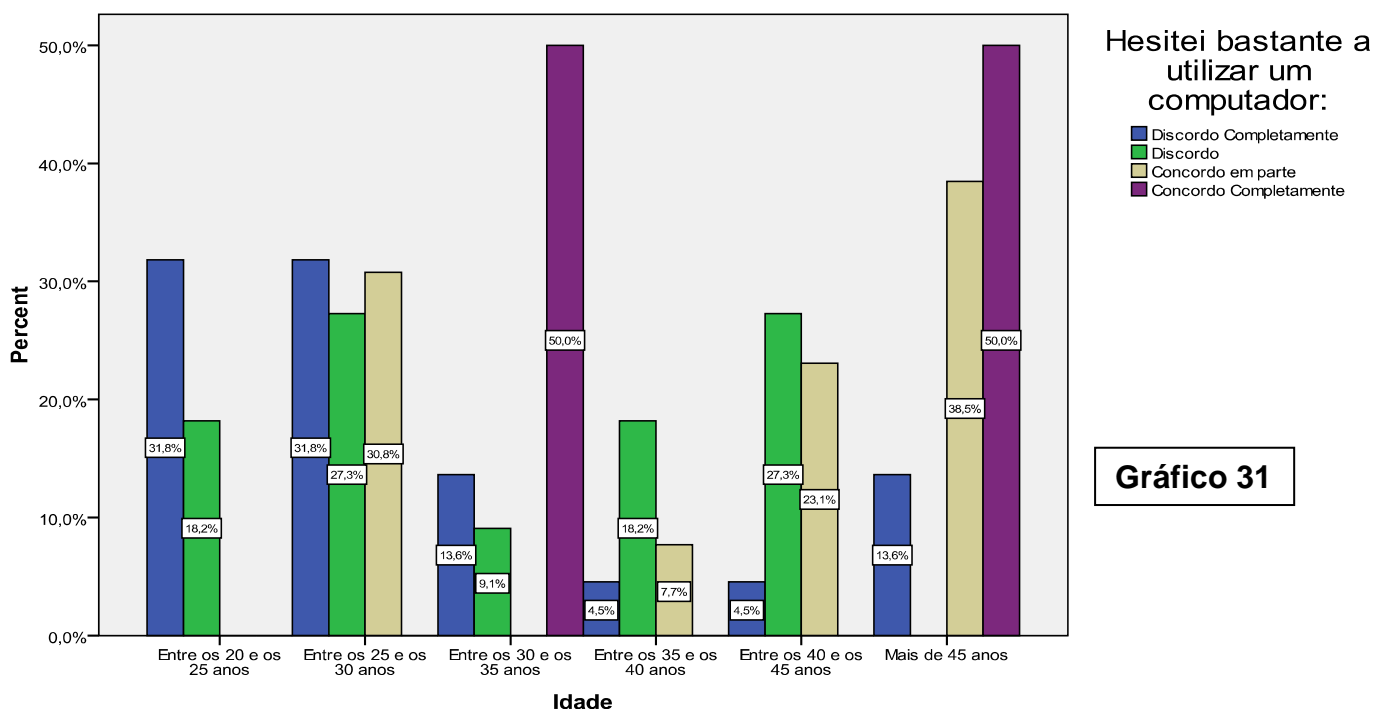


Gráfico 30 – análise geral de respostas no que concerne à hesitação do adulto em utilizar o computador.



Podemos observar através da análise deste gráfico que os adultos que se situam na faixa etária com mais de 45 anos de idade e os que se situam entre os 35 e os 40 anos de idade são aqueles que relevam ter mais hesitações em utilizar o computador. Pelos contrário, o grupo dos mais jovens evidenciam poucas reticências no que concerne ao contacto com as novas tecnologias, o que é normal, pois, de uma forma geral os mais jovens demonstram – se mais predispostos para a aprendizagem no domínio das novas tecnologias, o que não significa que percebam a pertinência de frequentarem uma acção de formação relacionada com as novas tecnologias e que lhes possa proporcionar o desenvolvimento de competências necessárias para ingressarem no mercado de trabalho com alguma estabilidade.

Os adultos receiam sempre o primeiro contacto com as novas tecnologias. Também neste tipo de formação é necessário o apoio de um (a) técnico (a) de orientação profissional que define o perfil do adulto e encaminha – o para determinada acção de formação, mas, actualmente as TIC é algo mais que uma orientação, é praticamente uma necessidade que na procura de emprego pode fazer a diferença, entre o conseguir determinado emprego ou não. Um dos objectivos da formação de adultos é o desenvolvimento de competências por parte do adulto, essas competências devem ser “trabalhadas” em vários

domínios de forma a que o adulto possa interagir e aprender com novas realidades, que, regra geral são diferentes da sua. A aplicabilidade das aprendizagens realizadas é também extremamente importante, tal como já foi referido, é de extrema importância que o adulto consiga desenvolver competências de “saber-fazer” no âmbito dos conteúdos abordados, tendo sempre em consideração que este tipo de público por norma possui baixa escolaridade e grandes lacunas ao nível da formação base e por vezes mesmo profissional e a frequência de uma acção de formação irá permitir ao adulto desenvolver competências no âmbito tecnológico.

É de extrema importância ter em consideração que a formação de adultos é pensada, elaborada, estruturada e desenvolvida tendo por base as necessidades formativas e educativas dos adultos, visa também combater a exclusão social e fazer face às exigências do mercado de trabalho.

Na formação direccionada para as novas tecnologias, o processo é exactamente o mesmo, pois, trata – se também de formação de adultos, mas direccionada para o desenvolvimento de competências particularmente no domínio das novas tecnologias. Tal como já se referenciou, o adulto por norma receia o desconhecido, como é o caso do computador, existe muito receio no trabalhar com este tipo de tecnologia principalmente os adultos cuja faixa etária mais elevada. Mas não é só com o computador, quando surgiram o telemóveis no mercado, sendo também uma nova tecnologia, muitas foram as hesitações por parte dos mais velhos em utilizar este tipo de tecnologia, hesitações essas que foram ultrapassadas aquando da percepção da aplicabilidade do aparelho. A situação com o computador funciona da mesma forma, o adulto tem que perceber a aplicabilidade desta tecnologia na sua vida (seja na vida pessoal, social e/ou profissional), para que se predisponha para a aprendizagem, o que é fundamental na formação de adultos.

Neste contexto o formador tem também um papel fundamental e muitas vezes decisivo para o sucesso da acção. Este deve utilizar recursos e estratégias motivacionais que incentivem o adulto à utilização das novas tecnologias, é de extrema importância que os formandos compreendam a aplicabilidade deste

tipo de tecnologia, é também pertinente explicar os tipos de retorno que podem advir da frequência de uma acção de formação no âmbito das novas tecnologias, como por exemplo, o facto de ser uma mais-valia na evidência de competências em situação de procura activa de emprego.

Os conteúdos abordados nas acções de formação, constituem uma barreira à minha actualização no domínio das TIC.

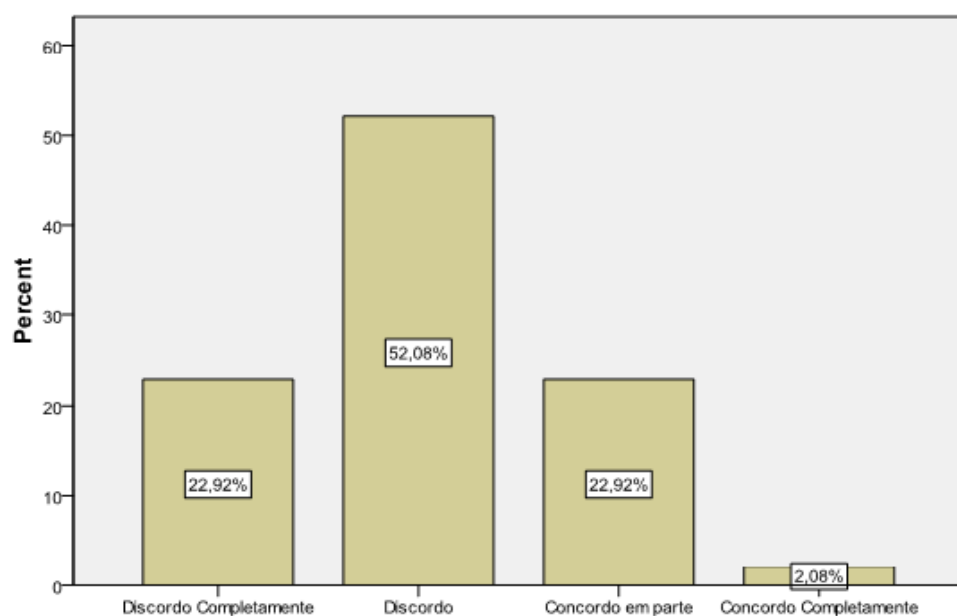


Gráfico 32

Gráfico 32 – análise geral de respostas no que concerne aos conteúdos abordados na formação enquanto possível barreira à actualização dos adultos no domínio das TIC.

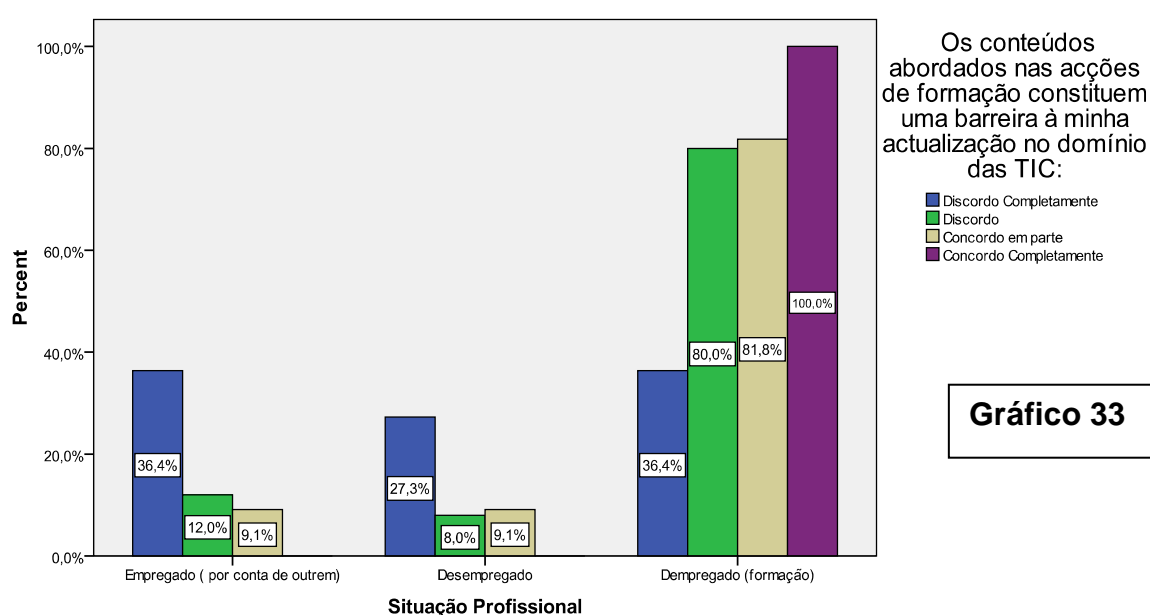


Gráfico 33

Podemos observar neste gráfico que a maioria dos inquiridos considera que os conteúdos abordados nas sessões de formação constituem uma barreira para a sua actualização no domínio das TIC. De referir que esta maioria significativa respeita a adultos que se encontram a frequentar uma acção de formação.

É importante referir que a formação e educação são conceitos que apesar de diferentes se interligam. Os adultos ainda associam a formação aos métodos utilizados antigamente nas escolas, por vezes não estão preparados para aproveitar os diferentes momentos formativos. A formação deve ser encarada como um processo essencial que se deve desenrolar ao longo da vida do adulto, esta deve ser encarada como um momento em que são desenvolvidas competências essenciais para a vida do adulto nos seus diferentes domínios.

O mercado de trabalho está cada vez mais exigente, encontramos – nos na era das novas tecnologias, que por sua vez avançam a um ritmo alucinante em que a maioria das vezes é praticamente impossível acompanhar. Como tal, é de extrema importância frequentar acções de formação que possibilitem momentos formativos proveitosos e de actualização em diferentes áreas, isto é, a “reciclagem” de competências é imprescindível nos dias de hoje.

A actualização de competências permite também a qualificação de muitos jovens adultos que pelos mais diversos motivos abandonaram a escola precocemente, e não aprenderam uma profissão, nem tiveram qualquer tipo de preparação para entrarem no mercado de trabalho que se revela cada dia mais exigente, esta situação poderá resultar no desemprego num futuro próximo.

Tal como já foi referido as novas tecnologias estão cada vez mais presentes na nossa sociedade e exercem bastante influência nessa mesma sociedade. As TIC estão de tal modo dinamizadas que se encontram em qualquer local, desde as entidades privadas às entidades públicas, independentemente do ramo de actividade, sendo por muito consideradas imprescindíveis, seja a nível pessoal, social ou profissional. As tecnologias permitem o acesso a todo o tipo de informação, sendo mesmo possível fazer actualizações formativas recorrendo às novas tecnologias através de e_learning. Este termo respeita a um meio de formação não presencial utilizando como recurso a internet. Este

tipo de formação não tem a obrigatoriedade de um espaço físico onde estejam presentes formadores e formandos, o único recurso essencial é o computador com ligação à internet. Este método de formação é bastante utilizado na sociedade actual, mas para que haja a possibilidade de desenvolver competências recorrendo a este tipo de tecnologia é necessário existir à priori alguns conhecimentos no âmbito das novas tecnologias, o que não acontece com a maioria dos adultos.

Penso que a utilização das TIC, nomeadamente a internet, influencia de forma negativa as relações interpessoais:

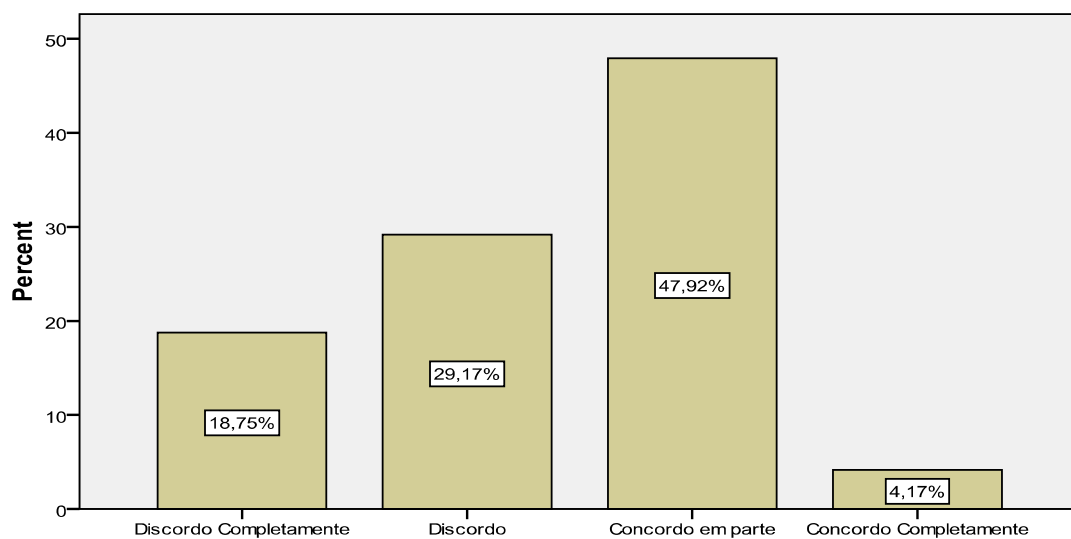
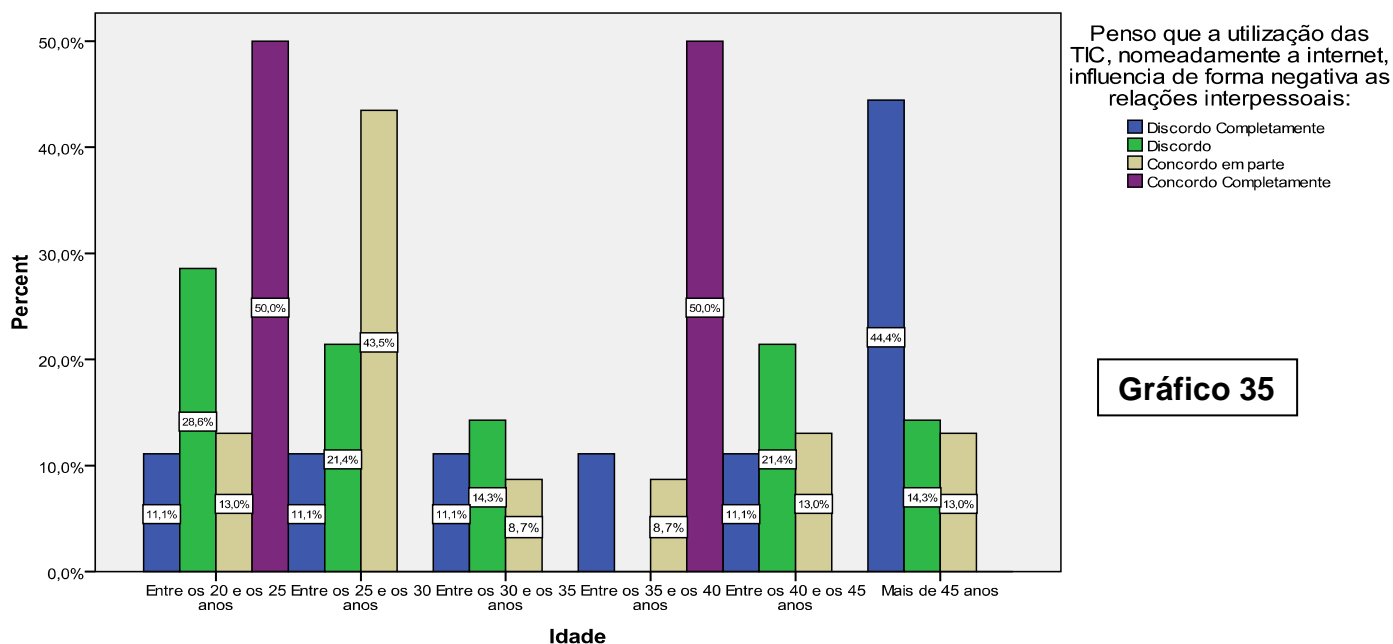


Gráfico 34

Gráfico 34 – análise geral de respostas no que concerne à internet enquanto influencia negativa nas relações interpessoais.



Através da análise deste gráfico verificamos que a maioria dos adultos que concordam com a afirmação “...a utilização das TIC, nomeadamente a internet influencia de forma negativa as relações interpessoais”, situam – se e na faixa etária entre os 35 e os 40 anos de idade (adultos mais velhos) e curiosamente o grupo de adultos mais jovens partilha a mesma opinião.

Por norma, os adultos que se encontram numa faixa etária mais elevada revelam uma maior desconfiança na utilização das novas tecnologias, mesmo que se trate da internet. Mas, devemos ter em consideração que a uma grande maioria deste adultos apenas tem conhecimento deste tipo de tecnologia através de familiares mais novos. Na prática pouco ou mesmo nenhum contacto tiveram com este tipo de tecnologia, e como tal, demonstram grandes reservas à sua utilização. Contudo após um breve contacto com as TIC, nomeadamente a internet, estes receios vão ficando cada vez menores, chegando por vezes o momento em que o próprio adulto consegue de forma autónoma identificar as vantagens da utilização deste tipo de tecnologia. Não nos podemos esquecer que as TIC são uma excelente forma de recolha de informação, e quando bem utilizadas permitem a procura de informações (desocultação de competências) por parte do adulto e de forma autónoma.

Uma grande maioria dos adultos inquiridos encontram – se desempregados, cujo principal objectivo é conseguir um novo emprego, quando conseguem perceber que as novas tecnologias, nomeadamente a internet pode ter um papel fundamental (por vezes até determinante) na procura de emprego, a sua motivação para a aprendizagem aumenta consideravelmente e demonstram – me mais predispostos para a aquisição de novas competências no âmbito da informática. Também é pertinente referir que os adultos que mais procuram formação no domínio das novas tecnologias são aqueles que já possuem algumas competências, mas que pretendem melhorar ou mesmo aperfeiçoar o contacto com este tipo de tecnologia.

Por outro lado, regra geral, os adultos mais novos revelam – se mais predisposto para este tipo de formação, no entanto, devemos ter em consideração que o público-alvo deste inquérito são adultos com baixa qualificação, que se encontram (na sua maioria) desempregados e a frequentar uma acção de formação. Como anteriormente mencionado, este tipo de adultos demonstram sempre mais relutância à formação, seja em novas tecnologias ou não. Este tipo de adulto não procura formas de actualização tecnológica, consideram possuir as competências necessárias para o desenvolvimento da sua actividade. O que acontece é que o seu posto de trabalho foi extinto e encontram – se numa situação precária de desemprego, contudo compete ao adulto a percepção das necessidades do mercado de trabalho actual e a procura de formação que lhe permita a desocultação de competências para fazer face às exigências actuais das entidades patronais.

Em empresas com uma estrutura sólida no mercado, a entidade patronal procura formação para os seus colaboradores, pois, é também do interesse das entidades (privadas ou públicas) a formação e actualização dos trabalhadores para fazer face às exigências actuais de uma sociedade cada vez mais tecnológica e a “reciclagem” de competências dos trabalhadores é fundamental, para que empresa consiga acompanhar a actualização e evolução tecnológica.

Sinto - me motivado a utilizar as novas tecnologias:

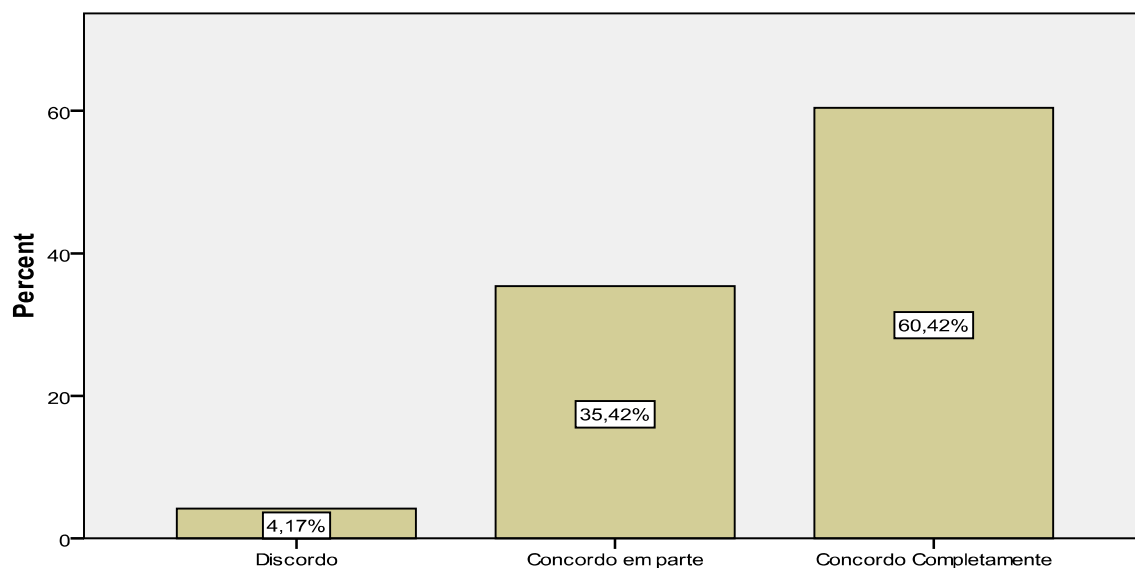


Gráfico 36

Gráfico 36 – análise geral de respostas no que concerne à motivação do adulto para a utilização das novas tecnologias.

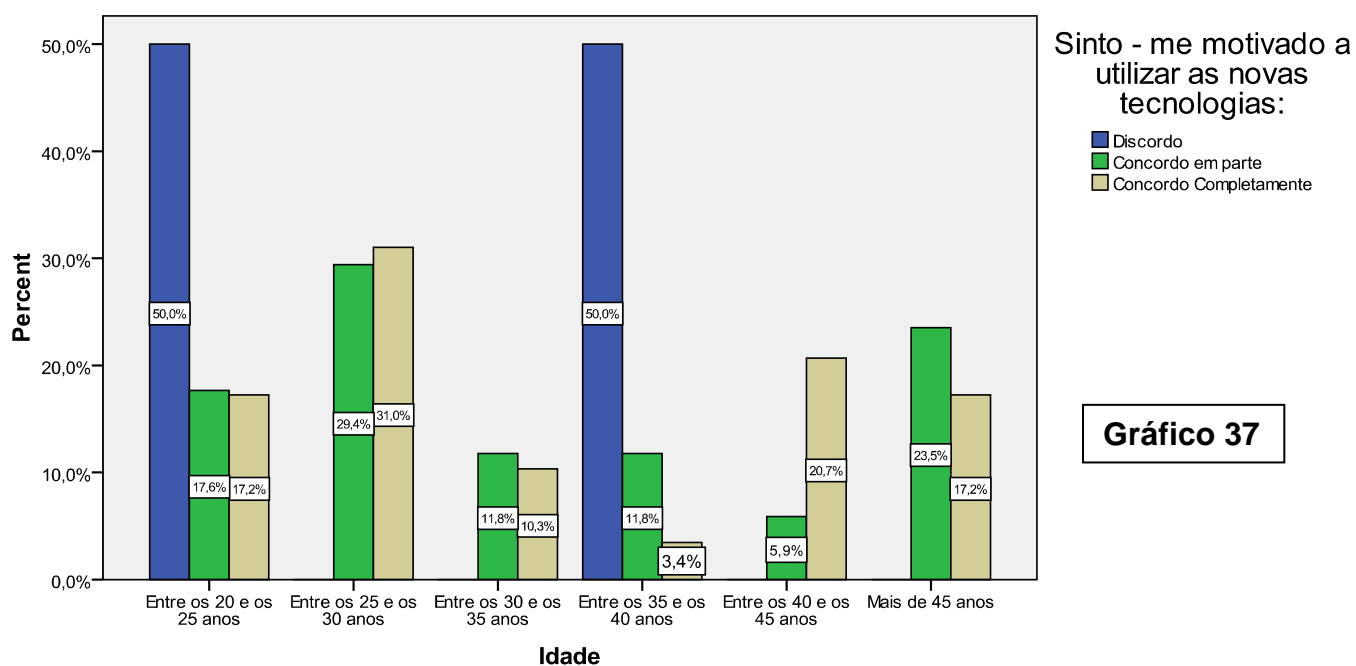


Gráfico 37

Podemos observar a maioria dos adultos que têm idades compreendidas entre os 20 e os 25 anos e os que se situam entre os 35 e os 40 anos de idade não têm motivações para a utilização das novas tecnologias; por outro lado as

restantes faixas etárias consideram possuir algumas motivações para a utilização das TIC.

A predisposição para a utilização das novas tecnologias tem que partir do adulto. Vários são os factores que podem levar um adulto a procurar formação em TIC, como por exemplo, motivações pessoais ou profissionais, curiosidade e expectativas relacionadas com as novas tecnologias, entre outros. É também importante que as entidades responsáveis divulguem os benefícios da frequência de acções de formação, que evidenciem os conteúdos a abordar, as vantagens da utilização das novas tecnologias, isto para que os adultos se motivem para a frequência de acções de formação.

Os adultos mais velhos têm por norma mais reticências na aprendizagem relacionada com as novas tecnologias, a maioria das vezes devido ao receio que sentem por aquilo que desconhecem. No entanto, quando frequentam uma acção de formação e compreendem que esta tecnologia pode ser um meio facilitador de aprendizagens importantes e permitir a aquisição de competências pertinentes para a sua vida futura a motivação e o entusiasmo aumenta consideravelmente.

O formador tem também um papel preponderante numa acção de formação de adultos, principalmente se essa formação for direccionada para as novas tecnologias. Este deve conseguir motivar os adultos e facilitar as suas aprendizagens; tem que ser explicado ao adulto as vantagens decorrentes da frequência de uma acção de formação, como por exemplo o desenvolvimento de competências que podem ser muito úteis para uma nova entrada na vida activa profissional.

No que concerne aos adultos mais novos, devemos ter em consideração que em Portugal ainda há muitos jovens que desistem da escola precocemente e não aprendem um profissão nem têm oportunidade para desenvolverem competências pertinentes para o seu futuro profissional.

Estes jovens são também na sua maioria provenientes de classes sociais mais desfavorecidas e que não tiveram acesso a um computador enquanto

estudantes. Estes se estiverem com uma ocupação profissional que considerem segura nem consideram a hipótese de frequência de uma acção de formação no âmbito das TIC, mas se pelo contrário, se se encontrarem num situação mais precária, sentem – se mais motivados para a formação. Mas tem que lhes ser explicado as consequências positivas a médio/longo prazo que poderão advir dessa mesma formação. É um facto que as TIC permitiram grandes avanços tecnológicos de extrema importância para a sociedade, mas o adulto que não compreende esses mesmos avanços não sente necessidade de desenvolver competências no domínio das novas tecnologias, seja a nível profissional, social ou mesmo pessoal.

A utilização do computador proporcionou uma melhoria na qualidade e rapidez do meu trabalho:

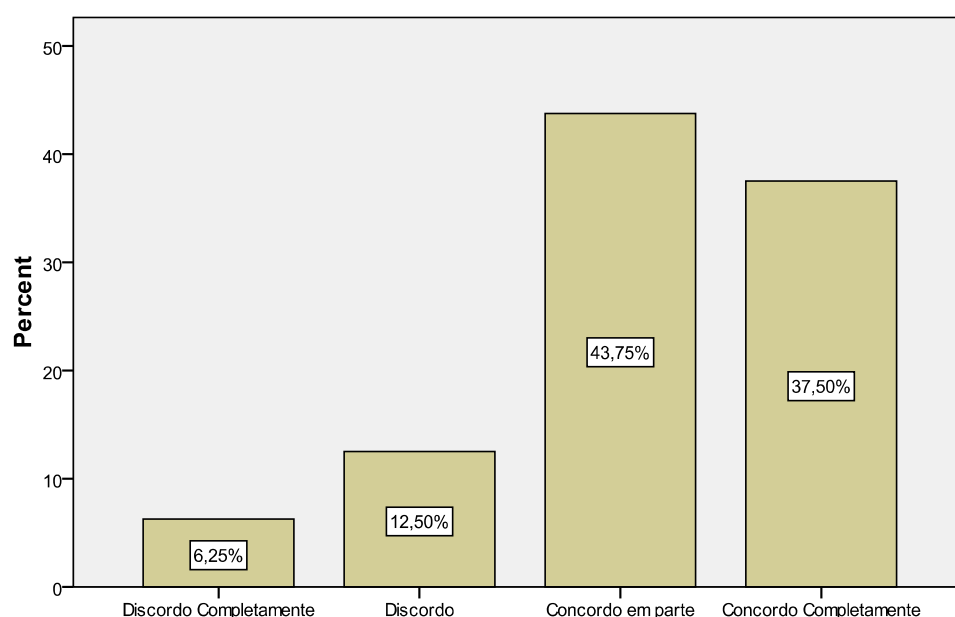
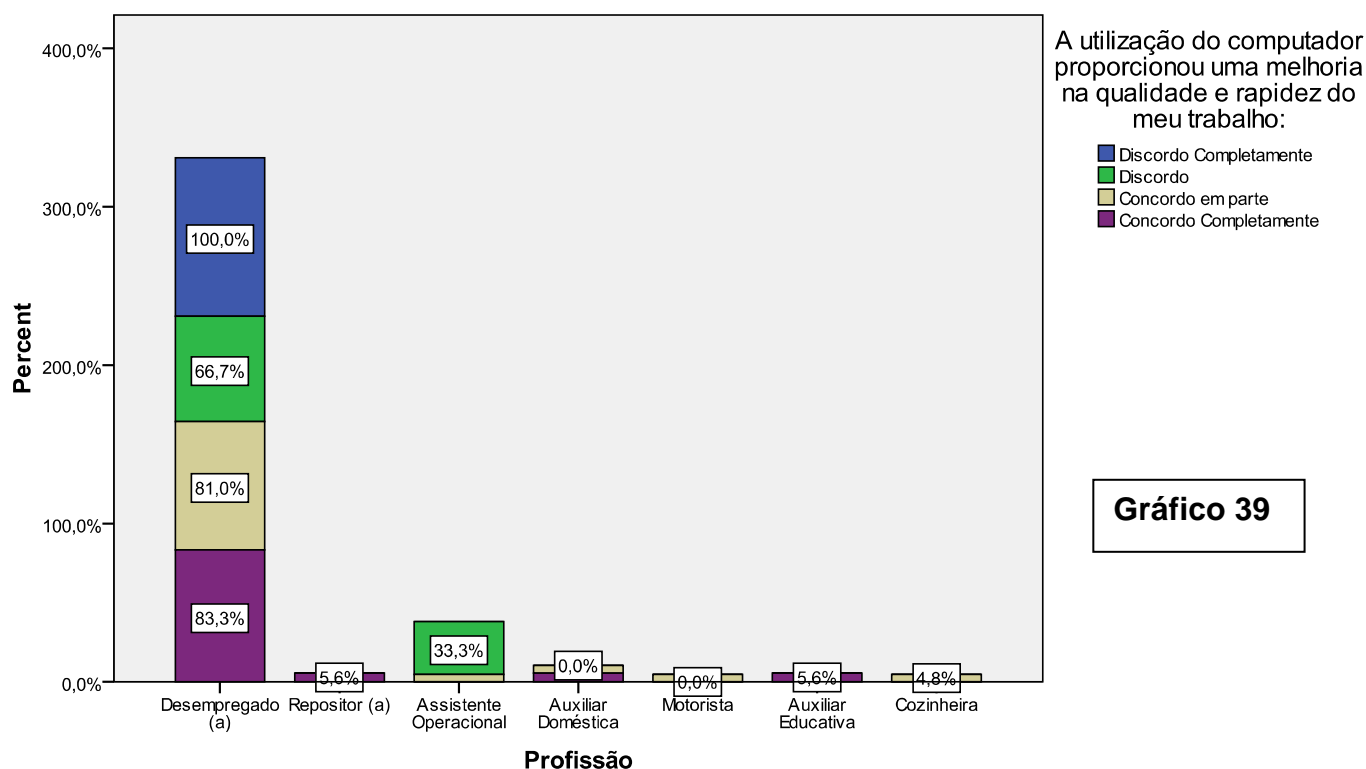


Gráfico 38

Gráfico 38 – análise geral de respostas no que concerne à melhoria, qualidade e rapidez no trabalho do adulto com recurso às novas tecnologias



Ao analisarmos este gráfico podemos observar que a maioria dos inquiridos não identifica melhorias no desenvolver do seu trabalho recorrendo às tecnologias de informação. Sendo no entanto que apenas o grupo de adultos que se encontram desempregados discordam completamente desta afirmação. Os adultos que se encontram a trabalhar são aqueles que identificam a utilização do computador como uma melhoria e qualidade do seu trabalho, sendo contudo uma ínfima percentagem de inquiridos.

A formação profissional no seu todo permite o desenvolvimento de competências e a aquisição de novas aprendizagens em diferentes domínios, pode mesmo ser considerada essencial para um acompanhamento científico e tecnológico por parte do adulto. A formação em novas tecnologias constitui um meio de facilitar os adultos ao acesso a todo o tipo de informação e muitas vezes é também uma ferramenta de trabalho imprescindível para o desenvolver de determinado tipo de actividades. No entanto, por vezes o receio do adulto é tão grande que se recusa a desenvolver competências nesta área, pois por si só não consegue identificar as vantagens da utilização do computador, seja em sua casa ou mesmo no seu local de trabalho. Mais uma vez, o formador tem

um papel importante nesta problemática sentida pelo adulto, faz parte das suas competências identificar as vantagens da utilização das novas tecnologias, bem como, apresentar a resolução de algumas problemáticas que podem ser resolvidas de forma simples recorrendo às novas tecnologias.

Actualmente várias são as ofertas formativas no âmbito das novas tecnologias, qualquer curso de formação profissional contempla no currículo formação de TIC, mas existem também formações modulares (mais específicas) que abordam apenas conteúdos relacionados com as novas tecnologias. O adulto deve conseguir identificar qual o tipo de formação profissional que mais se adequa ao seu perfil, mas, se isso não acontecer, todos os Centros de Formação disponibilizam COP's (Conselheiras de Orientação Profissional) que orientam os adultos profissionalmente, e enquanto profissionais identificam o tipo de formação profissional que mais se adequa ao perfil do adulto.

Temos que ter em consideração que os adultos precisam de formação, principalmente aqueles que possuem um baixo nível de escolaridade. Se há uns anos atrás “um posto de trabalho era para a vida” nos dias de hoje isso já não acontece. O mercado de trabalho está em constante mutação e o adulto tem que estar preparado para enfrentar esta nova realidade, mas para o fazer tem que “reciclar” as suas competências com alguma frequência, isto é, tem que ter uma atitude proactiva em relação às suas próprias competências, não esquecendo que actualmente as TIC quase que se impõem na maioria das profissões, bem como nos diferentes sectores de actividade.

A utilização das novas tecnologias proporcionou – me momentos de lazer completamente diferentes e novos

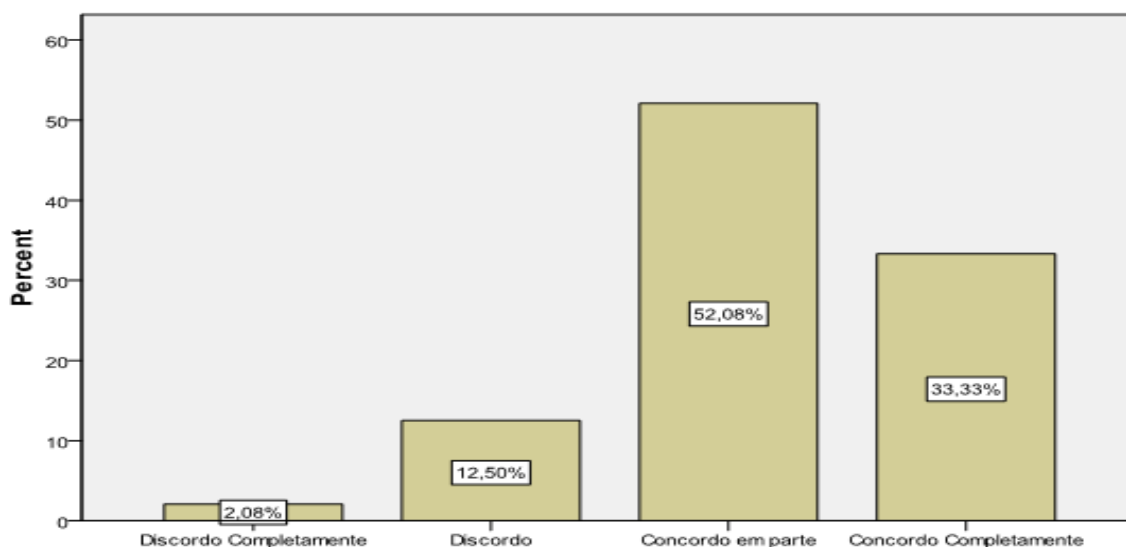


Gráfico 40

Gráfico 40 – análise geral de respostas no que concerne à possibilidade de as TIC proporcionarem ao adulto momento de lazer completamente diferentes e novos.

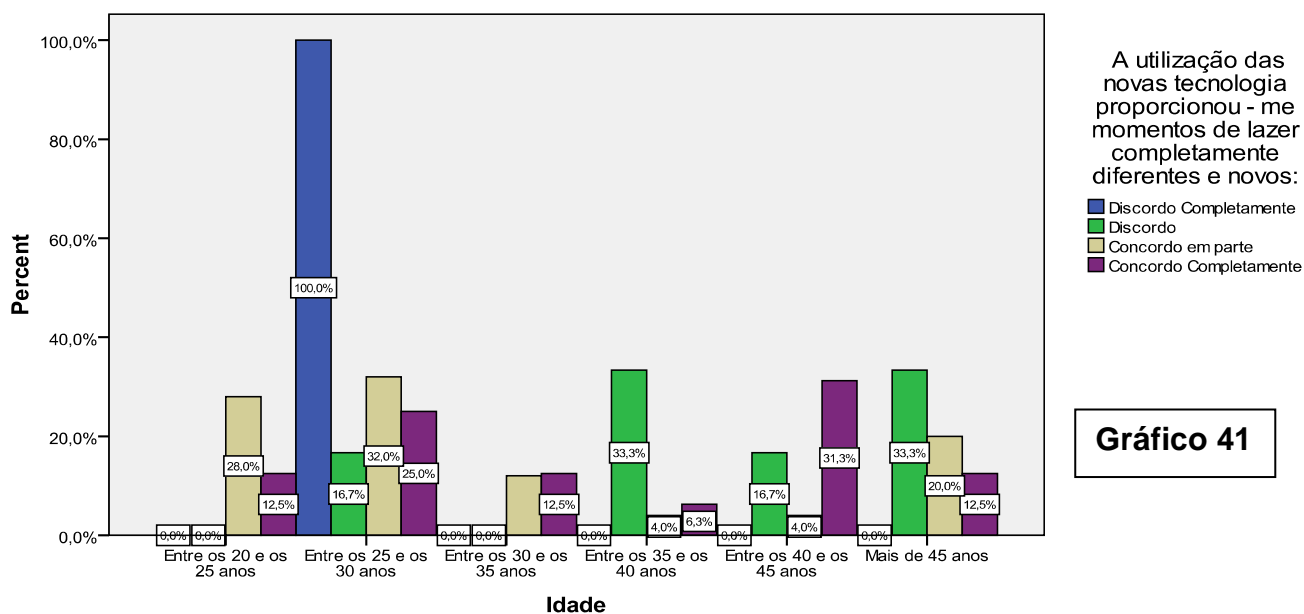


Gráfico 41

O **Gráfico 41** mostra – nos que apenas os adultos cuja faixa etária se situa entre os 25 e os 30 anos de idade consideram que a utilização das TIC não proporciona momentos de lazer. As opiniões dos restantes inquiridos dividem – se, mas a maioria concorda com a afirmação.

As tecnologias de informação podem ser utilizadas pelos adultos de diferentes formas e com diferentes objectivos. O adulto pode utilizar o computador a nível pessoal, social e profissional, consoante a necessidade de utilização do mesmo. As TIC permitiram a coesão social a nível mundial, presentemente é possível que várias pessoas que se encontram em espaços físicos distantes comuniquem em tempo real, por exemplo com as suas famílias. Esta vantagem das novas tecnologias não é identificada por muitos adultos que desconhecem a utilização das TIC para este efeito.

Como já foi mencionado o público-alvo deste inquérito são adultos de baixa classe social e a maioria encontram – se desempregados e numa sociedade como a nossa cada vez mais capitalista as oportunidades não são iguais para todas as classes sociais. O recurso à internet pode ser um meio de combater minimamente este tipo de exclusão social, pois, temos acesso a todo o tipo de informação, que pode ser canalizada para o usufruir de momentos de lazer por parte do adulto.

Cada vez mais, a formação de adultos no âmbito das TIC tem uma maior procura por parte dos adultos, e as instituições credenciadas para ministrarem este tipo de formação fazem muita divulgação das ofertas que disponibilizam. Podemos dizer que este tipo de acção de formação tem tido nos últimos anos uma maior aceitação por parte dos adultos que começam a perceber a pertinência deste tipo de formação.

III - Capítulo

1. Conclusão

Na sociedade actual torna – se essencial aumentar e actualizar as qualificações de forma a fazer face à conjuntura económica e às exigências do mercado de trabalho, tendo em consideração o nível de competitividade que é cada vez mais elevado. Em Portugal a escolaridade e a qualificação dos adultos continua a evidenciar um baixo nível de instrução, muitos ainda não perceberam a necessidade e a pertinência de desenvolver as suas qualificações, seja por canais de aprendizagem formal ou informal, o importante é desenvolver competências. Pois, continuam a existir taxas de desemprego demasiado elevadas, trabalhadores que se encontram em situações precárias de emprego e assistimos a muitos jovens que abandonam a escola precocemente sem qualquer tipo de competências que possam fazer face a esta situação. Perante esta realidade torna – se cada vez mais necessário aumentar a qualificação, uma das formas pode e deve ser através da formação profissional.

A formação pode ser uma solução para adultos que são detentores de um baixo nível de qualificação. A formação contribui de forma inquestionável para o desenvolvimento local em todas as suas envolventes, uma vez que este “... acaba por ser um processo em que se tenta remeter a economia, digamos, para uma certa pureza inicial e tentar fugir destes constrangimentos de tipo financeiro.” (Melo, 2005: 102).

A formação de adultos deve ser estruturada tendo em consideração as necessidades dos adultos e a realidade social / profissional de um determinado local. É também pertinente ter em consideração a escolha de determinada acção de formação, ou seja, deve haver atempadamente uma orientação profissional que tem como objectivo principal direccionar o adulto para determinada profissão, na qual ele possa vir a ser bem sucedido.

No que concerne às TIC, estas adquiriram um lugar de destaque na sociedade actual podem ser utilizadas a nível pessoal, social e/profissional pelo adulto. As

TIC estão cada vez mais dinamizadas na formação de adultos, isto porque cada vez mais as empresas, potenciais empregadoras quase que exigem competências a nível das TI. Mas, as TIC não devem ser utilizadas por obrigação, uma vez que na sociedade actual as novas tecnologias possibilitam o acesso a todo o tipo de informação, disponibilizando os instrumentos necessários para a autoformação.

O adulto neste contexto deve conseguir reflectir de forma critica sobre as suas aprendizagens, não deve ficar limitado à recepção da informação que lhe possa ser transmitida, isto é, deve conseguir perceber a aplicabilidade prática do desenvolvimento das suas competências. No entanto, nem sempre o adulto consegue ter o discernimento para perceber a pertinência do desenvolvimento de competências no âmbito das TI, tal como já foi mencionado, o adulto receia o que desconhece e as TIC não são excepção.

No que diz respeito ao resultado do inquérito aplicado aos adultos, que na sua maioria se encontram desempregados, podemos verificar que a maior parte dos inquiridos teve o seu primeiro contacto com as TIC por meio da frequência de uma acção de formação neste âmbito, o que é importante, pois demonstra alguma preocupação com o desenvolvimento de competências relacionadas com as TI.

Contudo, a maioria destes adultos consideram que o desenvolvimento de competências em TIC é algo que demora demasiado tempo e também não identificam a utilização das TIC como algo que tem aplicabilidade no seu quotidiano.

Os adultos quando questionados sobre a pertinência do desenvolvimento de competências em TIC, a maioria considera que é algo que demora demasiado tempo, mas conseguem identificar benefícios no domínio profissional, ou seja, podemos dizer que os adultos têm consciência da importância das TIC no campo profissional, mas ignoram os restantes domínios, seja a nível pessoal e/ou social. Esta situação vem reforçada no **Gráfico 7**, em que dos adultos que se encontram a desenvolver uma actividade profissional, cerca de 58% frequentaram uma acção de formação no âmbito das TIC, ou seja, são estes

que demonstram uma maior preocupação com a sua actualização profissional, isto é algo de extrema importância nos dias de hoje, pois, quem não procura formas de actualizar ou desenvolver novas competências, será ultrapassado por aqueles que tentam de alguma forma adquirir novas aprendizagens, sejam elas pela via formal ou informal, o importante é a desocultação e actualização de novas qualificações.

A maioria dos adultos inquiridos demonstra preocupação em desenvolver competências no âmbito das TIC por meio da frequência de uma acção de formação. Esta percepção por parte dos adultos revela que cada vez mais têm a noção da realidade social actual, que por sua vez sofreu muitas alterações, houve uma grande evolução tecnológica, podemos dizer que quem não se actualiza no desenvolvimento das suas competências irá ser ultrapassado com rapidez por sujeitos que “apostam” na sua formação.

Alguns dos adultos questionados que utilizam o computador em casa fazem – no para navegar na internet ou para conversar com os amigos. É de extrema importância que o adulto consulte informação na internet de forma autónoma, como por exemplo, responder a uma oferta de emprego que esteja publicada na internet, mas os que têm esta autonomia são menos de 50% dos inquiridos, o que ainda revela muita insegurança por parte dos adultos no que respeita ao contacto com as TI.

A faixa etária dos adultos mais novos (entre os 20 e os 25 anos) e os mais velhos (mais de 45 anos) são aqueles que menos utilizam a internet. Se não nos surpreende o facto de os adultos com mais de 45 anos recorrerem pouco às novas tecnologias, é de estranhar que os mais jovens recorram pouco à utilização do computador. Esta situação remete – nos para o facto de continuar a haver muitos jovens que abandonam a escola de forma precoce, o que se irá reflectir bastante na sua futura situação profissional. Neste sentido ainda há muito “trabalho” a fazer por parte das entidades competentes, nomeadamente a nível de formação, é necessário motivar e explicar a estes jovens as implicações e as consequências de possuírem um baixo nível de qualificação, mas há que compreender a necessidade da aplicabilidade das TIC no dia-a-

dia, nos seus diferentes domínios, a nível pessoal, social e profissional, o que não acontece com uma larga maioria dos inquiridos.

É também importante referir que por norma os adultos têm receio do que desconhecem e o computador não é excepção. A maioria dos adultos inquiridos, principalmente os mais velhos refere ter hesitado bastante em utilizar um computador. O Formador tem neste tipo de situações um papel preponderante e por vezes até definitivo, compete-lhe mostrar aos adultos a aplicabilidade das TIC nos seus diferentes domínios, isto é, os sujeitos têm que ser motivados e compreender a aplicabilidade prática da sua aprendizagem. Também é pertinente referir que os conteúdos abordados devem ir de encontro às necessidades formativas dos adultos, isto pode funcionar como uma “fonte” de motivação. De uma forma geral, os adultos mais difíceis de motivar são os mais velhos, contudo, no **Gráfico 37** podemos verificar que os mais novos (entre os 20 e os 25 anos) não demonstram muita motivação para o contacto com as TIC. Os mais jovens quando utilizam o computador fazem – na maioria como um momento de lazer e não como uma possível “ferramenta” de trabalho, mas a predisposição para o desenvolvimento de competências no âmbito das TIC tem que partir do adulto, este deve compreender a necessidade de desocultar competências no âmbito das TI.

Podemos dizer que os adultos reconhecem a pertinência de desenvolver competências no âmbito das TIC, mas não se sentem muito motivados para o efeito. Estamos perante uma sociedade cada vez mais evoluída, mas nem todos temos acesso a essa evolução tecnológica da mesma forma. É necessário proporcionar condições e meios para que todos tenham acesso às TI, cada vez mais é necessário “criar” no adulto a necessidade de novas aprendizagens no âmbito das novas tecnologias.

O mercado de trabalho está em constante mutação e cada vez mais exigente. A qualificação da população activa portuguesa fica muita aquém do que seria desejável, verificamos através da análise do inquérito que a maioria dos adultos apenas iriam frequentar uma acção de formação no âmbito das TIC se a entidade profissional assim o exigisse. É necessário que as próprias

entidades empregadoras demonstrem preocupação com a qualificação dos seus colaboradores, pois quanto mais qualificação, mais e melhor produção, o que contribui para o crescimento da empresa e para o desenvolvimento local de uma região. As empresas e os adultos devem encarar a qualificação como um processo de desenvolvimento de competências que se torna cada vez mais fundamental para o sucesso individual e da própria entidade empregadora, caso contrário, os baixos níveis de qualificação da população portuguesa podem constituir um obstáculo à produtividade e mesmo à evolução tecnológica.

Em síntese, é urgente a aposta no desenvolvimento, renovação e reconversão de competências no âmbito das TI, é uma condição essencial para o desenvolvimento da economia de uma região e, em Portugal ainda há muito que trabalhar neste âmbito, o desenvolvimento de competências em TIC tem benefícios na qualificação da população activa e desempregada, o que poderá fazer a diferença a médio/longo prazo na valorização da própria população o que irá permitir um maior desenvolvimento económico e local.

Podemos dizer que Portugal possui ainda muitos adultos com baixas qualificações, nomeadamente no âmbito das TIC. Verifica – se uma preocupação crescente com a qualificação da população (activa e desempregada) portuguesa, têm sido criados alguns programas, como os Centros Novas Oportunidades que têm como finalidade a qualificação da população e contempla a área das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação e a maioria dos adultos têm aqui o seu primeiro contacto com este tipo de tecnologias de informação.

2. ANEXOS

Inquérito

Este inquérito insere – se no âmbito da tese de mestrado em Formação de Adultos e Desenvolvimento Local que se intitula “O Impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no adulto”.

A informação recolhida será utilizada apenas para a finalidade do estudo académico, estando garantida a confidencialidade individual dos resultados obtidos.

Sexo ☐ F
☐ M

Idade

Menos de 20 anos	<input type="checkbox"/>
Entre os 20 e os 25 anos	<input type="checkbox"/>
Entre os 25 e os 30 anos	<input type="checkbox"/>
Entre os 35 e os 40 anos	<input type="checkbox"/>
Entre os 40 e os 45 anos	<input type="checkbox"/>
Mais de 45 anos	<input type="checkbox"/>

Habilitações Académicas

1º Ciclo (da 1ª à 4ª classe)	<input type="checkbox"/>
2º Ciclo (5º e 6º ano)	<input type="checkbox"/>
3º Ciclo (do 7º ao 9º ano)	<input type="checkbox"/>
Ensino Secundário	<input type="checkbox"/>

Situação Profissional

Empregado (por conta própria)	<input type="checkbox"/>
Empregado (por conta de outrem)	<input type="checkbox"/>
Desempregado	<input type="checkbox"/>
Desempregado – Frequência de uma acção de formação	<input type="checkbox"/>

Profissão

1. Posso um computador pessoal:

Sim ☐
Não ☐

2. Inicie – me mundo da informática:

Ainda não o fiz ☐
Através de autoformação ☐
Com a ajuda de familiares e amigos ☐
Frequentei uma acção de formação no âmbito das TIC ☐

3. Os computadores são máquinas que me assustam:

Discordo Completamente ☐
Discordo ☐
Concordo em parte ☐
Concordo completamente ☐

4. Considero pertinente a utilização frequente das TIC:

Discordo Completamente ☐
Discordo ☐
Concordo em parte ☐
Concordo completamente ☐

5. Hesitei bastante a utilizar um computador:

Discordo Completamente ☐
Discordo ☐
Concordo em parte ☐
Concordo completamente ☐

6. Utilizo o computador com regularidade

Discordo Completamente ☐
Discordo ☐
Concordo em parte ☐
Concordo completamente ☐

7. O meu primeiro contacto com as TIC foi complicado, pois tinha receio de danificar o computador.

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

8. A utilização das TIC tem pouca aplicabilidade no meu dia-a-dia:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

9. Utilizo o computador apenas para jogar e ouvir música:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

10. Apesar das minhas hesitações em relação à utilização das novas tecnologias, hoje reconheço as suas inúmeras vantagens:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

11. No que concerne à aprendizagem das TIC, classifique as seguintes afirmações:

a. Trata-se de uma aprendizagem complicada:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

b. Trata – se uma aprendizagem que exige demasiado tempo:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

c. Aprendi a trabalhar com o computador de forma informal, ou seja, em casa com amigos e/ou familiares:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

d. Aprendi a trabalhar com o computador de forma formal (frequentei uma acção de formação no âmbito das TIC):

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

e. Tenho dificuldades em utilizar a maioria dos programas do computador mas, utilizo o menu iniciar com facilidade e ligo e desligo o computador sozinho (a):

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

f. Considero pertinente a aquisição de conhecimentos de TIC por razões profissionais:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

g. Tenho algumas dificuldades em compreender o funcionamento de um computador:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

h. Considero pertinente a aquisição de conhecimentos de TIC por razões pessoais:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

i. Considero pouco pertinente a utilização das TIC nos seus diferentes domínios, seja a nível pessoal, social ou profissional:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

12. Já frequentei uma acção de formação no âmbito das Novas Tecnologias:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

13. Sinto – me motivado a utilizar as novas tecnologias:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

14. Fico angustiado (a) sempre que tenho que desempenhar tarefas em que tenha que recorrer às novas tecnologias:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

15. A utilização do computador proporcionou uma melhoria na qualidade e rapidez do meu trabalho:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

16. A utilização do computador atrasa bastante a realização das minhas actividades no local de trabalho, principalmente devido à minha pouca experiência:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

17. A utilização do computador facilita bastante as tarefas que tenho que desempenhar no meu local de trabalho:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

18. Na sua opinião qual a pertinência do desenvolvimento de competências em TIC:

a. É de extrema importância pois estamos na era das novas tecnologias:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

b. O desenvolvimento de competências em TIC é importante para arranjar emprego:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

c. É socialmente pertinente:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

d. É de pouca importância

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

11. Penso que a utilização das TIC, nomeadamente a internet, influencia forma negativa as relações interpessoais:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

12. Considero que a aquisição de competências no âmbito das TIC deve ser realizada:

a. Com a ajuda de familiares e amigos:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

b. Auto – aprendizagem (aprender sozinho):

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

c. Aprendizagem no local de trabalho:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

d. Frequência de acções de formação no âmbito das TIC

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

13. Tenho por hábito utilizar o computador em casa:

a. Para trabalhar:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

b. Para jogar:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

c. Para navegar na internet:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

d. Para comunicar com os amigos

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

14. Utilizo diversos programas no computador, nomeadamente:

a. Utilizo um Sistema Operativo:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

b. Utilizo o Microsoft Word:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

c. Utilizo o Microsoft Excel

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

d. Utilizo a Internet

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

i. Utilizo uma caixa de correio electrónico

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

ii. Todos os dias ligo o meu computador pessoal para consultar a minha caixa de correio electrónico:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

iii. Utilizo a internet apenas para procurar informação que seja do meu interesse:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

iv. Utilizo a internet para conversar com os amigos:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

- e. Consigo utilizar as novas tecnologias sozinho (a), e encontro as informações que procuro:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

- f. A utilização das novas tecnologias proporcionou – me momentos de lazer completamente diferentes e novos:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

16. Na minha opinião a utilização das novas tecnologias tem mais desvantagens que vantagens.

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

17. Considero existirem impedimentos relacionados com o desenvolvimento de competências em TIC:

- a. Preços da formação elevados

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

- b. Falta de tempo

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

c. Conteúdos a abordar pouco interessantes:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

d. Pouca divulgação das acções de formação e dos conteúdos a desenvolver:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

e. Os custos elevados de uma acção de formação constituem uma barreira à minha actualização no domínio das TIC:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

f. Os conteúdos abordados nas acções de formação constituem uma barreira à minha actualização no domínio das TIC:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

18. Frequentar uma acção de formação de formação de TIC é algo que me motiva muito pouco.

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

19. Os motivos que me levariam a frequentar uma acção de formação no âmbito das novas tecnologias prendem – se com:

a. Exigências do mercado de trabalho

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

b. Exigências da entidade patronal

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

c. Interesses sociais e pessoais:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

20. Poucos são os incentivos que me levam a utilizar as TIC:

Discordo Completamente	<input type="checkbox"/>
Discordo	<input type="checkbox"/>
Concordo em parte	<input type="checkbox"/>
Concordo completamente	<input type="checkbox"/>

Obrigada!

3. Bibliografia

ADÃO, Áurea do Carmo, **A Escola em meio rural no Portugal do Estado Novo**. A formação dos seus Professores, no (s) discurso (s) do poder político (1933- 1956), Acedido a 15 de Fevereiro de 2009; disponível em: <http://www.grupolusofona.pt/pls/portal/docs/PAGE/OPECE/APRESENTACAO/OBJECTIVES/RESEARCH%20GROUPS/SCHOOL%20MEMORIES%20IN%20THE%20LUSOPHONE%20SPACE/MEM%C3%93RIAS%20DA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20NO%20ESPA%C3%87O%20LUS%C3%93FONO/A%20ESCOLA%20EM%20MEIO%20RURAL%20-%20ESTADO%20NOVO.PDF>;

AFONSO, CARLOS (1993), **Professores e Computadores**, Porto: Asa [existe no CD da ESEP] – para a problemática da introdução do computador no ensino e questões genéricas sobre as TIC na sociedade.

ALBANO, Estrela; **FERREIRA**, Júlia (2002); **Tecnologias em Educação – Estudo e Investigações**; Lisboa; Calouste Gulbenkian pp. 114 in SENDOV, Blagovest, Hacia la sabiduría mundial en la era de la numerización y la comunicación. Perspectivas, XXVII (3). Set./97: 447/48

ALVES, Natália; **ALMEIDA**, António José(2001); **FONTOURA**, Madalena; **ALVES**, Paulo; **Educação e Formação**: Análise dos sub-sistemas de qualificação profissional de nível III; Lisboa; Colptrinter.

APPLE, M (1987), “**Mandating Computers: The impact of New Technologies on the Labour Process**”, in WALKER, J. , BARTON, L. (Eds.) (1987), **Changing Policies, Changing Teachers – New Directions for Schooling?**, Open University Press;

BARRETO, António. **O Estado e a Educação. Cadernos do Público**. Artes Gráficas, S.A. Mirandela, pp. 15

Belchior, Fernando Henrique (1990); **A Educação de Adultos e Educação Permanente**; Lisboa; Livros Horizonte.

Bisquerra Alzina, R. (1998). Modelos de orientación e intervención psicopedagógica. Barcelona: Praxis.

BOTELHO, Teresa da Silva (2009); **As TIC no Processo de Ensino – Aprendizagem**; Actas do X Congresso Internacional Galego – Português de Psicopedagogia; Braga; Universidade do Minho; Acedido em 19 de Julho de 2010; Disponível em: <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/congreso/Xcongreso/pdfs/t12/t12c415.pdf> ;

BRITO, Conceição; **DUARTE**, José; **BAÍA**, Mário; **As Tecnologias de Informação na Formação Contínua de Professores**: Uma nova leitura, uma nova realidade; Lisboa, 2004; Acedido a 10 de Março de 2010; Disponível em [http://nonio.crie.min-edu.pt/estudos/Versao final estudo Form Con Prof.pdf](http://nonio.crie.min-edu.pt/estudos/Versao%20final%20estudo%20Form%20Con%20Prof.pdf)

CABRITO, Belmiro; **CANÁRIO**, Rui; **CAVACO**, Carmen; **CORREIA**, José Alberto; **FÉRNANDEZ**, Florentino Sanz; **FINGER**, Matthias; **JOSSO**, Marie-Christine; **LIMA**, Licínio; **MELO**, Alberto (2005); **Educação e Formação de Adultos – Mutações e Convergências**, Lisboa, Educa.

CANÁRIO, Rui (1999) “**Educação de Adultos e Desenvolvimento Local**”, In Educação de adultos, um campo e uma problemática, Lisboa, Educa, pp. 61-69.

CANÁRIO, Rui, **NÓVOA**, António (1988); **Educação de Adultos, um campo, uma problemática**; Educa, pp.152; Acedido em 10 de Janeiro de 2010; Disponível em: <http://books.google.com/books?hl=pt-PT&lr=langpt&id=kj3b2ad3q5oC&oi=fnd&pg=PA8&dq=forma%C3%A7%C3%A3o+de+adultos&ots=uuq3mkvSAP&sig=HT0ijnQllzDtuy9S0PrjPR9OWU#PPA8,M1>;

CANÁRIO, Rui, org.; **CABRITO**, Belmiro, org.; **NÓVOA**, António, pref.; **RODRIGUES**, Cristina, pref.; Textos de **CABRITO**, Belmiro... [e tal.]; (2005); **Educação e formação de adultos: mutações e convergências**; Lisboa; Educa; pp. 252; Acedido a 24 de Março de 2010 Disponível em: <http://books.google.pt/books?id=fy0o6a74QLQC&printsec=frontcover&dq=inauthor:%22Confer%C3%A2ncia+%22Educar+e+Formar++Muta%C3%A7%C3%B5es+e+Conv>

[erg%C3%AAncias+de+um+Campo+Profissional%22&hl=ptPT&ei=1Pt3TPbtN9WX4Abg5fCABg&sa=X&oi=book_result&ct=bookthumbnail&resnum=1&ved=0C CoQ6wEwAA#v=onepage&q&f=false](http://www.scribd.com/doc/26579378/Competencias-TIC-Estudo-de-Implementacao-Vol-2)

CARDIM, José Eduardo de Vasconcelos Casqueiro (2005); **Formação profissional: Problemas e Políticas**. Lisboa, ISCSP – UTL.

CORREIA, Secundino (2001); **Tecnologias da informação e da comunicação na educação**: propostas de trabalho e materiais de apoio / Secundino Correia, Manuela Andrade, Elisa Alves. - Coimbra : Cnotinfor; pp.153

CORTESÃO, Luíza (2000); **Nos bastidores da formação: contributo para o conhecimento da situação actual da formação de adultos para a diversidade em Portugal**; Oeiras: Celta; pp.117 p

COSTA, Albuquerque Fernando e tal. (2009); **Competências TIC, Estudo de Implementação**; Volume II; Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação, Lisboa, Acedido a 20 de Agosto de 2010; Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/26579378/Competencias-TIC-Estudo-de-Implementacao-Vol-2>

DIAS, José Ribeiro (1983), **Curso de Iniciação à Educação de Adultos**; Braga, Universidade do Minho, Projecto de Educação de Adultos, pp. 153

FONSECA, António Manuel (1997); **Formação pessoal e social e construção de projectos vocacionais** / António Manuel Fonseca; In: Revista Portuguesa de Pedagogia. - Coimbra. - A.31, (1-3), pp.165-193.

FONTES, Carlos, **Formação de Jovens e Formação de Adultos**; Acedido a 26 de Agosto de 2009; Disponível em <http://educar.no.sapo.pt/Formadultos.htm>;

FREEMAN, C. (1987), “**The Case for Technological Determinism**”, in **FINNEGAN**, R.; **SALAMAN**, G.; **THOMPSON**, K. (Eds.) (1987), *Information Technology: social issues*, London: Open University/Hodden and Stoughton, 5-17.

FREITAS, Cândido Varela de (1997); **Tecnologias de informação e comunicação na aprendizagem**; Lisboa: Instituto de Inovação Educacional - I.I.E; pp. 63

GARCÍA, Carlos Marcelo (1999); **Formação de Professores** - Para uma mudança educativa; Porto, Porto Editora

GRAÇA, Ana (2007); **Importância das TIC na Sociedade Actual**; Acedido em 19 de Julho de 2010; Disponível em: <http://www.notapositiva.com/trabestudantes/trabestudentes/tic/10importantic.htm>;

HOCKEY, J.; **WELLINGTON**, J. (1993); “**Information Technology in the Workplace: Messages for Employment and Training**”, *British Journal of Education and Work*, 6 (1), 57-74.

JOLY, Maria C. Rodrigues Azevedo (2002), **Tecnologia no Ensino: Implicação para a Aprendizagem**, 1ª Edição, São Paulo, Casa do Psicólogo.
JOSSO, Marie-Christine (2002) *Experiências de Vida e Formação*, Lisboa, Educa- Formação; pp. 316

LEWIS, T.; **GAGEL**, C. (1992), “**Technological literacy: a critical analysis**”, *Journal of Curriculum Studies*, 24 (2), 117-138

LIMA, Licínio (1957); **Educação de Adultos**: Fórum III / org; Braga; Universidade do Minho; 2004; pp. 235.

LIMA, Licínio C. (1994), **A Educação de Adultos (FORUM I)**, Braga, Universidade do Minho.

LOUREIRO, Armando Paulo Ferreira; **CRISTÓVÃO**, Artur Fernando Arêde Correia; **A relação dos técnicos de educação de adultos com o discurso pedagógico oficial**: um caso a norte de Portugal; Acedido a 12 de Junho de 2010; Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010173302008000400009&script=sci_arttext&tlng=enes;

MACKENZIE, D., **WAJCAM**, J. (Eds.) (1985); **The social shaping of technology**; London: OUP

MASETTO, Marcos T. (2000); **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia**. MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 12 ed. Campinas: Papirus, pp.173

MELO Alberto, **QUEIRÓS** Ana Maria, **SILVA** Augusto Santos, **SALGADO**, Lucília, **ROTHES** Luís, **RIBEIRO** Mário (1998); **Uma Aposta Educativa na Participação de todos**; 1ª edição; Editorial do Ministério da Educação.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (2007); **Percurso na Formação de professores: Com Tecnologias de Informação e Comunicação**; UFAL; pp. 261; Acedido a 3 de Abril de 2010; Disponível em: http://books.google.pt/books?id=NAYJFjynX7kC&pg=PA10&dq=inauthor:%22LUIS+PAULO+LEOPOLDO+MERCADO%22+ano&hl=ptPT&ei=yh1TMXjA4iX4gaEiLC8Bg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CC4Q6AEwAA#v=onepage&q=inauthor%3A%22LUIS%20PAULO%20LEOPOLDO%20MERCADO%22%20ano&f=false;

MIRANDA, Guilhermina Lobato (2007); **Limites e Possibilidades das TIC na Educação**; Acedido em 28 de Dezembro de 2010; Disponível em <http://sisifo.fpce.ul.pt/pdfs/sisifo03PT03.pdf>

MONCLÚS, António (1990); **Educación de adultos: cuestiones de planificación y didáctica**; México; Funda da Cultura Económica; pp. 151

PEDROSO, Paulo (1997); **A Formação e o Desenvolvimento Regional**; Revista Forma nº 24; Acedido a 4 de Maio de 2010; Disponível em: <http://www.iefp.pt/iefp/publicacoes/Formar/Paginas/Formar1997.aspx>;

Plano Tecnológico da Educação (2007); **Plano Tecnológico da Educação nos Estabelecimentos de ensino de todos os Ministérios**; Acedido em 8 de Maio de 2010; Disponível em: <http://www.escola.gov.pt/pte/PT/EspaçoMedia/Notícias/002077>;

PORTUGAL (2002); Ministério da Educação; Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento; **As tecnologias de informação e comunicação e a qualidade das aprendizagens**: estudos de caso em Portugal: OCDE / Ministério da Educação, Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento. - Lisboa : D. A. P. P.,. pp. 149

GUIMARÃES, Paula (2009); **Desafios Contemporâneos em Prospectiva** Revista aprender ao Longo da Vida – nº9 (Nov 2009)/ trimestral) – A Educação de Adultos no séc XXI –; Universidade do Minho / Ilustrações Luís Miguel Castro;

ROBINS, K.; **WEBSTER**, F.; (1987), “**Dangers of Information Technology and Responsibilities of Education**”, in FINNEGAN, R.; SALAMAN, G.; THOMPSON, K. (Eds.) (1987), Information Technology: social issues, 145-159

ROBINS, K.; **WEBSTER**, F. (1989); **The Technical Fix - Education, Computers and Industry**, London: Macmillan.

SALGADO, Lucília (1995); **Perspectivas de educação de adultos na formação de professores** / Lucília Salgado in: Inovação: revista do Instituto de Inovação Educacional. - Lisboa. - Vol.8, (3), pp. 251-262.

SILVA, Ferreira Keitiece; **NETO**, Sertório Amorim e Silva; **O Processo de Ensino Aprendizagem apoiado pelas TIC’S**: Repensando Práticas Educacionais; Acedido a 20 de Agosto de 2010; Disponível em <http://ciberfaces.iscte.pt/pt/documentos/cita/sugestio.html>

TAVARES, VERA (2009); Orientação Vocacional e profissional: um estudo sobre o funcionamento das estruturas de orientação nas escolas do Distrito de Braga; Universidade de Granada.

UNESCO (1976), Carta de Nairobi 1976 Unesco - Organização das Nações Unidas Para a Educação, a Ciência e a Cultura 19ª sessão; Acedido 22 de Agosto de 2010 Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/viewFile/339/248>;

UNESCO (1976); Recommendation on the development of adult education adopted by the General Conference at its nineteenth session. Nairobi, 26 november Paris, s/d: trad. Port. da D.G.E.P.; Lisboa 1978.

VILAS, Ana Paula de Sousa Rodrigues; “MOTIVAÇÃO DOS PROFESSORES FACE À UTILIZAÇÃO DAS TIC - ESTUDO DE GÉNERO; Ministério da Educação – Departamento de Avaliação, Prospectiva e Planeamento; 2002,pp 60; Acedido em 19 de Julho de 2010; Disponível em <http://repositorio.uportu.pt/dspace/bitstream/123456789/141/1/TME%20348.pdf>;